Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1973 — N.º 18 006 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

Almoçar na Baixa: um drama?

APELO DE POMPIDOU PARA SALVAR OS GAULLISTAS

Milhares de pessoas que trabalham no centro da cidade e que, ao mesmo tempo, vivem fora dela ou muito longe do emprego vêem-se obrigados a recorrer aos restaurantes locais na sua hora de almoço. Há quem prefira os «self-service», por serem mais rápidos e económicos e há quem se contente em tragar um «prego» no pão, ao balcão de qualquer pastelaria ou bar, também para não gastar tempo e dinheiro. No entanto, seja qual for o estabelecimento a que se dirija, o funcionário da Lisboa-centro encontra sempre o mesmo problema: muita gente, pouco espaço e falta de serviços rápidos. Num breve inquérito que realizámos precisamente sobre a hora do almoço nas ruas da Baixa e imediações, as respostas colhidas bateram sobretudo esta tecla: os restaurantes do centro da cidade são poucos, caros e de serviço lento. (Pág. 10).

Pompidou fala esta noite aos franceses pela televisão, para lhes dirigir um apelo que os gaullistas esperam venha a ter repercussões na campanha eleitoral a decorrer em França. Falando apenas um dia depois da última sondagem à opinião pública, em que a esquerda surgiu com uma vantagem recorde de 11 por cento, Pompidou, segundo os observadores, não deverá dramatizar a situação, mas salientará que lhe será difícil prosseguir com o seu trabalho, desde que a oposição passe a controlar a Assembleia Nacional. A última sondagem à opinião pública, publicada pelo «Figaro», revelava que a maioria pensava que o presidente se devia manter acima dos partidos mas para salvar os gaullistas, Pompidou parece disposto a tomar parte activa na campanha eleitoral. Nos círculos situcionacionistas espera-se que a autoridade presidencial faça oscilar os pratos da balança novamente a seu favor, salvando a maioria governamental. (R/DL).

TELEX DE JOAQUIM LETRIA

Belfast: barricadas a arder

. LONDRES, 8 — O exército britânico estava a pensar sèriamente em pedir reforços para a Irlanda às primeiras horas do dia de hoje. Actualmente, 16.500 soldados britânicos lutam na Irlanda do Norte para evitarem que o conflito entre protestantes e católicos (que nos últimos três anos matou mais de 700 pessoas) assuma proporções mais dramáticas.

A indecisão de aumentar o contingente estacionado na Irlanda do Norte é motivada pela terrível pressão que as forças de segurança têm suportado desde a greve de um dia convocada pelos militantes protestantes. Tremenda onda de violência surgiu durante todo o dia de ontem e esta madrugada. Pelo menos mais três pessoas foram mortas.

Por razões de segurança, famílias católicas inteiras procuraram refúgio numa quinta perto de Anderstown, enquanto multidões assaltavam esquadras de Polícia e havia tiroteio dentro e fora de Belfast, a capital, onde diversos fogos postos irromperam.

Entre os incêndios que iluminaram Belfast, o que maior proporções teve foi o de uma igreja católica junto da qual crianças, presumivelmente protestantes, esmagavam e queimavam ornamentos e paramentos religiosos.

As autoridades clamaram que houve intimidação constante para a greve de ontem. Um oficial da polícia descreveu a situação da violência como um tapete de alfinetes espalhado por toda a planta de Belfast. Fora da capital tem igualmente havido recontros esporádicos e há notícias de civis e soldados mortos ainda por confirmar. No momento em que escrevo, ouço pela rádio a notícia de que na parte oriental de Belfast há barricadas a arder.

Avião contra prédio: pelo menos 14 mortos

Morreram pelo menos 14 pessoas quando um jacto da Marinha dos EUA se despenhou, ontem à noite, contra um bloco de apartamentos na cidade de Alameda, na Califórnia. A Polícia disse que se tratava de um desastre de grandes proporções e receia-se que o número de vítimas venha a revelar-se mais elevado, uma vez que viviam cerca de cem pessoas no prédio contra o qual embateu o «Corsair», que efectuava um voo de treino. O combustível do aparelho incendiou-se e explodiu, espalhando as chamas a três prédios, um dos quais ardeu completamente, e a diversos automóveis estacionados na rua. O prédio directamente atingido ficou reduzido a escombros. O «Corsair» preparava-se para aterrar na base naval de Alameda, junto da baía de San Francisco, quando sùbitamente se despenhou, indo embater no prédio, a pouco mais de um quilómetro da pista. A gasolina em chamas impediu o rápido acesso ao local. (R/DL).

As chamas envolvem completamente o prédio, (Telefoto UPI/Telimprensa

COBRAR TAXAS É CARO

Após semana e meia de debates do aviso prévio sobre meios de comunicação social, o deputado Magalhães Mota conclui, entre outras coisas, que é urgente rever o problema das taxas de rádio e televisão. De facto, a cobrança das mesmas custa verbas difíceis de imaginar. (Assembleia dia-a-dia» na pág. 2).

O dólar na corda bamba

O dólar continua a baloiçar-se na corda bamba. Na Alemanha Federal pensa-se que serão necessárias medidas conjuntas, a tomar pelos países da Europa Ocidental, para salvar a moeda norte-americana. Entretanto, a recusa do chanceler Willy Brandt em revalorizar o marco alemão, como medida para auxiliar o dólar, faz admitir a hipótese de que, como represália, os Estados Unidos ergam novas barreiras às exportações europeias e japonesas. Em Tóquio, o Governo japonês recusou-se igualmente a revalorizar o iene, apesar das enormes pressões que os EUA estão a exercer nesse sentido. Porém, esta firmeza em Bonn e Tóquio, não dissuadiu os especuladores que esperam obter ganhos com as revalorizações daquelas duas moedas. (UPI/ANI/DL).

LEIA HOJE

. No «Suplemento Literário», a resposta de Oscar Lopes a José Augusto Seabra, bem como textos de Eduardo Prado Coelho, Vítor Ramos, Isabel da Nóbrega, José-Augusto, Carlos Porto, Helder de Sousa, Torquato da Luz, José Luís Porfírio, etc.

LEIA AMANHÃ

. Na «Mesa Redonda», uma mesa-redonda com um grupo de pais e técnicos de recuperação de crianças dominuídas. E ainda «Ameaças à Intimidade da Vida Privada» e «Não Há Segredos para os Espiões Tecnológicos», dois artigos em que se abordam aspectos jurídicos e sociais do controle da vida privada dos cidadãos.

EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS

DL/NACIONAL

Cobrar taxas custa muito

Em cinco anos (1966/1971) os encargos com o serviço de cobrança de taxas de rádio e televisão, calculados por defeito e sem incluir as despesas inerentes ao funcionamento dos tribunais (2443084 processos instaurados por não pagamento) ascendem a mais de 125 mil contos, a que deve acrescentar-se perto de 24 mil pagos aos CTT por despesas de cobrança revelou o dr. Magalhães Mota na conclusão dos debates do aviso prévio sobre meios de comunicação social. Segundo o mesmo deputado, esses números, são «**em relação ao orçamento para o ano em curso, na sua média anual, idênticos ao valor das bolsas de estudo, metade do atribuído para a prevenção da saúde pública, 1/4 da verba atribuída para electrificação rural**». Mas a cobrança das taxas rende uma quantia dez vezes superior revelou também.

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

CONCEITOS DE INFORMAÇÃO

Já que falamos em meios de comunicação e da informação, abordemos antes de mais o período que antecede a ordem do dia. O deputado Camilo de Mendonça, um pouco dentro do clima emocional que esta semana marcou os trabalhos da Assembleia Nacional, veio ontem fazer um apelo à serenidade. Defendeu os seus princípios políticos.

Afirmou que poucos deputados do mundo gozam de tanta independência e liberdade de acção como os portugueses.

Referindo-se indirectamente a afirmações de colegas seus (ou ex-colegas), acusou-os de pensarem de maneira contrária.

Acontece, porém, que o eng. Camilo de Mendonça estendeu as suas apreciações para campos extra-parlamentares.

«**E nem se invoque a publicidade na grande imprensa dos trabalhos e iniciativas parlamentares já que, um pouco provincianamente e talvez também pela falta de escândalos morais, de crimes célebres ou de histórias de tráfegos de estupefacientes o relato dos acontecimentos parlamentares é entre nós muitas vezes mais extenso, frequente e pormenorizado do que na generalidade dos outros países**». E o deputado comentou a seguir: «**Não podemos pois deixar de encontrar muito de provincianismo e muito mais de ridículo em frequentes afirmações que a este propósito por vezes se produzem com ofensa à verdade dos factos e ao paralelismo de procedimentos**».

O orador generalizou, não citando quais os órgãos «da grande imprensa» a quem faltam os escândalos para suprir o relato dos trabalhos parlamentares. Para o mesmo deputado, por vezes produzem-se na «grande imprensa» afirmações «provincianas e ridículas» que «ofendem a verdade dos factos». Finalmente, diz o deputado: «**É mais um ponto em que o apelo à serenidade, moderação e equilíbrio se impõe**».

OUTRAS INTERVENÇÕES

O deputado de Bragança falou antes da ordem do dia, tal como os seus colegas Roboredo e Silva (impressões da reunião interparlamentar para a cooperação e segurança europeias, realizada em Helsínquia); Henrique Tenreiro (agradecimento ao Governo pela extensão de benefícios da Previdência aos familiares dos pescadores); Nicolau Martins Nunes (política ultramarina, especialmente no que diz respeito à Guiné); e Leal de Oliveira, prevenindo que, face aos novos condicionalismos, será perigoso manter a actual divisão regional da província algarvia, para efeitos de planeamento e integração das realizações do IV Plano de Fomento.

Foi, de resto, uma reunião calma, iniciada com a presença de 66 deputados. Na ordem do dia, concluiu-se a discussão do aviso prévio do dr. Magalhães Mota sobre meios de comunicação social e política de informação. Antes do discurso final do deputado-avisante, ainda usaram da palavra Castelino e Alvim, Pinto Castelo Branco e Almeida Cotta: todos para dizerem que as coisas não estão tão mal como já foram pintadas, e que, acima da «liberdade de expressão» encontram-se outros princípios vitais que têm de ser defendidos.

CONCLUSÕES SEM MOÇÃO

O dr. Magalhães Mota entendeu fugir à tradicional moção de compromisso aprovada pelo plenário. Chegou às suas conclusões e, disse, o Governo deve ficar com elementos para melhor julgar. De resto, afirmou também, gostaria que os debates sobre problema tão importante não ficassem por aqui.

As conclusões a que chegou, depois de semana e meia de debates, foram as seguintes:

«1 — O monopólio da informação é contraproducente na medida em que gera a incredibilidade. Haveria assim que modificar os entraves legais que se opõem à criação de emissores de rádio e assegurar o acesso à TV (se se entender manter depois de 1975 uma única concessionária).

2 — A problemática da recepção da informação é particularmente ignorada na política vigente. Não existem possibilidades de «feed-back», nem se promove a liberdade e o gosto da reunião que possibilitam a recepção em grupo.

3 — Parece indispensável o alargamento do espaço-tempo em que nos movemos através da informação.

Precisamos de poder seguir um noticiário internacional, sem dramatismos de encomenda, um carregamento de ironias provincianas ou o partidarismo apriorístico de quem vê e mede o Mundo pela bitola e com a superioridade da sua aldeia do século passado.

4 — O fomento da informação especializada, uma vez que já não se afigura possível falar ou escrever sobre todos os assuntos, afigura-se também da maior importância e, com possíveis excepções, no que se refere às letras e artes plásticas e economia, corresponde a uma lacuna da nossa informação.

5 — A situação ético-jurídica da publicidade em Portugal é alguma coisa que faz pensar. Parece urgente retirar-lhe a possibilidade (que detém e, por vezes, usa) de actuar subliminalmente e com ofensa de numerosos dirigentes dos utentes.

6 — O problema das taxas de rádio e televisão carece de urgente revisão. Como se sabe, a televisão tem diversas receitas, das quais a maior é a da publicidade mas de que o produto da cobrança de taxas também conta. Nos últimos tempos a sua actividade tem sido lucrativa e assim os accionistas, sob forma de dividendos, beneficiam das taxas que pagamos.

Estará certo? Penso que não. Posso acrescentar (e tais elementos oficiais devo à generosa amizade do deputado dr. Alberto Meireles que os requereu e obteve) que o número de processos executivos por taxas em dívida instaurados nos juízos fiscais nos anos de 1966 a 1971 ascendem a 2 443 084 — e abstenho-me de deste número tirar quaisquer ilacções. Acrescentarei apenas que os encargos com o serviço de cobrança de taxas, calculados penso que por defeito e sem incluir portanto as despesas inerentes ao funcionamento dos tribunais ascendem, no mesmo período, a 125 693 237$50 com mais 23 813 868$80 pagos aos CTT por despesas de cobrança.

Claro que as receitas obtidas são cerca de dez vezes superiores a esta despesa.

Mas, assim mesmo, parecem-me os números das despesas capazes de fazer pensar».

Os trabalhos prosseguem na terça-feira, com o início da discussão da proposta de Lei de Defesa da intimidade da vida privada.

CURSOS DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO NA EMPRESA

No prosseguimento dos cursos que a Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa tem vindo a realizar, com vista à formação e aperfeiçoamento de dirigentes e quadros especializados em Documentação e Informação, estão previstos para o terceiro trimestre deste ano, os seguintes seminários: «A informação na Gestão da Empresa», de 16 a 19 de Abril e «Classificação de Documentos», de 30 de Abril, a 4 de Maio, orientados respectivamente pelo dr. Luís Palma Féria, assistente do Serviço de Produtividade do INII e por Georges Sandeau, director da Biblioteca e do Centro de Documentação do Instituto Europeu de Administração de Negócios. As informações podem ser solicitadas ao organismo que promove estes cursos.

O SINDICATO DOS CAIXEIROS VAI CONTESTAR A IMPUGNAÇÃO DAS ELEIÇÕES

Uma proposta no sentido de o Sindicato Nacional dos Caixeiros e Peofissões Similares contestar a acção de impugnação das eleições das suas Secções Profissionais feitas pelo INTP foi ontem aprovada por aclamações, no decorrer de uma reunião geral de sócios efectuada na Voz do Operário.

Perante grande assistência, o presidente da direcção do organismo, Malaquias Pinela, referiu-se a todo o processo da impugnação — o qual já referimos amplamente na nossa edição de anteontem — e após ter sido decidido contestar-se a acção, foi também aprovada uma moção pedindo a anulação da impugnação, a ser dirigida ao Ministério das Corporações, bem como um telegrama de protesto dirigido ao INTP.

Foi resolvido igualmente constituir-se uma comissão de sócios que irá pessoalmente entregar o texto da moção ao Ministério das Corporações, após ser subscrita por todos os associados, na próxima segunda-feira, na sede do Sindicato.

No decorrer da reunião foi ainda largamente referido o problema do aumento das quotas dos associados, por estes há já largo tempo aprovado mas ainda não homologado pelo Ministério das Corporações, com graves inconvenientes para o Sindicato. Efectivamente, o organismo registou o ano transacto um défice de cerca de 600 contos dado o extraordinário aumento do contencioso e expediente.

No final da reunião os representantes dos orgãos de Informação foram alvo de prolongados aplausos pelo apoio dado aos assuntos sindicais.

"Os tranca-portas" voltaram a Coimbra

Aqui há anos, a Imprensa levantou uma campanha contra os chamados **tranca-portas**, isto é, certos jovens que, à falta de onde empregarem melhor o seu tempo, juntavam-se às portas dos estabelecimentos, impedindo que os clientes ali entrassem, a tratar da sua vida.

A campanha deu resultado, e a Polícia, usando de meios brandos e adequados, conseguiu livrar a cidade daquela fauna tão prejudicial.

Acontece que agora os **tranca-portas** voltaram, e em maior número, com a agravante de que aos jovens se juntaram, também, as jovens, principalmente as raparigas do ensino secundário, que são, neste caso, em maior número.

Quem, das 17 às 19 horas, tenha de entrar num estabelecimento das ruas Visconde da Luz ou Ferreira Borges, esperar por um veículo dos transportes colectivos ou girar para tratar da vida, já sabe que se vê e deseja para o fazer porque não há pedido delicado — ou empurrão brutal — que os faça arredar um pouco ou circularem em vez de continuarem parados.

Claro que têm de ser tomadas as urgentes medidas que coíbam tal abuso, a tornar-se cada vez mais insistente e perturbador!

GENE HACKMAN
KAREN BLACK
KRIS KRISTOFFERSON e VIVA

UMA PISTA... UM POLÍCIA... MUITO DINHEIRO... E TÃO POUCO TEMPO!

GRUPO D 18 ANOS

NAS MALHAS DA REDE
(CISCO PIKE)

com HARRY DEAN STANTON
esc. e real. por GERALD AYRES · prod. BILL L. NORTON

AMANHÃ-ESTREIA ÀS 21h45 NO EDEN

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)
SÓ ATÉ DIA 10 às 22 horas
Sábados também às 16 horas
«ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»
de Romain Woingartem, com Carmen Dolores, Ana de Sá e Augusto Figueiredo
Direcção de Jorge Listopad
Marc. Telef. 677299
Maiores 14 anos
Sub. Fundo Teatro

AMANHÃ
ROMA
ZAPATA!
GRUPO D - 18 ANOS

DL/OPINIÃO

DA NORUEGA A SETÚBAL

Não tem sido pequeno o alarido levantado à volta das chamadas sociedades permissivas, acusadas, como se entende, de tudo permitirem no plano dos costumes, os quais, como se entende igualmente, passaram a ser matéria de estrita responsabilidade pessoal, limitando-se a sociedade ao papel de equilibrador das múltiplas vontades postas em acção, e necessàriamente contraditórias. Se esta não é a situação verificável já hoje, para ela se tenderia, embora se reconheçam, num processo de algum modo irreversível, regressões e paragens capazes de atirarem a probabilidade à vista para tempos de tal modo distantes quenós, gerente desta época, não lhes tocaremos nem com as pontas dos dedos...

Opõem-se às sociedades permissivas as sociedades tradicionais, que, neste caso, por maior rigor linguístico, se deveriam denominar coercivas. Assentam estas em conjuntos de regras, mediante os quais se pretende defender o indivíduo e a sociedade, simultâneamente, dos malefícios que de cada um poderiam advir ao outro. Trata-se, segundo uma imagem que hoje já nada significará para muita gente, de meter o Rossio na Betesga, qualquer coisa como estar e não estar ao mesmo tempo no mesmo lugar... Na prática, as regras instituídas e consagradas acabam por sobrepor-se aos interesses que se propunham servir e respeitar, actuando, portanto, em puro benefício de quem melhor estiver em condições de manipulá-las: cada vez menos o indivíduo investido de autoridade particular, cada vez mais os grupos privilegiados por poderes não necessàriamente morais...

Longe nos levaria esta divagação se ela não pretendesse ser apenas um pano de fundo para o comentário benigno que hoje toma lugar e dá opinião. Acreditamos que as palavras acima escritas não se mostrarão, aos olhos do leitor, inadequadas ao que vai seguir-se e, pelo contrário, o iluminarão de um ângulo que melhor fará ressaltar as sombras e os contrastes. E se tal não acontecer, será exclusiva culpa nossa, pois não soubemos ser bastante claros...

Segundo informaram as agências noticiosas, o parlamento norueguês votou por esmagadora maioria a lei que proíbe o tabaco, em geral, e os cigarros em particular aos menores de 16 anos, ficando também proibida toda a publicidade do tabaco e passando a ser obrigatório os maços terem um aviso aos fumadores no qual se chama a atenção para os perigos do produto. Se a Noruega é ou não uma sociedade permissiva, em sentido absoluto, eis o que não vale a pena discutir: mas é-o certamente em comparação com outras que abertamente se declaram tradicionais, como, por exemplo, a nossa. Não obstante, é dal que surge uma medida autoritária sobre matéria sobejamente disscutida em todo o Mundo e que, entre nós, não encontrou ainda regulamentação que sirva o que supomos ser, pacificamente, o interesse geral, objecto costumado das atenções oficiais em Portugal... Por aqui se vê quanto é fácil, afinal, caírem em contradições graves as sociedades coercivas, capazes de levarem a permissibilidade a extremos donde recuam as permissivas ou que para lá caminham.

Felizmente que somos povo para inventar soluções novas, mesmo quando não tão eficientes como as antigas que recusamos. E o caso da associação de não fumadores que está a organizar-se em Setúbal e cujos estatutos estabelecem pesadas multas para os infractores: o principal objectivo da nova associação é a oferta anual de uma casa a uma família necessitada, o que significa transformar o fumo imponderável em sólido tijolo, a frágil mortalha em telha resistente... Todas as boas intenções são de agradecer, sobretudo em tempos de crise de habitação, como estes nossos. Mas para resolver o problema do consumo do tabaco, melhor está o parlamento norueguês do que a associação setubalense, melhor os cancros do pulmão a menos do que as casas a mais...

Londres espera o diálogo

Agora que Salisbury levantou o bloqueio à Zâmbia e que os guerrilheiros nacionalistas se animam, pensa-se aqui que Ian Smith vai querer dialogar de novo com os dirigentes africanos moderados do seu país sem o que a Rodésia poderá cair numa crise política e racial perigosa para toda a Africa Austral.

Em Whitehall espera-se que Smith aproveite algo do espectacular fracasso que constituiu a sua tentativa de impor sanções à Zâmbia. Aliás a sua posição no plano interno deve estar já a sofrer com o sucedido. E muito possível que Smith pense agora em chegar a um acordo com os africanos, condição primária para que a Grã-Bretanha reconheça legalmente a independência da colónia. Terá Smith coragem para o fazer ou sucumbirá às pressões dos extremistas que pretendem a aplicação de uma política de segregação racial exagerada? Pensa-se aqui que a decisão que tomar dependerá em parte dos conselhos dos seus «protectores» sul-africanos.

A posição de primeiro-ministro tremerá mais ainda se a Zâmbia mantiver a sua fronteira encerrada este contrabloqueio causaria à economia rodesiana um prejuízo de cerca de 20 milhões de libras por ano.

E possível que Kaunda volte a utilizar a linha de caminho de ferro Rodésia-Beira. Esta é aliás muito mais vantajosa que a de Benguela cujo uso depende das autoridades portuguesas. Por outro lado a via que leva a Dar-Es-Salaam parece demasiado cara enquanto não estiver pronto o caminho de ferro «Tanzam» (Tanzânia-Zâmbia).

Se, no entanto, o presidente da Zâmbia se mantiver inflexível, o Zambeze pode vir a tornar-se uma verdadeira frente entre a Africa Austral e os países independentes situados ao norte, perspectiva que desagrada a Londres. Assim, o Governo de Heath vai, discretamente, aumentar os contactos com Ian Smith, para lhe dizer apenas que deve pactuar com os africanos já, antes que seja tarde.

Concorde e inveja

A decisão de duas companhias aéreas norte-americanas de recusarem o avião supersónico Concorde, deu origem a um sentimento antiamericano por parte de muitos franceses.

Políticos franceses, a Imprensa e cidadãos comuns acusaram os Estados Unidos de tudo, desde «imperialismo económico» até inveja, desde que as duas companhias, «PanAmerican» o «TWA» desistiram das suas 13 encomendas.

Um jornal diário de grande tiragem, o «Parisien Libré» deu a sua versão dos motivos dos americanos: «Há muito tempo que o Concorde é um motivo de inveja para os Estados Unidos».

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luciano Caetano MONTE DA CAPARICA

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

MÚSICA AO LONGE

Velho caderno dos meus treze anos, achado há dias entre papelada...

Nele apontava «pensamentos» lidos neste ou naquele livro, pequenas pedras num caminho de descobertas, todos os dias novas descobertas, que a febre e a avidez me impeliam a reter assim, por meu punho, para as encontrar ali sempre à mão («apprivoise-moi!»).

Ao reler máximas, conceitos, versos, sentenças, umas com o nome dado, outras por mim isoladas de textos que eram, antes, ainda, **o texto**, e depois, só então, máximas, conceitos, versos, sentenças, **claras-vias** para a descoberta, por escolha e gosto pessoal, fiquei surpreendida. Deveria guardá-las para mim. Só em livro, onde o olhar do leitor é de franco ódio ou de franco amor, mas não indiferente, não distraído, só em livro deveria arriscar expor esses quadradadinhos de adolescência. Merecem respeito — não quererei preservá-los do «mau olhado»?

Escrita esta palavra, logo sopra uma voz em remoinho instigando-me a exibir, quanto mais não seja, dois ou três sublinhados, precisamente para exorcizar... E como me acho concordante com a voz (porque sempre pensei que era esse o remédio santo contra o mau olhado: enfrentar, ousar, avançar, teimar em ser eu), deixo entrever algumas notas da secreta adolescente, que no caderno alinhava Pascal, Duhamel, Romain Rolland, P. Daniélou, Lamartine...

«Não se educa na verdade sem abalar alguns ídolos».

«Apesar do seu espírito de observação sempre alerta, e que não esquecia nada, lhe fazer notar na conduta do pai coisas que não eram conformes ao seu instinto infantil, imperioso de justiça, continuava no entanto a admirá-lo. E uma tal necessidade, na criança. Talvez não passe de uma das formas do eterno amor de si próprio.»

«Era como se houvesse uma massa de coisas muito importantes, que não se podia dizer, ou que era inútil dizer, porque toda a gente as sabia, e porque as coisas eram assim, desde sempre.»

«Há um dever recíproco entre Deus e os homens. Deus tem de cumprir as suas promessas».

«Os mesmos instintos são uma espécie de parentesco entre os homens.»

De repente uma transcrição muito simples, muito chã, muito superficial, espuma no meio de rochas inofensiva, em suma.

Qualquer coisa copiada de uma revista francesa, qualquer coisa como o quadro a que alguém, o narrador assistiu, num engarrafamento de trânsito, no centro da cidade.

As buzinas buzinavam já o toque da impaciência, as expressões dos motoristas carregavam-se, os rostos dos que seguiam nos autocarros, lisos e engomados ainda pela luz da manha, pareciam afinal amarrotados com as rugas da ansiedade. As impercações estralejavam por todos os lados. O relógio do ponto... a senha do hospital... a campainha da escola... o cliente da hora marcada...

De súbito, um jovem ao volante puxa de uma gaitinha de beiços e começa a tocar com toda a convicção. Resultado: os rostos desanuviam-se, de um para outro carro, de uma para outra plataforma, até onde chegava a melodia: trocavam-se sorrisos, os que praguejavam calavam-se, envergonhados, a insistência da música, a alegria da música, vencia-os.

A adolescente também copiara com aplicação a moral da história.

E foi toda essa ingenuidade, a da cena pròpriamente dita, e a da menina a misturá-la com os seus tesouros, respigados em livros que não achara à mao mas que escolhera sózinha, foi toda essa ingenuidade que hoje, quando, na plataforma do eléctrico, cansada, no meio de gente cansada, impaciente, no meio de gente impaciente pela demorada paragem devido a um engarrafamento de trânsito, me fez sorrir por entre as imprecações, enquanto ao longe, muito ao longe, ouvia a música maliciosa e sem estilo de uma gaita de beiços que moço ao volante de uma carripana, a anos-luz de distância, tocara certa manhã, para se alegrar.

Exclusivo «The Los Angeles Times» / «DL» ROBERT ELEGANT

OS CHINESES, OS AMERICANOS E O VIETNAM

SAIGÃO — Uma declaração de Pequim, notàvelmente sombria e deliberadamente não inflamatória, sobre o acordo de paz no Vietname deu uma indicação vital quanto às razões da calma serenidade e expresso optimismo da administração Nixon, no momento em que o cessar fogo nesta região parece malograr-se.

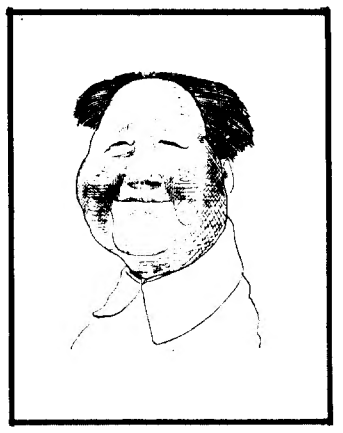
Fontes bem informadas de Saigão indicaram que Washington considerou a China como o seu trunfo principal em circunstâncias aparentemente fracas. Pequim, informaram estas fontes, não deseja apoiar a continuação da luta dos norte-vietnamitas para tomarem o Sul, perferindo Estados-tampões mais pequenos, efectivamente neutrais, como o Camboja, o Laos e, até, o Vietname do Sul, em vez de uma Indochina unida e forte sob o controlo de Hanoi.

Os observadores sentiram que as principais razões pelas quais o presidente americano e o seu conselheiro Henry Kissinger concordaram com um armistício duvidoso, mesmo no papel, se devem ao facto de terem compreendido que os chineses se movimentariam para conseguir esse objectivo. Disseram ainda os observadores não haver provas de nenhum firme «acordo secreto» entre Washington e Pequim. Mas, acentuaram, os acontecimentos foram certamente «explorados» durante as extensas conversações sino-americanas.

Em face disto, parece haver pouca razão para optimismos. A luta no Vietname do Sul ainda não terminou. Saigão e Hanoi estão a acusar-se e a contra-acusar-se mùtuamente de violações do cessar fogo, e ambos têm bases para as suas acusações.

A mensagem de congratu-

Continua na pag. 4



DL/REGIONAL

"D.QUIXOTE" EM FARO

O grupo de teatro do Campolide Atlético Clube, dirigido por Joaquim Benite, desloca-se no próximo dia 10 do corrente a Faro, onde apresentará a peça «**História de D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança**», de António José da Silva («O Judeu»), um trabalho distinguido pela crítica como uma das boas realizações, ao nível de teatro amador (e não só), que foram postas em cena no decorrer da última temporada.

ÁTICA

EDITORES LIVREIROS

Rua Alexandre Herculano, n.º 17-A — Lisboa-2

«COLECÇÃO JURÍDICA PORTUGUESA»

LEGISLAÇÃO MÉDICA ANOTADA

João Alcides de Almeida e Francisco José de Miranda Duarte

Volume I

Exercícios da Medicina

Uma obra da maior utilidade para médicos e juristas, contendo o Estatuto da Ordem dos Médicos, Regulamento do Internato Médico, legislação sobre o Exercício Ilegal de Medicina, Código do Imposto Profissional, etc.

55$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA:

LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37

AMADORA

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

41.541 — 2.450.000$00
22.716 — 245.000$00
49.485 — 140.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

41.540 — 7.507$50
41.542 — 7.507$50

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

1.940; 5.029; 5.404; 8.076; 12.398; 12.575; 18.801; 20.253; 21.004; 23.968; 26.792; 28.392; 29.130; 30.064; 32.508; 34.768; 35.983; 36.804; 38.134; 39.613; 39.714; 39.871; 40.690; 42.109; 42.262; 42.533; 42.972; 43.950; 46.777; 48.170; 49.002 e 49.158

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

22.701 a 22.800; 41.501 a 41.600 e 49.401 a 49.500

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 471 ou 821, são contemplados com 735$00, no bilhete de cada série e os terminados em 275, 276, 562 ou 863, são contemplados com 560$00. Por sua vez os números cujos dois últimos algarismos sejam 12, 17, ou 58, são contemplados com 350$00, também em cada série. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 1, têm direito a 175$00, de prémio, também no bilhete de cada série. **Os prémios acima referidos respeitam a cada uma das duas séries da emissão.**

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 4.900 contos das duas sortes grandes e os 280 contos dos dois 3.ºs prémios foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte.

JOVEM ENTALADO NUM ELEVADOR

Luís Fernandes da Silva, de 12 anos, deu esta manhã entrada no Hospital de S. José gravemente contundido em virtude de ter entalado o pé esquerdo entre a cabine e a plataforma de um elevador na rua Cidade de Benguela, lote 261. Cerca das 13 horas da tarde o jovem, residente no Bairro das Casas Pré-Fabricadas, rua 12, que foi retirado do elevador pela brigada dos Sapadores Bombeiros e por eles transportado ao Hospital, ainda não fora atendido pelo que, segundo nos informaram daquele estabelecimento hospitalar, o «seu estado não deve ser grave.

NEM OS TROCOS DEIXARAM

No Estado Universitário, junto ao Hospital de Santa Maria, foi encontrado ontem à noite, pelo agente de serviço na área, um pequeno cofre pertencente ao Centro de Enfermagem do Rato, que tinha desaparecido a semana passada.

A Polícia identificou a proveniência do cofre pelos documentos encontrados no seu interior, pois do dinheiro roubado, cerca de cinco contos, nem os trocos restavam.

PEDRADAS NAS MONTRAS

Embora a Idade da Pedra Lascada se encontre apenas presente nas descrições dos historiadores e nas imagens projectadas nos **écrans**, a pedra que foi arma de guerra nesses tempos remotos ainda continua a servir (e bem) certos empreendimentos belicistas dos homens da Era Atómica.

Vem este áparte a propósito da frequência com que os gatunos em actividade na zona de Lisboa e arredores utilizam a pedra para levar a cabo os seus golpes de mão (ao caso golpes de pedra).

Assim aconteceu uma vez mais esta madrugada. Partindo os vidros das montras com pedras arrancadas das calçadas das ruas, os assaltantes introduziram-se num armazém de pronto-a-vestir em S. João da Palha, Sacavém, furtando uma máquina registadora avaliada em vinte cinco contos e ainda uma tabacaria da Avenida General Roçadas, 34, onde se apoderaram de cinco isqueiros de mesa no valor de seis contos.

A Polícia Judiciária que compareceu em ambos os locais procede agora às necessárias averiguações.

«STOP» NO ESTORIL — 64 AUTUAÇÕES

Durante uma operação **stop** efectuada, ontem à noite, pela Secção de Trânsito da P. S. P. no Estoril e Monte Estoril, entre os 438 carros particulares e os 32 táxis fiscalizados verificaram-se 64 autuações, 27 das quais por falta de livrete e 8 por deficiência de luzes.

No mesmo período foram ainda recuperadas 31 viaturas, tendo, entretanto, desaparecido os carros seguintes: EI-93-04, Land Rover; PP-31-19, Austin; GH-81-12, Austin 1000; FF-88-66, Austin 1000; DL-88-94; BC-85-12, Fiat 850; FL-84-94, Fiat 124; GH-70-71, Fiat 124; BD-22-17, Fiat 1100; IE-67-19, Datsun; HH69-79, Peugeot; BG-70-93, Citroen DS-19; e IG-37-41, Ford Trânsit.

ROTARY CLUBE

O Rotary Clube de Lisboa realiza no dia 13 mais uma reunião de convívio.

A essa reunião estará presente Eurico da Fonseca, membro do Rotary Clube de Almada, o qual falará sobre alguns resultados científicos da exploração lunar, durante as viagens das naves «Apollo 16 e 17» os quais serão acompanhados pela projecção de um filme elucidativo.

Profissionais de Artes Graficas

Decorre amanhã à noite, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais das Artes Gráficas do Distrito de Lisboa, uma reunião promovida por um grupo de sócios e destinada a discutir assuntos relacionados com as eleições dos corpos gerentes do organismo, marcadas para o próximo dia 3 de Maio.

O Sindicato é actualmente gerido por uma comissão administrativa nomeada pelo Ministério das Corporações em Novembro último, a segunda que o organismo conhece após a demissão da última direcção, registada há cerca de um ano. Os associados que agora preparam as eleições pretendem, com o apoio da classe, «**arrancar o Sindicato da letargia em que tem vivido e transformá-lo num organismo vivo, livre e actuante.**»

OS CHINESES, OS AMERICANOS E O VIETNAM

Continuação da pag. 3

lações de Pequim para Hanoi e para o G.R.P. deu prova pública evidente das circunstâncias particulares que, aparentemente, se encontram por detrás da atitude da administração.

A mensagem estava assinada pelos quatro principais chefes da China: o presidente Mao Tsé-tung, o presidente (em exercício) da República Popular, Tung Pi-Wu, o presidente do Congresso Nacional Popular, Chu Teh, e o primeiro-ministro Chu En-Lai. Ela saúda o tratado de paz como «perspectiva aberta para a paz, independência, unidade, democracia e prosperidade» para todo o Vietname.

Mais importante ainda, a mensagem traçou uma linha clara entre o Vietname do Norte e do Sul. O povo do Norte era instado a «consolidar e construir o Norte socialista». O povo do Sul era solicitado a trabalhar em conjunto pela «democracia e unidade nacional».

A mensagem chinesa expressava nitidamente a esperança de que as duas organizações da frente comunista, a Frente Nacional de Libertação e o Governo Revolucionário Provisório, trabalhassem em conjunto «com as outras duas forças políticas»: o governo de Saigão e os chamados neutralistas.

Chu En-Lai já tinha falado da elementar necessidade dos Estados Unidos reconhecerem separadamente os regimes de Saigão e do G.R.P., no Sul. Deu assim implicitamente a entender que a China considerava que existiam efectivamente dois regimes.

Os chineses estão, acima de tudo, preocupados com a ameaça que constitui para as suas fronteiras setentrionais o aumento dos efectivos soviéticos, que atingem agora 1,5 milhões de homens. Como é óbvio, as boas relações sino-americanas constituem um forte desencorajante para qualquer eventual acção russa. Pelo menos, Moscovo deve calcular que Washington poderia fornecer assistência material à China em caso de ataque.

Acresce a isto, o facto da China se estar a voltar mais decididamente para o Ocidente, em busca de equipamento capital de que necessita para construir uma moderna e viável economia. Também neste caso, as boas relações com os Estados Unidos são essenciais para tais fornecimentos.

Um Vietname do Sul administrado por comunistas já não é considerado como um vital interesse nacional chinês. De facto, os chineses têm um interesse positivo, isso sim, em evitar a formação de um bloco no Sudeste asiático controlado por Hanoi. Isto, em parte, porque representaria uma ameaça para a sua própria influência nessa área e, de igual modo, porque poderia ser um veículo de infiltração soviética.

A China receia profundamente ser envolvida territorialmente pelos russos, que já a rodeiam pelo Norte e Oeste. Pequim não quer ser apanhado numa tenaz devido ao prolongamento da influência soviética para o Sul.

As esperanças, manifestadas pùblicamente, de um cessar fogo no Laos dentro de duas semanas parecem estar baseadas no interesse chinês em manter esta nação fronteiriça fora do domínio do Vietname do Norte. A própria China já cortou uma fatia do Laos, no Noroeste, independentemente do Vietname do Norte. Além disso, o primeiro-ministro laociano, Souvanna Phouma, é tido como dependente de uma influência chinesa com vista a evitar uma tomada por parte dos norte-vietnamitas.

O Camboja era um caso mais complexo.

Os chineses estão embaraçados porque foram forçados a dar guarida ao antigo dirigente cambojano, principe Norodom Sihanuk, que há dias partiu da China para uma visita de uma semana ao Vietname do Norte. Ofereceram-lhe um acordo para apresentar ao dirigente cambojano Lon Nol, o qual rejeitou porque não viu qualquer verdadeira vantagem no mesmo. Não obstante, quer através de Lon Nol ou, mais provàvelmente, de Sihanuk, a China quer evitar que o Camboja caia sob o domínio do Vietname do Norte. O próprio Sihanuk afirmou já pùblicamente esse interesse chinês.

Até mesmo a sublevação apoiada pelos chineses no norte da Tailândia é mais para inglês ver do que para outra coisa.

Os chineses têm estado a trabalhar com as tribos das montanhas para manter a insurreição a um nível baixo. Porém, sabem perfeitamente que a gente das tribos relativamente primitivas nunca pode ser o instrumento principal para um movimento revolucionário efectivo.

Os chineses sabem que, na devida altura, exercerão uma influência predominante sobre o Sudeste asiático. Decidiram, porém, que o não podem conseguir através dos ferozmente independentes norte-vietnamitas. Em vez disso, estão a fazer uso dos métodos convencionais, diplomáticos e comerciais, para se aproximar, individualmente, de cada uma das nações do Sudeste asiático, ao mesmo tempo que vão acalentando pequenos movimentos de guerrilha.

De acordo com esta estratégia, os chineses têm estado a cortejar, como o demonstram, mais uma vez, pela mensagem dirigida a Hanoi e ao G.R.P., os comunistas sul-vietnamitas. Não hesitaram em explorar as profundas divergências existentes entre comunistas vietnamitas do Norte e do Sul.

Com efeito, os chineses disseram aos norte-vietnamitas: «Aconselhamo-vos a usar táctinas de guerrilha lentas e não os ataques convencionais que destruiram a vossa causa. Não podemos continuar a compensar as vossas perdas.»

Devido à posição geográfica, a China é o principal país do Norte fornecedor de mercadorias militares e civis. A mudança de atitude chinesa pode, portanto, afectar vitalmente as perspectivas do Vietname do Norte relativamente ao Sul.

Estas realidades, julgam os observadores, encontram-se por detrás da confiança de Washington acerca da sobrevivência do Vietname do Sul, enquanto o Camboja e o Laos não caírem sob o domínio de Hanói.

AS JANELAS QUE DÃO PARA A MORTE E UMA JANELA QUE DÁ PARA A VIDA

... O mais estranho já não é a qualidade televisiva das «Histórias da Música». O mais estranho já não é que António Vitorino d'Almeida nos dê prova da mais extraordinária vocação para trabalhar na TV que já nos foi dado conhecer em Portugal. O mais estranho é que, ao dobrar o cabo da meia dúzia de emissões, «Histórias da Música» mantenham o seu poder e o seu encanto, num país onde o que é bom costuma viver o que vivem as rosas: tempo de uma breve manhã (por acaso até estou a lembrar-me de **«A terra, o mar e a gente»**, enfim, recordações muito tristes. O Helder Mendes, quando é que você vai para uma Viena qualquer?

Tudo se mantém, porque se mantém o fogo sagrado de uma notável equipa em que Vitorino d'Almeida se encontra integrado. E porque se adivinha a ausência de barreiras à efectivação do programa: desde a excelência do material até à facilidade de deslocações — com tudo o que isso implica de empate de tempo e de resolução de múltiplos problemas de ordem técnica. Por muito que fique magoado o nosso tradicional «patriotismo» a vitória de António Vitorino de Almeida é, em grande medida, uma vitória austríaca...

Nas «Histórias da Música» a figura de Victorino d'Almeida, sendo importante, acaba por não ser absorvente. O que nos absorve é todo o trabalho que se completa e se conjuga para dar televisão. As palavras de Vitorino d'Almeida sobre a influência que o meio ambiente exerce na obra de Bruckner ganham nova dimensão com a actividade da câmara que desfia corredores sem fim, muralhas sem fim, solidões sem fim. Nos olhos das caveiras alinhadas, nas janelas alinhadas das casas, a equipa foi buscar toda a clareza, toda a pureza da luz que leva a comparação às mais evidentes consequências. Repete-se: não se trata apenas de ouvir António Victorino d'Almeida. Trata-se de ver televisão num programa que poderíamos exportar com possibilidade de alcançar o interesse e o amor das audiências. E isto diz muito...

Por **MÁRIO CASTRIM**

Quanto a António Vitorino d'Almeida alguma coisa ainda terá de fazer na qualidade das suas intervenções, que denunciam, por vezes, uma raiz demasiado literária, como ainda ontem se verificou na primeira parte do programa. Certamente há nele uma força, uma vocação para a naturalidade, que o faz sair não gravemente ferido dessas situações. Dá por vezes a impressão de que primeiro escreveu — e está recitando um texto. Dever-se-á tal facto à sua preocupação de evitar algo que se pareça com a leviandade de uma improvisação, no ponto em que se confunde com a improvisação de uma leviandade. Compreende-se. Mas desejaríamos que, estudada ou não, António Vitorino d'Almeida jogasse a pleno nas vantagens da oralidade. Já demonstrou que nada tem a temer.

«Livros e Autores» aflige-se com o facto de as pessoas passarem diante de monumentos de escritores sem saberem quem são. Não se pode dizer que tais monumentos ou simples memórias enxameiem a urbe, mas alguns há que nada dizem ao cidadão, lá isso é verdade e já agora seria interessante perguntar porquê. Não perguntarei, para evitar embaraços. «Livros e Autores» propõe-se actuar: vai falar **«ao homem indiferente e apressado»** dos nossos artistas de pedra.

Começa por Trindade Coelho. Meia dúzia de palavras frias e inúteis, meia dúzia de imagens inúteis e frias. Por este andar, o tal «homem indiferente e apressado» não saberá quem é Trindade Coelho tarde ou cedo, pela simples razão de que o não saberá nunca.

Não contente com a sua obra, «Livros e Autores dedicou-se aos poetas. Notas breves que, por vezes, tomaram aspectos de autêntica dissertação académica, tal o caso de Jorge de Sena e António Manuel Couto Viana. Falou-se ainda de Armindo Rodrigues e de Ramos Rosa. Algumas palavras se concederam ao livro **«Teoria da Fala»** de Gastão Cruz. Por outro lado, Maria Amélia Neto explicou umas coisas sobre o tratamento que deu a umas páginas de T.S. Eliot. Mas já «Livros e Autores» se encaminhava a toda a velocidade para um depoimento de Domingos Monteiro. A rúbrica de Eduíno de Jesus deve pôr-se em guarda contra uma excessiva atracção para rábula.

Domingos Monteiro falou-nos das suas teorias sobre a novelística. Teorias e concepções brilhantíssimas que só não transcrevo, enveniadamente, por absoluta falta de memória.

Não me esqueço, porém, daquela aventura fantástica, tal como passo a contar.

Andava Domingos Monteiro à caça quando, ao entrar numa cabana (seria a do Pai Tomás?) viu certo livro de determinado autor. O cabanês não gostava muito e o novelista dizia-lhe: «Mas ele até fala como vocês»... E o homem respondia-lhe, mais ou menos: «Como nós falamos, sabemos nós. «E o novelista insistia: que o autor do livro até falava dos seus problemas, mais isto, mais aquilo, e o morador da cabana a replicar que os seus problemas conhecia ele bem, e os que lhes cansavam também.

Foi então que o tal da cabana explicou a Domingos Monteiro. Explicou tudo, numa síntese maravilhosa: **«O que nós precisamos é um bocado de sonho e de ilusão»**.

Havemos de concordar: isto é bonito. Isto é exemplar. O sonho, a ilusão... Problemas, linguagem? Bah! Isso não vale nenhum. Desiludam-se. A ilusão, o sonho! Não digam que não: é belo. Infelizmente só nos acontecem coisas destas quando andamos à caça.

Ah, é verdade! E a carta que ele recebeu? E um telegrama anónimo que ele recebeu? Fantástico. Aconselho todos os escritores a comprar um bacamarte e a ir caçar laparotos. Dá sorte, pelos vistos.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

uma oportunidade para a sua empresa

missão comercial ao Líbano

de 15 a 22·4·1973

O Fundo de Fomento de Exportação promove, e subsidia financeiramente, a deslocação ao estrangeiro de mais uma missão comercial portuguesa – desta vez ao Líbano. Ponto comercial da maior relevância na costa mediterrânica, via de penetração para os mercados do Médio Oriente, a sua capital, Beirute, oferece o maior interesse àqueles dos nossos exportadores desejosos de encontrar novos caminhos, de imprimir novos rumos aos seus negócios. Através da sua Delegação em Beirute, o F. F. E. prestará todo o apoio possível aos membros da Missão, cooperando no estabelecimento de contactos pessoais com importadores libaneses. Os interessados deverão inscrever-se até ao próximo dia 25 de Fevereiro nos serviços centrais do F. F. E. ou na sua Delegação no Norte, locais onde lhes serão prestadas todas as informações necessárias.

LINTAS 73 - FFE - 03

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Informações e inscrições:
Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais -
R. Camilo Castelo Branco, 2-3.º - Tel. 47928/59156 - Lisboa 1;
Delegação no Norte: R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - Porto.

DL/ESPECTÁCULOS

Junta de Turismo não confirma Phil Woods nos cursos de Verão

Phil Woods em Portugal no próximo Verão?

— **«O que existe, na realidade é isto: pensamos trazer o músico norte-americano para reger aulas de improvisação, integradas nos cursos musicais de Verão que se realizam na Costa do Sol. Entretanto não podemos confirmar a notícia, uma vez que os contactos com Phil Woods ainda não foram iniciados.»**

As palavras acima pertencem a uma pessoa responsável, ligada à Junta de Turismo da Costa do Sol, e foram ditas a propósito da notícia recentemente publicada por um vespertino de Lisboa, dando como certa a presença entre nós, no próximo Verão, do conhecido músico.

— **«Phil Woods, por outro lado, quando esteve pela última vez em Cascais, manifestou o seu desejo de retornar a Portugal. Por isso achamos que o nosso convite irá de encontro aos seus interesses. Em todo o caso, a notícia foi divulgada antes da sua concretização.»**

Com respeito aos cursos de Bailado de Verão, que serão realizados em Setembro e Outubro, no Estoril, disse-nos a mesma pessoas:

— **«Para este ano, aliás, não pensamos apenas no concurso do saxofonista norte-americano, mas também na presença de Margot Fonteyn, que viria reger a cadeira de bailado. Mas, como já disse, não existe nada de concreto. São desejos apenas.»**

OBRA DE GARCIA LORCA É CARTAZ DO CÉNICO DE SÃO PEDRO DO SUL

O «Cénico, Grupo de Teatro Popular», de S. Pedro do Sul, estreou no dia 20 de Janeiro, no Cine-Teatro S. Pedro, a peça «A Sapateira Prodigiosa» de Federico Garcia Lorca.

Este grupo nasceu em 1971/72 da conjugação de esforços de um punhado de trabalhadores rurais que sentiam a necessidade de fazer teatro. Num primeiro espectáculo, «Auto da Compadecida» de Ariano Suassuna, mobilizou cerca de mil pessoas. A partir daí o «Cénico» começou a estruturar-se como organismo vivo que quer afirmar-se com uma actividade contínua e interveniente.

No último Natal o grupo apresentou às crianças das escolas primárias o seu primeiro espectáculo infantil. Entretanto, os seus membros preparavam «A Sapateira Prodigiosa», resultado de um trabalho feito por agricultores, trolhas, carregadores de serração, ajudantes de motoristas, costureiras, tipógrafos — do povo para o povo.

A peça de Lorca foi encenada por Jaime Gralheiro, regente agrícola e autor de «Fosso», a primeira obra editada pela colecção «Cena Actual», do Fundão (sob a direcção do dr. Luso Soares), e por José Barata, antigo participante do T.E.U.C. (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra).

O grupo amador de S. Pedro do Sul actua no sábado em Vouzela, e no dia seguinte em Lafões, onde apresenta «A Sapateira Prodigiosa». Estão previstas ainda apresentações em Agueda, Valongo do Vouga e outras terras da zona, embora as datas ainda não estejam confirmadas.

Cinema no mundo

ITÁLIA

ROMA, — O realizador de «Blow-Up», Antonioni, escolheu Maria Schneider para protagonista do seu novo filme, cujas filmagens terão início em Março na Itália, prosseguindo depois nas florestas da Amazónia.

A história centra-se à volta de três personagens: uma jovem de 20 anos, um jornalista político de 30 anos «**apanhado na roleta da vida moderna**» e um jovem estudante.

Antonioni confessou que teve de escrever o argumento três vezes e que ainda não encontrou um título que se lhe adaptasse.

INGLATERRA

LONDRES — A pequena Tatum O Neil, de nove anos, filha do actor Ryan O'Neil, vai estrear-se no cinema com um papel na película intitulada «Lua de Papel», de que é protagonista seu pai

BRASIL

RIO DE JANEIRO — «O Homem do Corpo Fechado», Filme que é anunciado como «**o primeiro «western» brasileiro autentico**», tem argumento e direcção de Schubert Magalhães, que deu os primeiros passos no cinema como assistente de Valter Hugo Khouri. Na distribuição figuram Roberto Bonfim, Ester Mellinger, Milton Ribeiro, Angelito Melo, Lorival Pariz, Jorge Karan, Rui Polanah, Imanoel Cavalcanti, Jota Dangelo e Renato Andrade.

RIO DE JANEIRO — J. B. Tanko dirigiu o filme brasileiro intitulado «Salve-se Quem Puder — Rally da Juventude», estreado no Rio de Janeiro, com António Marcos, Norma Sueli, Zeni, Pereira, Jorge Cherques, Lilia Fernandes, Wilson Grey, Iracema de Alencar, Wilza Carla, Francisco Dantas, Rafael de Carvalho, Zezé Macedo, Tião Macale e um grupo de jovens actores, que, segundo o realizador, se «**se estrearam no cinema com o pé direito**».

GRÉGIA

ATENAS Realizador, autor dramático e comediante, o grego Dimitri Kollatos tem para breve a concretização de dois projectos: reabilitar Xantipa através da representação de «Diário Íntimo da Esposa de Socrates» e rodar um filme intitulado «E Preciso Acabar Com Isso, Pelo Julgamento de Deus», com Arlette Baumann, Daniele Faugeron e Marielle Oliveira nos principais papéis.

"Alice" fica em Lisboa até ao dia 10

A peça de Romain Weingarten «Alice nos Jardins do Luxemburgo», em cena na Casa da Comédia e cuja carreira se esperava que terminasse hoje, vai manter-se em palco por mais três dias, segundo se anuncia, «para corresponder ao interesse do público». Assim, «Alice» pode ser vista até ao próximo dia 10. O espectáculo é para maiores de 14 anos.

A vida de Shakespeare na televisão

LONDRES — A companhia britânica de televisão comercial «ATV» vai preparar uma série de doze emissões consagradas à vida de Shakespeare que importará em 2,5 milhões de libras esterlinas (cerca de 160 000 contos).

A série de que é co-produtora a televisão italiana R.A.I. será filmada em Verona, Elseneur e Strafford-on-Avon. A produção baseia-se na biografia de Shakespeare do escritor britânico Anthony Burgess, que, aliás, escreverá o argumento em colaboração com Luigi Squarzina. Ainda não se sabe quem irá interpretar o papel de Shakespeare.

Ensino do teatro é tema para conferência no Conservatório

..Em prosseguimento ao ciclo de conferências sobre problemas do ensino artístico, o dr. Mário Barradas fará uma palestra na próxima segunda-feira, às 18.15, no Conservatório Nacional.

..O dr. Mário Barradas, que é membro da Comissão Orientadora da Reforma do Conservatório Nacional e professor desta escola, apresentará, em sua conferência, os novos esquemas de ensino do teatro, programados no âmbito da reforma, definindo ainda as linhas da sua inserção no panorama teatral português.

..A última conferência deste ciclo será proferida no próximo dia 12, quando serão discutidos, sob a orientação de José Sasportes, os problemas da organização do ensino da dança.

MARCELLO MASTROIAMI FILMA PARA A AVIAÇÃO

SYDNEY — A Qantas, as Linhas Aéreas Internacionais Australianas, assinaram um contrato preliminar para a produção de um filme interpretado pelo actor Marcello Mastroianni, segundo revelou hoje nesta cidade um informador da companhia.

A película terá o título de «Bravo Charlie», o indicativo de chamada nas comunicações pela rádio do jacto «Jumbo» «The City of Sydney», da Qantas, e apresentará Marcello Mastroianni como um astro cinematográfico, vencedor de um prémio, viajando para um festival de cinema, que se apaixona por uma hospedeira das Linhas Aéreas Australianas e a persegue por todo o mundo. A hospedeira tem ainda de ser escolhida — disse o informador.

Filmes no Instituto Alemão

Para complementar a exposição recentemente inaugurada, sobre a «Jovem Geração», o Instituto Alemão promove nos próximos dias, na sua sede, a projecção de uma série de documentários. As sessões serão realizadas, a partir de hoje, nos horários das 18,30 e 21,30 horas, compreendendo os seguintes filmes: «Gente Nova», «A Escola Supeior de Folkwang», «Aviação à Vela», «Escola Técnica de Porcelanas em Selb», «Juventude em Liberdade», «Os anos de aprendizagem da Arte», «Todo aquele que acolhe uma criança em meu nome...», «Desenho ao som da Música», «P que pintam as Crianças», «Ponto, ponto, traço», «A Universidade Técnica de Berlim», «Bases da Educação Física», «Sobre o Desporto na Alemanha» e «Festival Juvenil Internacional de Bayreuth».

Todos os filmes são falados em português.

RESTAURO

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes será realizada hoje uma sessão cinematográfica com a apresentação de vários filmes sobre a arte alemã, no âmbito da exposição sobre o Restauro de Monumentos Históricos da Alemanha, cujo encerramento será efectuado no próximo domingo, dia 11.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eusébio Ferreira Carvalheiro — MARINHA DAS ONDAS

SALDOS
SÓ ATÉ 15 DO CORRENTE
CASA REGIONAL DA
ILHA VERDE
R. PAIVA DE ANDRADE, 4
(AO LARGO DO CHIADO)

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA DOENÇAS DA BOCA

TEATRO SÃO LUÍS
ÚLTIMA SEMANA EM LISBOA
diáriamente
às 21.45 horas
Ruth Escobar
apresenta
Missa Leiga
de Chico de Assis
Prémio da crítica brasileira para a melhor encenação e melhor música
50% para estudantes e jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian
M/ 14 anos

VÁ AO TEATRO !!!
VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
27.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
HOJE — 2 SESSÕES
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Artur Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45
3.ª feira: descanso

HOJE
2 SESSÕES — 20.45 e 23 horas.
TELEF. 55 51 33
UMA FABULOSA REVISTA DE BONS E MÚSICOS TAMBÉM
No TEATRO MONUMENTAL
UMA PRODUÇÃO DE VASCO MORGADO
COM
CAMILO de OLIVEIRA
EM
MULHERES É COMIGO!
com AIDA BAPTISTA
MARGARIDA MAUPERRIN
E AINDA
LINDA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA
THE RED ROSE BALLET
MAIORES 18 ANOS
DOMINGO:
«matinée» às 16 horas

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
7.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIROS
Sexo, nunca! somos britânicos...
No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS
Encenação de
Maria Helena Matos
2.ª, 3.ª e 5.ª — ÀS 21.45 H.
4.ª-FEIRAS — Descanso da C.ª
6.ª-FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGOS — «Matinée» 16 h.

SAIU HOJE

motor

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro Antônio

REALMENTE "EM NOME DO POVO ITALIANO"

Título: **EM NOME DO POVO ITALIANO** (In Nome del Popolo Italiano)
Realização: Dino Risi, 1971 (Itáliaa);
Intérpretes: Vittorio Gassman, Ugo Tognazzi, Yvonne Forneaux, etc...
Distribuição: Rivus;
Estreia: cinema Monumental (6.3.1973)

. Dino Risi, um muito honrado cineasta italiano, o autor de duas ou três dezenas de comédias quase sempre inteligentes e corrosivas, quando não realmente importantes (quem se esqueceu já de **A Ultrapassagem** ou de **A Vida Difícil?**), **regressou com aquele que poderá ser considerado talvez o seu melhor filme: Em Nome do Povo Italiano**. Dizemos o melhor, o que quererá dizer «o melhor entre os vistos em Portugal» (onde ainda se mantêm inéditas muitas películas suas, algumas com grande celebridade na estranja). Vamos mesmo mais longe: um filme de visão imperiosa para todo o público português. Um filme verdadeiramente «popular» (e estamos a pesar a palavra no seu sentido mais exigente), uma obra realizada efectivamente «em nome do povo italiano» (que alguns realizadores portugueses, aqueles que dizem fazer filmes «para o povo», para «as massas», não deixem de ir ao Monumental, para eterna vergonha sua...) . Ora Dino Risi vem mostrar que um filme «popular» é um filme feito a pensar na promoção crítica do povo, não para o servir nos seus apetites mais baixos, mas para o promover a escalões intelectuais mais elevados. **Em Nome do Povo Italiano** é isso mesmo: uma obra extremamente inteligente,, profundamente corajosa, lúcida, e verdadeiramente aberta a todos, jogando com figuras centrais e personagens marginais impecàvelmente desenhadas, num traço satírico que a todos convence e cativa, Poderia, seguramente, fazer-se desta comédia um filme jurídico-político extremamente complexo e de difícil leitura. Mas aí, a obra perderia todo o vigor, todo o impacto popular. Cedendo nalguns aspectos acidentais, Risi preserva o essencial e transporta-o a amplas platéias. Vamos, portanto, ver **Em Nome do Povo Italiano!**

. Porquê? Rapidamente vejamos como poderemos pôr o acento no **essencial** (dado que o filme de Dino Risi, na sua aparente simplicidade, é, efectivamente, de uma grande complexidade). A chave para o filme encontra-se lapidarmente expressa, logo nas duas sequências iniciais: uma, que define a escrupulosa acção de um magistrado que assiste à destruição de um imóvel construído fraudulentamente (Ugo Tognazzi); outra, que encerra, sob a fórmula de **curriculum vitae**, a existência e a actividade de um industrial que encontra assento um pouco por todo o conselho de administração (Vittorio Gassman). Percebe-se desde logo que **Em Nome do Povo Italiano** irá conjugar, opondo-os dois tipos humanos de apa-recimento muito constante ao longo de toda a filmografia de Dino Risi: o arrivista que tudo e todos atropela na sua ânsia de lucro (veja-se o mesmo Gassman, de **A Ultrapassagem**, alguns depois, agora num lugar decisívo do campo económico italiano) e o cidadão honrado que a sociedade transformou num homem azedo, mas que permanece íntegro e escrupuloso no seu trabalho (tente ver-se o Alberto Sordi de **Uma Vida Difícil**, dez anos depois de ter dado aquela estrondosa bofetada no capitalista, um Sordi com um futuro cinzento, numa carreira de magistrado impoluto). Do cruzamento destas duas figuras nasce, não só um magnífico choque de dois belos comediantes (Gassman regressado ao seu melhor e Tognazzi superando-o ainda em discrição e justeza), como um processo a cidade, p l e n o de de coragem e de acuidade. A investigação de Tognazzi leva-o a desenterrar o passado e a entrever as actividades ilícitas e fraudulentas de Gassman, como, por generalização imposta pela própria obra, se desvenda o retrato da actual sociedade italiana. Gota a gota, figura a figura (não descurando nunca o aparecimento, quase sempre justificado, de certas caricaturas típicas de retinto humor «operático» italiano), a Itália de hoje fica aqui despida, frente aos olhos do espectador. Raivosamente, Risi distribuiu as suas bofetadas um pouco por todo o lado, da justiça à política, da alta finança à indústria, da construção civil ao cinema, do proxenetismo à televisão, dos «jornais de actualidades» à «dolce vita»... Mas, atenção, muitos e muitos são os filmes que distribuem alfinetadas e tudo deixam na mesma. Porque lhes falta uma coerência interna, porque lhes falta uma estrutura ideológica em que se baseia a crítica. Dino Risi nada deixa ao azar. O que vemos em **Em Nome do Povo Italiano** é, efectivamente, um processo contra a cidade, contra a sociedade, contra a sociedade italiana («**esta sociedade**», diz-se no 'filme), que permite tais excessos e pàra eles encontra sempre maneira de perdoar, fazendo vingar o escapismo.

Mas o filme vai ainda mais longe, depois de ter desafiado a cidade. O magistrado apanhou o industrial prestando falsas declarações que o comprometem no assassínio de uma prostituta. Poderá pensar-se o caso arrumado, mas eis que às mãos do advogado vêm parar os cadernos escolares da rapariga, onde esta confessa o suicídio. O magistrado hesita, no destino a dar a esta prova de inocência neste crime, enquanto percorre uma cidade desocupada, com toda a gente a assistir (ouvir) uma partida de futebol: Itália-Inglaterra. Vai lendo um diário de uma feroz amargura, onde se intercalam as frases em inglês e a sua dramática tradução para o italiano. Vai assistindo à revelação do suicídio e descobre que a Itália ganhou. Para as ruas desce agora o povo, gritando Viva a Itália! E atravessando os ares com a' bandeira tricolor. E a glória e a confessada inconsciência, é a vitória e a derrota de uma sociedade. Tognazzi vê, um pouco por todo o lado, o rosto de Gassman, ora padre, ora soldado fascista, ora meretriz, ora popular irado (que incendeia um carro de matrícula inglesa). E, das suas mãos, que apertam a prova da inocência do industrial, deixa cair um caderno que se vai incendiar nas labaredas do carro em chamss. Inocente de um crime, Gassman era todavia o responsável por muitas outras criminosas actividades. Um dos responsáveis pela Itália de hoje. O magistrado pode escolher e optou pela medida do saneamento. Sabendo, embora, que ela, por si só, a nada levava de concreto. Mas, por suas mãos, justiçou um homem corrupto. **Em Nome do Povo Italiano...**

Magnificamente interpretado, dirigido com grande serenidade expositiva e com alguma complexidade (por algumas introduções curiosas de **flash backs** e ainda pela forma de depoimento directo ao público que esco-lheu para certos interrogatórios) **Em Nome do Povo Italiano** é, ainda, cinematogràficamente, um filme moderno, desenvolto, inquietante. Possuidor de um humor muito italiano, mas, nem por isso, menos rigoroso e de uma diabólica inventiva: quando de uma discussão entre um magistrado corrupto e Tognazzi, este afirma-se orgulhosamente **um magistrado**, ao que o outro responde: «**Eu também**», no preciso momento em que desaba o Palácio da Justiça. O que obriga o tribunal a transladar-se para as casernas dos quartéis. Um exemplo entre muitos outros.

Por tudo isto, aqui lhe recomendamos de novo: não perca esta obra de Dino Risi. Este é um (ou?) cinema que lhe diz respeito.

ORDEM DOS ADVOGADOS

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

ASSEMBLEIA DISTRITAL ORDINÁRIA

Nos termos do art.° 606.°, n.° 1, e para os efeitos do art.° 608.°, n.° 1, do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de S. Domingos, n.° 14, 1.°, no dia 23 de Fevereiro corrente, pelas 15 horas, a fim de apreciar e votar as contas do ano civil de 1972.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1973.

O Presidente,
José Manuel da Silva Ramos

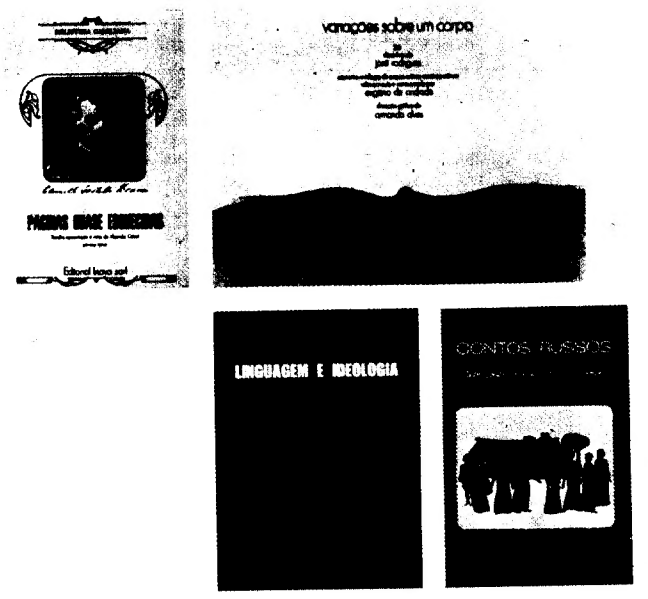
RECEBA

1900$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

NOVIDADES JANEIRO 73



PAGINAS QUASE ESQUECIDAS (1.º volume)
Camilo Castelo Branco

Não reflectindo os aspectos mais fulgurantes, também mais conhecidos do talento do genial novelista, estes textos — prefácios escritos para obras alheias — revelam, em contrapartida, na sua espontaneidade, uma visão mais íntima do temperamento do artista.

BIBLIOTECA CAMILIANA / n.º 1 / Ilustrado / 344 páginas / Tiragem normal, 90$00 / Tiragem especial, de duzentos e cinquenta exemplares, numerada e assinada por Alexandre Cabral, 400$00.

LINGUAGEM E IDEOLOGIA
Fernando Guimarães

Ideologia e Literatura / **Obra Literária e Teoria** / Poesia e Linguagem / **Das Palavras à Descoberta de Um Estilo** / O Papel da Linguagem na Poesia Portuguesa / **Alguns Caminhos da Moderna Literatura Portuguesa.**

Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA / 200 páginas / 80$00

CONTOS RUSSOS
Leão Tolstoi, Lermontov, Tchecov e outros

Através dos contos aqui seleccionados pode bem compreender-se porque a literatura russa, no escasso lapso de século e meio, passou de uma tradição puramente medieva para uma posição cimeira na cena mundial.

Colecção DUAS HORAS DE LEITURA / n.º 15 / 15$00

Editorial Inova sarl
apartado 466 Porto

DL/GERAL

CRITICA DE TEATRO — CARLOS PORTO

SUAVE PÁSSARO DA JUVENTUDE

. «LE DOUX OISEAU DE LA JEUNESSE», de Tenessee Williams. Adaptação francesa de Françoise Sagan. Encenação de André Barsacq. Cenário: Jacques Dupont. Música: Frédéric Botton. Intérpretes: Edwige Feuillère, Philippe Leotard, Michel Beval, Jean-Luc Kayser, Jacqueline Marbaux, Jean Magnan, Paul Savatier. Galas Karsenty-Herbert. Tivoli 6/2/73.

Mais adequado a este texto seria o título do romance do chileno José Donoso, «Obsceno Pássaro da Noite». E nocturna a luz que o banha, da cor da carne que se desfaz, dos sapatos apodrecidos numa valeta. Tudo na peça participa dessa sombria visão do que está irremediàvelmente marcado pela morte. A morte dos sentimentos (« «estrela» de Hollywood); a morte da esperança (Chance Wayne, o jovem acólito a quem a já nada resta); a morte da dignidade (a própria cidade). Estas são as principais personagens da peça. Mas também as outras mostram o mesmo rosto desolado (a prostituta envelhecida; o contestário espancado) ou desolador (o filho do «dono» da cidade; o «barman» seu escravo).

Utilizando poucos registos conflituais (e esse deputamento é uma das chaves da peça), Tennesse Williams traça o destino de um jovem que só possui uma arma: o seu próprio corpo. Com ele compra, com ele se vende. Esse destino cruza-se com um outro igualmente alienado e mais perigosamente alienatório: o da vedeta que faz do seu tardio triunfo a arma implacável com que se salvará do naufrágio.

Essas linhas — tão opostas e tão próximas — cruzam-se exactamente no espaço colectivo onde as paixões são mais exacerbáveis: numa pequena cidade sulista, vagamente arrancada a Faulkner, onde impera o poder da raça e do dinheiro (necessàriamente coincidentes). A peça aqui debilita-se: o conflito surge demasiado distante, apoiado numa cena que não chega a ganhar o realismo necessário: demasiado frouxa para ser cruel; demasiado «teatral» para ser dramática. O filme de Brooks (título português: «Corações na Penumbra») ia, aqui, mais longe, alargando o horizonte do conflito, tornando presente, verosímil, opressivo, o que na peça é aflorado muito pela arma.

É visível que Tennessee Williams está muito mais à vontade sempre que a peça se reduz ao duelo individual, ao combate pela posse da esperança entre seres desesperados, ao tratar o positivo e o negativo do retrato sentimental. Foge-lhe a visão objectivo dos factos, não é capaz de tornar autênticas as forças sociais em jogo.

Texto marcado por um tipo de escrita que parece teatralmente moribundo; abordando os problemas de fundo sem grande convicção e, pois, pouco convincentemente, a peça de Tennessee Williams conserva ainda algum interesse pelo pessimismo negro que a marca, porque acaba por ilustrar o absurdo de uma situação histórica que pode ir (e não é inédito) da destruição da virilidade de um negro inocente à tentativa de destruição de um povo indestrutível. E não nos espantemos por não haver saída para este conflito, por o dramaturgo não ter pistas racionais para nos propor — poderia ser de outra maneira?

. Talvez, de todo o seu teatro, fique apenas essa teoria de tensões que algumas palavras adormecidas nos dicionários não chegam a explicar: decadência, solidão, crueldade, opressão, violência, e por aí fora. Palavras que as suas personagens reflectem e cujas situações surgem mergulhadas numa atmosfera onde nada e tudo é possível.

Esta encenação de André Barsacq — cuja morte os jornais recentemente noticiaram — não tem quaisquer pretensões: trata-se de um trabalho correcto, limpo, que procura as linhas dde força sobretudo por intermédio dos conflitos das próprias personagens mais do que na criação de uma atmosfera peculiar (não obstante a música que aqui tem essa função). Não conseguiu Barsacq — pelo menos neste espectáculo — esbater o que há na peça de menos conseguido, superar as suas debilidades. Pelo contrário, dir-se-ia que o seu trabalho aumentou ainda essas debilidades até por culpa de alguns intérpretes.

Não se pode dizer que seja este conjunto um conjunto de grandes actores. Nele brilha com intensidade o talento — que creio indiscutível — de Edwige Feuillère, embora não se tratasse, a meu ver, de uma interpretação genial, como a personagem pedia. De uma discreção exemplar — e o que mais me impressionou foi exactamente ver o monstro sagrado que é actriz francesa nunca se ter sobreposto à personagem, pelo contrário, é com certa humildade que a assume — faltou, creio, e sem prejuízo desse depuramento, um pouco mais de paixão, de profundidade, de coragem para ir ao fundo da degradação. O jovem Philippe Leotard, imitando aqui e ali Paul Newman cuja composição deve ter seguido atentamente, consegue manter a indispensável dignidade na interpretação de uma personagem menos fácil do que parece.

Cenário procurando dar o ambiente de um pequeno hotel do Sul mas com um telão — ou lá o que era — de uma falta de gosto impressionante: como pôde o encenador aceitá-lo, eis a questão.

Paulo Quintela galardoado

Historiador e investigador de Literatura, teatrólogo, mestre universitário, o prof. Paulo Quintela, catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra, acaba de ser galardoado com a medalha de ouro do Instituto Goethe, a mais alta distinção cultural alemã.

Atribuída segundo um critério extremamente rigoroso e instituída com o propósito de revelar e reconhecer contributos extraordinários relativos a estudos sobre a cultura germânica, foi esta a primeira vez que se concedeu a um português tão alta como meritória distinção.

Natural de Bragança, o prof. Paulo Quintela, que conta 67 anos, foi um aluno brilhante no curso dos liceus, licenciando-se com 19 valores em Filologia Germânica, classificação que repetiu no seu doutoramento. Esteve em Berlim como bolseito da Fundação Alexander Humbolt, exercendo naquela cidade, de 1931 a 1933, as funções de leitor de Português.

Professor auxiliar e mais tarde extraordinário da Faculdade de Coimbra, onde se licenciara, ocupou, durante vários anos, o lugar de director artístico do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, vindo a tornar-se presidente de assembleia geral.

No campo dos estudos literários, submeteu a profunda análise e traduziu, autores como Calderon de la Barca, Goethe, Hoelderlin, Francis Thompson, Gehart Hauptmann, Rainer Maria Rilke, Nelly Sachs e Bertolt Brecht. Recentemente, publicou na revista «Vértice» uma pequena antologia amorosa alemã, por ele seleccionada e traduzida. Interessou-se ainda pela tragédia grega, pelo teatro espanhol e, sobretudo, por Gil Vicente.

AMÁLIA RODRIGUES NO "ATLÉTICO"

É já no próximo sábado pelas 21 e 30 que no Pavilhão Gimnodesportivo do Atlético Clube de Portugal, se realiza um grande espectáculo de variedades destinado a angariar fundos para o simpático clube de Alcantara.

«Noite de Estrelas no Atlético» será um êxito em caixa alta, não só pelo fim a que se destina, mas também, e muito principalmente, pelas grandes figuras que integram o programa.

Além de Amália Rodrigues, que o público de Lisboa há muito não tinha oportunidade de ouvir ao vivo, estarão também presentes os Arautos, Carlos Barra, Max, Os Embaixadores do Samba, Paco Bandeira e Luisa Salgado.

O Conjunto Enigma composto por Carlos Palha, Mário José, Kim Zé, Rui Calvinho, Tói Felizardo, Virgílio Lança e José Martins, abrilhantarão o baile que se prolongará até de madrugada.

A apresentação do espectádulo estará a cargo dos populares Armando Marques Ferreira e Fialho Gouveia.

MAIS DE 170 MIL PESSOAS LERAM NO ANO PASSADO EM BIBLIOTECAS DE LISBOA

As Bibliotecas Municipais de Lisboa registaram, no ano passado, a frequência de 174982 pessoas, das quais 130982 pessoas, das quais 130390 do sexo masculino e 44592 do sexo feminino. No total foram consultadas 137634 livros e 289999 publicações periódicas.

Funcionaram, durante aquele período, a biblioteca central, onze populares, nove ao ar livre (funcionando em jardin), e quatro itinerantes que percorreram mensalmente 48 bairros onde forneceram obras para leitura domiciliária. Neste regime de leitura foram requisitados 107468 volumes, por 43940 leitores, sendo 24466 do sexo masculino e 19474 do feminino.

Estudantes e estudiosos, foram em grande número (11478) os que elegeram as salas de leitura das bibliotecas como local de estudo, ou de investigação.

PROSSEGUIRAM AS JORNADAS DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS

As Jornadas Internacionais de Produção Suína, que desde terça-feira decorrem na Feira Internacional de Lisboa, numa organização de que faz parte o Grémio Nacional dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais, prosseguiram, hoje, com a partida, logo de manhã, dos participantes para uma visita de estudo a explorações de suínos, no Montijo e na Boavista (Leiria).

Ontem de manhã, foram abordados dois temas: «Manejo do gado suíno em explorações modernas e sistemas de colaboração», pelo dr. Paulo Vidal, director de uma empresa do Cartaxo, e Juan Manuel Castro Peon, director de uma ganadaria em Espanha; «Carcaças de suíno-características e classificação», exposição esta que foi feita pelo dr. Gonçalves Nu, da Junta Nacional dos Produtos Pecuários. A estas exposições seguiu-se animado debate. De tarde, foram lidas duas comunicações: «Meio ambiente e sua influência económica na produção suína», pelo técnico espanhol Andrés Buyga; e «Alojamento e produtividade-defesa sanitária», pelo dr. José Manuel Cabral.

As jornadas terminam amanha.

I Congresso dos Skal Clubes

Realiza-se em Lisboa, de 9 a 14 do corrente mês o I Congresso Nacional dos Skal Clubes, ao qual assistem representantes do nosso País, Brasil e Espanha, num total de 200 pessoas. No primeiro dia efectuar-se-à uma audiência de todos os congressistas com o presidente da Câmara de Lisboa, sendo entregue, a este, nessa altura, as mensagens dos «alcaldes» de Valência e da Curunha de que são portadores os presidentes dos Clubes Skal das respectivas cidades. Estão previstas ainda visitas a Sintra, Fátima e ao Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

CONFERÊNCIA NO INII

. Realiza-se hoje, pelas 21 e 30 horas, na Divisão de Formação e Aperfeiçoamento do Instituto Nacional de Investigação Industrial e integrada no âmbito do Programa do Curso Superior de Management de 1973, uma conferência proferida pelo professor Henri Wolff, da Faculdade Dauphine da Universidade de Paris, sobre o tema «La Gestion de la Trésorerie». A sessão destina-se exclusivamente aos participantes actuais do curso e aos antigos participantes do mesmo curso.

Prémio "Fernando Fonseca" para o prof. António Manuel Baptista

Acaba de ser galardoado com o prémio «Fernando Fonseca», o prof. António Manuel Baptista, director do Laboratório de Isótopos do Instituto Português de Oncologia e do Centro de Estudos de Medicina Nuclear do Instituto de Alca Cultura. Este prémio, distribuido de dois em dois anos, foi instituído para distinguir o melhor trabalho de investigação científica no campo da cancerologia.

O prof. António Manuel Baptista tem cerca de uma centena de trabalhos publicados sobre electroquímica, física dos neutrões, medidas radio-activas absolutas, termometria, desimetria das radiações de aplicações médicas e biológicas de rádio-neclides e instrumentação nuclear. Trabalhou no centro de Estudos de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, no Medical Research Council, em Londres, no Royal Cancer Hospital, no Laboratório Nacional de Argonne e na Universidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos, realizando também seminários, cursos e conferências nos Estados Unidos, União Soviética, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Grécia e Brasil.

O trabalho agora distinguido com o prémio «Fernando Fonseca» e que o prof. Manuel Baptista intitulou **Ensaios sobre localização gamagráfica positiva de tumores. Distinção entre tumores malignos e outros tumores de fígado com o selenite-ião (Se 75)**, prefaz um importante estudo acerca de uma das doenças que mais ataca e deprime a Humanidade.

TRIBUNAL DO TRABALHO EM TORRES VEDRAS

. A 9.ª Vara do Tribunal de Trabalho de Lisboa passa a funcionar na sede da comarca de Torres Vedras, segundo o determinado numa Portaria do Secretário de Estado do Trabalho e Previdência hoje publicada no Diário do Governo.

A área jurisdicional da Vara abranje os concelhos de Torres Vedras. Cadaval, Lourinhã, Mafra e Sobral de Monte Agraço, entrando as novas disposições em vigor dentro de noventa dias.

ANDARES

Vendem-se em prédio novo com 4 e 5 casas assoalh., coz.as Suzanas de Sanimar, madeiras em cor, lava-louças inox., garagem comum, salão de reuniões, etc. Com linda vista de Tejo, em muito bom local de Lisboa, com eléctricos e autocarros à porta. Mostram-se todos os dias no local. Av. Afonso III, Lote 17, Lisboa. Trata F. Fernandes & Costa, Ld.a Telef. 823231/2/3.

FEIRA DE AVEIRO

O Secretário Técnico de Feiras, Exposições e Congressos promove, este ano, a I Feira Internacional de Aveiro, com o patrocínio da Câmara Municipal, numa realização que se destina a ter continuidade em anos futuros.

Com o objectivo de dar mais esclarecimentos sobre o empreendimento, promove aquele secretariado, uma conferência que está marcada para amanhã, às 17 horas, na sede do município aveirense.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Grupo IV — Concurso para fornecimento de calçado destinado a doentes e pessoal.

Até às 17,30 horas, do dia 19 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1973.

O ADMINISTRADOR

EM 3 LINHAS

Está aberto concurso para a admissão de médicos na Armada.

///

Vem no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 32) a lista de nomeações de diversos engenheiros para o exercício enterino docente na Academia Militar, furante o ano lectivo de 1972-73.

///

Está constituído o júri do concurso de promoção a conselheiros de embaixada, ao qual preside o embaixador dr. José Calvet de Magalhães.

///

O dr. José Manuel Pessoa de Amorim Durão foi nomeado secretário do Gabinete do secretário de Estado da Saúde e Assistência.

///

Foi concedida à Junta Autónoma de Estradas o subsídio de mil contos para comparticipação nos encargos de mão-de-obra para trabalhos de beneficiação da Estrada Nacional 8/6, entre Alcobaça e a E.N. n.º

///

A dr.ª D. Maria Margarida Garrido Belard da Fonseca Bastos, directora da Escola Preparatória de Fialho de Almeida foi contratada a título provisório, como técnico além do quadro (Direcção-Geral do Ensino Básico).

///

Foi nomeado o arquitecto Mário Jorge Bruxelas para o cargo de técnico especialista do quadro do Centro de Estudos de Planeamento.

///

Foi concedida autorização para ser demandado criminalmente em tribunal militar o guarda da P.S.P., do comando distrital de Lisboa, António Fernandes Júnios.

///

O eng.º Nelson Augusto Gomes Rodrigues, técnico do Instituto do Algodão de Moçambique foi nomeado, interinamente, engenheiro agrónomo-chefe do quadro do pessoal técnico e de investigação do mesmo Instituto.

///

Foi louvado, por serviços relevantes prestados à corporação, o brigadeiro André da Fonseca Pinto Beça, como segundo comandante da G.N.R.

///

Publica a folha oficial (2.ª série, n.º 32) a relação graduada dos candidatos ao concurso para provimento das vagas de professor efectivo, mestre principal e mestre de vários estabelecimentos do Ensino Técnico Profissional.

///

E excluída do regime florestal parcial e restituída à administração da Junta de Freguesia de Marrazes uma parcela de terreno baldio da Mata dos Pinheiros, com a superfície de cerca de 2000 metros quadrados, que se destina a uma unidade industrial.

///

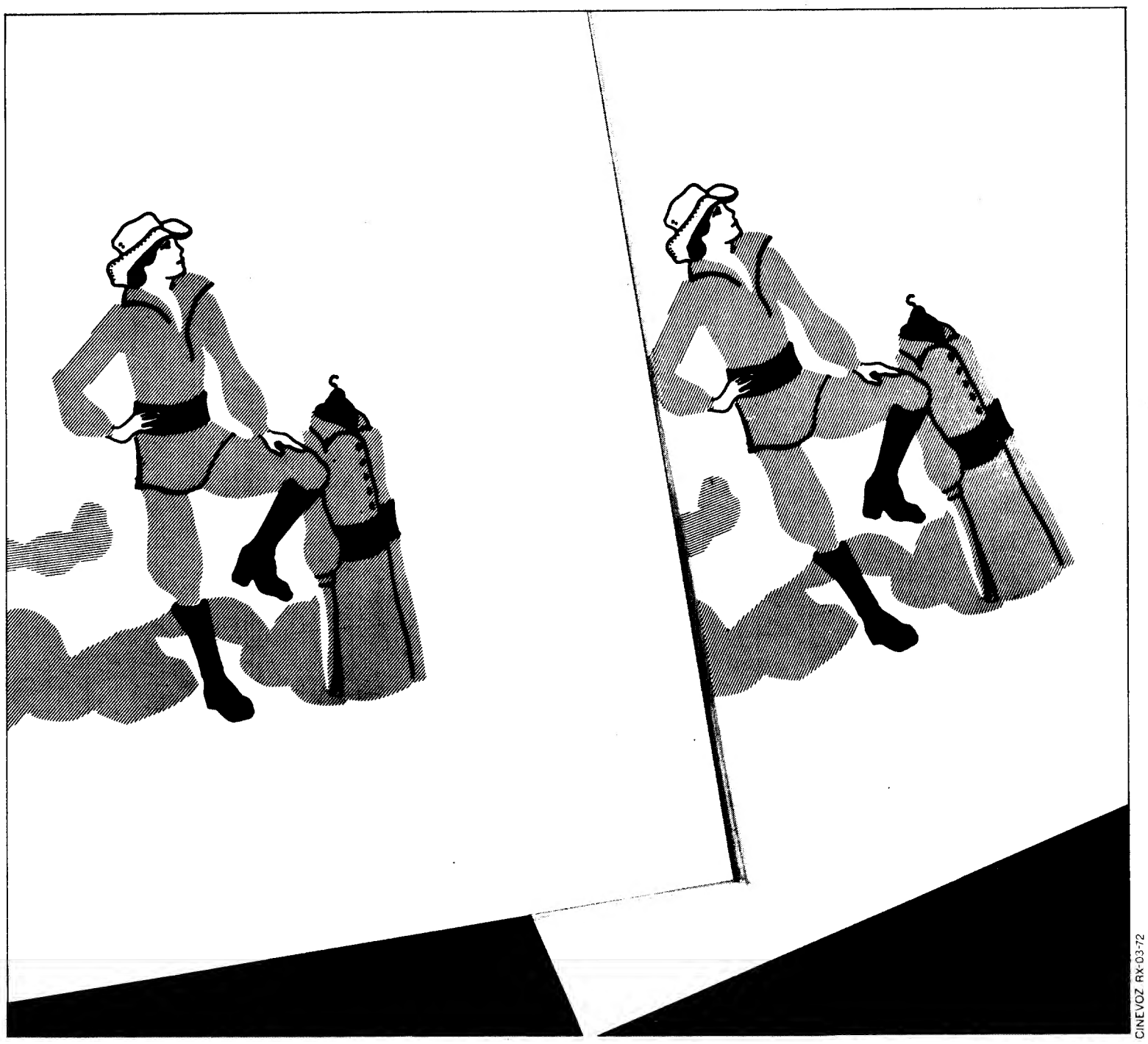
Também foi excluída do mesmo regime e restituída à aministração da Junta de Fraeguesia de Cota (Viseu) uma parcela de terreno baldio do perímetro florestal de São Salvador, com a área aproximada de 2 ha, para alargamento da zona urbana.

Oficinas de aprendizagem em estabelecimentos educacionais

Os estabelecimentos de educação dependentes do Ministério da Saúde e Assistência poderão dispor de oficinas com vista à iniciação e à formação profissional dos seus educandos, segundo o determinado no Decreto-Lei n.º 37/73, publicado no «Diário do Governo».

Refere-se no diploma que essas oficinas **«exigem monitores devidamente qualificados — mestres e artífices — para preparar e acompanhar os educandos-aprendizes, tendo-se verificado haver vantagem na entrega da gestão das oficinas, mediante contrato de concessão, a empresas já constituídas, que, com a experiência adquirida e a prática resultante de um exercício real das actividades, podem assegurar da melhor forma o ensino dos ofícios em questão».**

É bom observador?



É bom observador? Então repare!

Qual é o original e qual é a cópia?

Se a cópia for Rank Xerox * não notará diferenças. São iguais! Iguais até no papel. Papel tipo Bond. Rank Xerox. Papel em que pode fazer cópias nas duas faces e escrever a lápis ou a tinta. Papel Bond branco ou colorido.

É nesta igualdade que residem as diferenças Rank Xerox.

Diferenças que são, afinal, vantagens: fidelidade total, papel Bond e cópias em ambas as faces.

É bom observador? Viu bem as vantagens?

CINEVOZ RX-03-72

RANK XEROX

* RANK XEROX e XEROX são marcas registadas da Rank Xerox Limited

DL/NACIONAL

PARA OS QUE ALMOÇAM NO CENTRO DA CIDADE

Os restaurantes são poucos, caros e vagarosos

Comer não é um acto eventual — é uma necessidade quotidiana. Um conceito que o sr. de Lapalisse já fez constar há muitos anos, mas que, apersar disso, não deixa de ser um problema para quem trabalha no centro de uma grande cidade como Lisboa.

Ao chegarmos aqui, a pergunta (ou as perguntas) impõem-se: há restaurantes que bastem à população trabalhadora do centro de Lisboa? E os que existem são devidamente **em conta**, isto é, os seus preços estão ao alcance das bolsas de todos esses trabalhadores centro-citadinos? Porque razão muitas pessoas tomam as suas refeições do meio-dia aos balcões dos estabelecimentos de «self-service», bares, simples tabernas ou pastelarias?

Um breve inquérito que realizámos na Baixa, sobre a hora do almoço, deu-nos uma ideia de como se alimentam e porque meios, as pessoas que funcionam no centro da cidade, quer em escritórios, quer em comércios, em casas bancárias, em companhias de seguros ou noutros estabelecimentos.

Às portas de certos «self-services» até se formam bichas, longas e pacientes bichas de gente que não tendo tempo para se sentar à mesa de um bom restaurante(e às vezes, não tendo poder económico para o fazer todos os dias), perde tempo a aguardar a altura de conseguir chegar a um prato de comida. Acercámo-nos de uma dessas bichas que mal se move junto à entrada de um «self-service» da Luciano Cordeiro e iniciámos o inquérito. Mal, porque apesar do sorriso com que nos dirigimos a um sujeito de casaco cinzento e da humildade com que murmurámos «não se importava de responder a uma pergunta para o nosso jornal», recebemos uma resposta abrupta:

— **Não respondo a nada.**

— Mas... — insistimos — apenas desejamos saber...

— **Não respondo, é escusado.**

Pronto, há gente para quem uma palavra custa os olhos da cara. Passámos adiante,Da Rua Luciano Cordeiro, entrámos na Av. Duque de Loulé e logo ao virar da esquina deparámos com outra bicha à porta de outro «self-service». As mesmas perguntas e as respostas choveram. Descemos para a Baixa, conversámos com gente de várias categorias sociais, percorremos bares, tabernas, pastelarias, restaurantes e mais «self-services». Também não nos esquecemos de interpelar alguns operários da construção civil que, à beira das obras onde trabalham, comiam ao ar livre, tachos nos joelhos, olhos em sombra no meio do sol primaveril. Disseram-nos:

— **Comemos aqui porque não temos outro remédio. Nas obras não há refeitórios ou sítios onde a gente possa tragar a bucha e, se não chove, preferimos vir para a rua. Não. Não vamos aos restaurantes porque são muito caros para aquilo que ganhamos. Há colegas nossos que vão, sim senhor, mas deixam lá o couro e o cabelo.**

Das muitas dezenas de pessoas com quem falámos uma grande maioria esteve concordante num ponto: os restaurantes que existem no centro da cidade são escassos, caros, pequenos e de serviço muito demorado. Assim, quando se recorre ao «self-service» à pressa ao balcão da pastelaria ou da taverna, há quem o faça por economia (com medo de enfrentar os preços dos restaurantes) e quem prefira o sistema porque não tem tempo para se sentar. Mas em ralação aos preços, esta resposta do sr. Luís Amado Taborda, empregado comercial, é elucidativa:

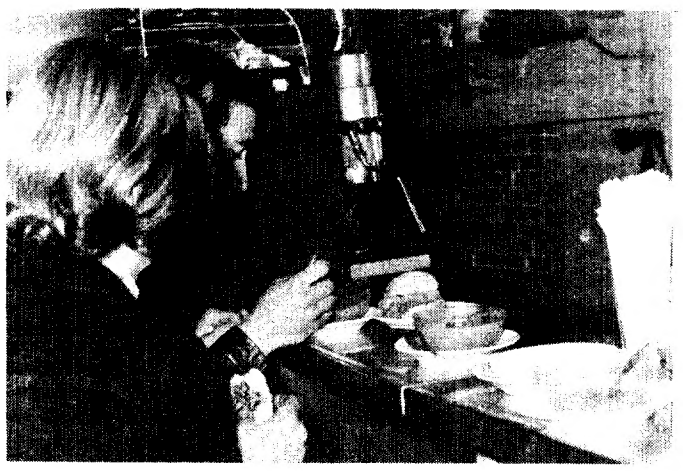
Repare: eu ganho quatro contos e pico. Minha esposa, três e meio. Temos dois filhos. Pagamos de renda de casa mil e trezentos escudos, fora água e luz. Gastamos, com almoços na Baixa, uma média de dois contos, pois ambos não almoçamos por menos de oitenta escudos, seja qual for o restaurante, dos chamados «mais em conta», a que nos dirijamos. Convenhamos que é uma carga pesadota, esta dos almoços, para quem não usufrui de ordenados gordos. Não é? Se se fizessem umas cantinas populares por aqui, talvez se resolvesse o problema de muita gente. E note que eu ainda não sou dos que estou em piores condições. Além de que, por regra, a comida é mal confeccionada e o espaço exíguo.

O tom geral das respostas que recebemos fica assim sintetizado nestas afirmações. Restaurantes caros para as bolsas dos empregados e trabalhadores do centro (pelo menos para a maioria), comida nem sempre apetecível, serviço vagaroso. Este último elemento faz com que muita gente prefira os «self-services» onde, apesar das bichas, o serviço se torna muito mais rápido e, portanto, se perde menos tempo. D. Maria da Saudade, empregada da Sociedade Industrial Farmacêutica, apanhada de tigela de caldo na mão, ao balcão de um bar, respondeu-nos:

— **Não tenho tempo, nem para procurar lugar nos restaurantes, que a esta hora estão sempre à cunha, o que prova que são poucos para os milhares de pessoas que têm de almoçar no centro da cidade, nem para esperar que me sirvam. Por isso como qualquer coisa ali ou acolá, ao balcão ou vou a um «self-service». Mas também há poucos «self-services» na Baixa, o drama é sempre o mesmo. Assim** — acrescenta com um sorriso — **fica mais barato e não corro o perigo de perder a linha.**

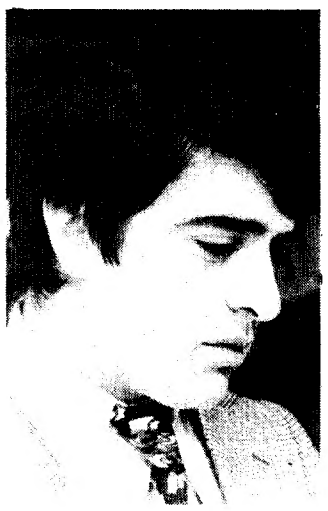
Outra coisa que apurámos é que uma boa parte das empresas do centro urbano não têm cantina ou sequer um refeitório para o pessoal, ainda quando o número de empregados ultrapassa o limite considerado justificativo para a existência dessas instalações. Alguma fornecem aos seus funcionários senhas que permitem comer uma refeição a preços módicos, mediante contratos com uns quantos restaurantes, porém não são muitas as que usam o sistema — e deste modo o preço do almoço recai, integralmente, sobre o orçamento do empregado.

Almoçar no centro de Lisboa? Um drama.



Ao balcão é mais rápido, mais barato e sabe bem.

«A gente não tem refeitório e os restaurantes são muito caros».



«Falta o tempo para comer em restaurantes».

«Gosto dos self-services»

«Como qualquer coisa ao balcão»

«Os restaurantes da Baixa são poucos»

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
... GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870

Esclarecimento a propósito da poluição na Costa da Caparica

Do «Grupo Amigos da Costa», da Caparica, o nosso director recebeu a seguinte carta, com pedido de publicação para que sirva de esclarecimento:

«Publicou o seu jornal de 30/1/73, uma local sob o título «A Poluição Põe Em Perigo As Praias Da Costa da Caparica», que mereceu cuidada análise do Grupo Amigos da Costa, entidade que se fundou, exactamente, para pugnar e defender os interesses destas vastas praias ao Sul do Tejo.

Porque o jornalista fala em poluição e esta não existe nas praias da Costa da Caparica, mesmo admitindo os grandes estragos causados pelos últimos temporais, vimos pedir a V. Exa. que seja feito um esclarecimento ao público, que, ao ler aquela notícia, por certo bem intencionada, pode ficar com uma ideia errada daquilo que realmente aconteceu.

A fúria do mar, que invadiu as praias na zona da Fonte da Telha, destruiu algumas casa de madeira e portanto, aparecem aqui e ali algumas tábuas e os tais «dois pneus em razoável estado de conservação» a que o referido jornalista aludiu.

Mas daí a haver poluição, vai uma grande diferença e se poluição houve ou está havendo, essa é provocada pelos amigos do alheio que têm aproveitado o temporal para se apoderarem de tudo quanto podem, o que, de certo modo, anula a tal poluição de coisas que poderiam boiar nas águas do Atlântico.

Não nos parece portanto que uns tantos pneus e alguns objectos diversos, dispersos ao longo das praias, não sendo inflamáveis, nem oleosos, tenham dado ao jornalista a prova de haver poluição nas praias da Caparica, pois que, se bocados de madeira e dois pneus provocam poluição, então não sabemos bem o que isso seja.

Como não desejamos permitir maus juízos sobre estas praias, que, mesmo assoladas por temporais, são as melhores do litoral português, logo que passa a borrasca, permitindo na época própria uma permanência de milhares de banhistas, que delas tiram os mais altos graus de salubridade e refrigério natural, mau grado a falta duma planificação que se espera para breve, como complemento da sua valorização turística.

Gratos ficaremos a V. Ex.ª por esta rectificação, em favor da verdade e da excelência das praias da Costa da Caparica.»

N. da R. — Aceitamos o esclarecimento acima publicado, embora nos pareça que vem escamotear a questão de base. Porque a verdade é que o jornalista que escreveu a notícia em questão, o mesmo que viria a escrever uma reportagem publicada no nosso jornal do último domingo, dia 4/2/1973, percorreu as praias e verificou os factos a que se referiu.

É evidente que quando se escreve uma notícia como a que mereceu este reparo dos «Amigos da Costa», não se pretende negar, ou prejudicar, a «excelência das praias da Costa da Caparica». Pretendemos, outrossim, chamar a atenção para factos que poderão vir a prejudicar toda a zona e muitos milhares de pessoas.

E quanto a haver, ou não, poluição, perguntamos: o que significam as centenas de garrafas de vidro ou plástico, existentes em extensas zonas das dunas cimeiras às praias em questão? O que quer dizer um porco morto abandonado na praia, já em estado de putrefacção, como o jornalista encontrou? Que designação se dá a utensílios em plástico, árvores, latas e quejandos que encontrámos cobrindo certos pedaços de areia? Porque ficaram as calças do repórter completamente sujas de óleo, depois de ter percorrido dois quilómetros de praia? Donde veio a nafta que se lhe agarrou aos sapatos?

Mais perguntamos: queremos ignorar as questões ou solucioná-las?

DL/NACIONAL

O caso da Pensão Familiar

Exame mental ao autor do crime

Foi adiado, para data indeterminada, o julgamento do crime de que foi vítima a proprietária da Pensão Familiar, à Rua das Olarias, no bairro da Mouraria, em virtude de o acusado ter de ser submetido a exame mental, a requerimento da defesa.

O caso, ocorrido em 6 de Outubro último, e que durante algumas semanas esteve envolto em mistério, teve como protagonistas, Laura Felgueiras Gonçalves Barrocas Rei, de 49 anos, natural do lugar de Mazede, que foi encontrada morta no seu quarto, com uma bala na cabeça; e o arguido Manuel Outeirinho Vítor, de 27 anos, vigilante bancário, que se achava hospedado naquela pensão. Este, segundo o despacho de pronúncia, sentia-se sensualmente atraído pela vítima, pelo que, obsecado iniciou as tentativas tendo sempre sido repelido. No dia do crime, o arguido decidiu vencer a resistência da dona da pensão. Muniu-se de uma pistola do seu colega de quarto, o guarda da P.S.P. Manuel Martins Fernandes, e, aproveitando a oportunidade de ficar sòzinho com a vítima, deliberou intimidá-la. Contudo, ante nova recusa, o réu disparou à queima-roupa um tiro na cabeça de Laura Rei, que morreu imediatamente.

Na pensão habitavam, além da vítima e dois filhos menores, uma dezena de hóspedes constituída por padeiros, um guarda da P.S.P. e empregados modestos. O crime afigurou-se assim de difícil solução, pelo que se chegou a pensar, e com boas razões, que fora longa e hàbilmente preparado. No entanto, ao tribunal resta ainda esclarecer se se tratou de homicídio premetidado ou drama emocional.

COMISSÃO DE SERVIÇOS SOCIAIS

Reuniu-se o conselho geral da Comissão Portuguesa do Conselho Internacional de Serviços Sociais, que aprovou o relatório e contas do ano findo e procedeu à eleição de corpos gerentes para o triénio de 1973-75. Presidem, ao conselho geral, o eng.º Alberto Eduardo Lobo de Alarcão e Silva; ao conselho fiscal, o dr. Manuel dos Santos Ferreira; e à direcção, o dr. Carlos Augusto Fernandes de Almeida.

JOIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 25

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29
LISBOA — Telf. 50473

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Em conformidade com as disposições estatutárias, convoco para o dia 27 de Abril de 1973 às 20.30 horas, na sede deste Sindicato, Av. da República, 29, a Assembleia Eleitoral para eleição dos Corpos Gerentes do Sindicato e uma vez que a eleição das Direcções das Secções Profissionais só pode ter lugar em 26 de Janeiro de 1973, para cumprimento do prazo fixado no artigo 17.º n.º 2 do Dec. 51/72 porque não pode assim ser fixada a Assembleia Eleitoral até 31 de Março, e nos termos do n.º 2 do artigo 9.º do mesmo Dec. 51/72, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

1 — Eleição da Mesa da Assembleia Geral e da Direcção, para o triénio 1973/75.

Não havendo número legal de representantes presentes, é desde já convocada nova reunião, para o mesmo dia e local, às 21.30 horas funcionando com qualquer número, ao abrigo do artigo 30.º dos Estatutos.

A VOTAÇÃO ENCERRA ÀS 23 HORAS

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1973.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Ezequiel de Sousa

Necrologia

COMENDADOR ARTUR HENRIQUES COIMBRA

Pelas 10 e 30 de amanhã, na Igreja de S. João de Deus, é rezada missa do sétimo dia por alma do sr. comendador Artur Henriques Coimbra, que contava 71 anos, era natural de S. Pedro d'Alva (Hombres, concelho de Penacova), casado com a sr.ª D. Alice Coimbra e pai dos srs. Artur Almeida Coimbra e do actor cinematográfico Américo Coimbra.

Em 1922, o extinto fundou a firma Barata, Coimbra e Silva, Lda., que esteve na origem de uma larga vida comércio-industrial, prolongada em diversas empresas a que associou o seu prestigiado nome.

Intransigente apologista dos interesses regionalistas e grande benemérito, incentivou obras de relevo no panorama económico e social do País, o que lhe mereceu o grau de comendador das Ordens de Cristo e de Benemerência.

Apesar dos seus filhos estarem ligados a várias empresas de que o comendador Artur Henriques Coimbra fazia parte, jamais deixou de encorajar Américo Coimbra na carreira cinematográfica, rumo profissional que o conhecido galã pretendia seguir e onde tem vincado o nome com destaque. Também a amizade que dedicava a todos os seus associados e o fino trato com que a todos atendia deixaram um profundo vácuo em quantos o conheceram.

MANUEL DIAS PIRES

Faleceu o sr. Manuel Dias Pires, de 82 anos, gerente industrial, natural de Lisboa, viúvo, pai da sr.ª D. Maria da Silva Pires de Matos, casada com o sr. António Maria Rodrigues de Matos. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, às 11 horas, da Igreja da Pena (à Calçada de Santana), para o cemitério do Alto de São João. Às 10.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

Eng. Álvaro Gouveia

Celebra-se amanhã às 18 e 30 na igreja da Graça a missa do 30.º dia do Eng. Álvaro de Melo Gouveia.

Eng. ÁLVARO DE MELLO GOUVEIA

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 9 pelas 18.30 na Igreja da Graça.

Luciano Soares Franco

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa o seu falecimento no dia 2 do corrente e que amanhã, dia 9, às 11 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA BARATA

JOÃO CARLOS DE CASTRO SALAZAR LEITE

Recordando o dia do seu aniversário natalício, sua família manda rezar missa pelo seu eterno descanso, no dia 10 às 12,30 horas, na Capela do Colégio Universitário Pio XII, agradecendo a todos os seus amigos que queiram comparecer.

MANUEL DIAS PIRES

FALECEU

Maria da Silva Pires de Matos, António Maria Rodrigues de Matos e mais família participam o falecimento do seu chorado pai, sogro, amigo e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Igreja da Pena (à Calçada de Santana) para o cemitério do Alto de São João. Às 10.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA SALGADO

Eleição para o Conselho Nacional de Turismo

A eleição dos representantes dos orgãos locais de turismo no Conselho Nacional de Turismo será feita por correspondência e em escrutínio secreto, segundo o determinado numa Portaria do secretário de Estado da Informação e Turismo hoje publicada no Diário do Governo.

O mandato respectivo cessa logo que os eleitos deixem de fazer parte do órgão local de turismo que representavam, sendo eleitores os presidentes das juntas de turismo.

O diploma refere a existência de dois escrutínios: um para o representante das Câmaras Municipais que administram zonas de turismo e outro para o representante das comissões regionais e juntas de turismo, os quais terão lugar, em acto público, no gabinete do director-geral do Turismo.

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC
Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos
FIOS PARA TRICOT
Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.
Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

VERÍSSIMOS SALDAM
Sobretudos, gabardines, Marines, anoraks, calças, camisas, malhas, robes, e um grande sortido em casacos e blusões de cabedal e camurça para homem e senhora, e muito mais coisas do resto da Estação.
AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGÁVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

DINHEIRO empresta-se
Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei
A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
LISBOA - RUA DO OURO 292 1.º (Esquina com o Rossio) Telf. 369384/5/6
PORTO - RUA PASSOS MANUEL 14 1.º Telf. 20344/5/6

DL/ESTRANGEIRO

FLECHAS CONTRA SOLDADOS NA IRLANDA DO NORTE

BELFAST, 8 (UPI-ANI) — Um informador de um hospital da zona oriental de Belfast afirmou hoje que dois dos homens que ali deram entrada para receber tratamento, em consequência dos distúrbios ocorridos ontem, apresentavam golpes de espada.

Por outro lado, um informador militar declarou que ontem foram disparadas duas flechas sobre soldados, no bairro de Ardoyne.

Os combates entre soldados ingleses e os franco-atiradores protestantes diminuiram hoje de intensidade, depois da violência de ontem em que morreram cinco pessoas.

Pouco depois das 2 horas TMG, um informador militar declarou que o tiroteio cessara na zona oriental de Belfast e em Sandy Row, a área protestante junto do centro da cidade.

As barricadas foram retiradas das ruas principais da zona oriental de Belfast, mas as barricadas nas ruas laterais e a barreira que fechava, os dois lados de Sandy Row — onde um bombeiro foi morto ontem à noite quando tentava apagar um incêndio que deflagrara numa loja — só será retirada durante o dia de hoje.

O exército informou que outro dos mortos era membro conhecido da Associação de Defesa do Ulster (UDA), uma organização protestante. Outra das vítimas foi um jovem católico de 18 anos que desaparecera na noite anterior.

Com estas mortes o número de casos fatais em três anos e meio de violência no Ulster aumentou para 717.

Os guerrilheiros que estão a actuar na Irlanda do Norte lançaram ontem à noite um foguetão anti-tanque de fabrico russo contra um posto do exército britânico na zona católica de Lower Falls Road, mas o míssil explodiu contra algumas casas abandonadas e não feriu ninguém.

O dia de ontem foi especialmente assinalado no Ulster por uma greve de protestantes contra o facto de dois deles haverem sido detidos sem julgamento prévio, em condições idênticas aquelas em que têm sido detidos muito católicos.

NEGROS E ASIÁTICOS EM GREVE

Aumenta o perigo em Durban de um confronto violento

DURBAN, 8 — (R) — Com a chegada de novos reforços de polícia vindos de Pretória, aumenta em Durban o perigo de uma confrontação violenta entre as forças da ordem brancas e os grevistas negros e asiáticos que abandonaram o trabalho perturbando a vida normal nesta cidade.

Entretanto, voluntários, brancos, incluindo donas de casas, procuram realizar as tarefas mais urgentes, tais como a descarga de frutas e legumes que apodrecem nos combóios de carga, enquanto nos mercados, os preços dos géneros alimentícios aumentam ràpidamente.

Quando todos os funcionários municipais não brancos aderiram à greve que já afectava uma centena de empresas particulares e fábricas, os funcionários brancos tiveram sózinhos de tentar assegurar o funcionamento dos serviços essenciais, tais como a electricidade, a água e a recolha do lixo. Os grevistas, de braços cruzados, puderam então assistir ao espectáculo raro de um branco a fazer trabalhos pesados, tais como transportar carga às costas ou abrir um buraco com picareta para uma reparação nas ruas.

O presidente do município, Ron Williams, ameaçou já demitir sumàriamente todos os funcionários que não se apresentarem ao trabalho até sexta-feira de manhã, uma vez que na Africa do Sul os negros não têm o direito à greve e a situação arrasta-se já há quatro semanas.

Os primeiros incidentes violentos registaram-se ontem quando uma multidão de 7000 grevistas africanos se concentrou no subúrbio industrial de Hammarsdale e a polícia lançou gases lacrimogéneos para os dispersar.

No centro da cidade foram presos 140 grevistas quando percorriam as ruas principais da cidade um grupo ruidoso que empunhava cacetes invadiu um prédio em construção e expulsou dali os trabalhadores africanos que anteriormente não tinham aderido ao movimento.

Altos funcionários do Governo, cujos departamentos se ocupam dos problemas relacionados com a população negra chegam hoje a Durban para estudar in loco a situação, que o ministro dos Assuntos Bantus, Michael Botha, disse considerar muito séria.

O Rei Hussein quer a paz separada

WASHINGTON, 8 (R.) — O rei Hussein da Jordânia termina hoje três dias de discussões com o Governo de Nixon, tendo obtido promessas da continuação do auxílio militar dos Estados Unidos e exprimido o seu desejo de estabelecer uma paz separada com Israel, segundo afirmaram fontes diplomáticas.

O soberano afirmou, numa entrevista que concedeu ontem, que lhe foram prometidas duas esquadrilhas de caças a jacto de reconhecimento F.-5 como parte de novo auxílio americano para modernizar as forças armadas jordanas.

O monarca que conferenciou já com o presidente Nixon e o secretário de Estado, William Rogers, avistar-se-á hoje com membros da Comissão de Relações Externas do Senado.

MUSSOLINI ERA A FAVOR DE UM ESTADO JUDAICO

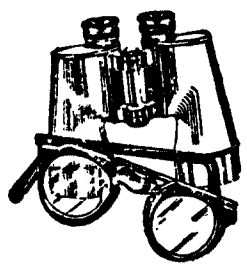
JERUSALÉM, 8 (R) — O antigo ditador italiano Benito Mussolini era favorável à criação de um Estado judaico na Palestina e esperava encontrar aí colocação para os emigrantes italianos, segundo revelou hoje o dr. Yitzhak Minerbi, professor na Universidade Hebraica, depois de estudar documentos secretos italianos que recentemente chegaram ao seu conhecimento.

Dr. Minerbi diz que Mussolini, em encontros que teve com dirigentes judaicos se manifestou interessado na eventual emigração de italianos para a Palestina, devido ao facto dos Estados Unidos terem deixado de admitir italianos.

Em conversas que teve com o dr. Chaim Weizman, que mais tarde foi o primeiro presidente de Israel, Mussolini propôs o envio de trabalhadores italianos para a construção do porto de Haifa, em troca do apoio da Itália à criação de um Estado judaico.

ALFREDO LOPES PEREIRA

OCULISTA



Mais de 55 anos ao serviço da óptica — Execução perfeita de todo o receituário

★

Casa especializada no conserto de todo o género de binóculos

Óculos, Binóculos, Barómetros e Aparelhos de Precisão

— PREÇOS MÓDICOS —

R. dos Fanqueiros, 165 — Tel. 3 23 46 — L I S B O A

A missão para a Zâmbia passa por Londres

NAÇÕES UNIDAS (Nova York, (UPI-ANI) — Segue esta tarde para Londres a missão do Conselho de Segurança das Nações Unidas encarregada de investigar a situação na Zâmbia — anunciou um funcionário da ONU.

O grupo conferencia amanhã com uma equipa britânica de peritos e segue no dia 11 para Nairobi, a capital do Quénia, onde fica até ao dia 15, a tratar de problemas de se estabelecerem as vias de transporte entre a Zâmbia e o mar.

De 15 a 18 a missão visita a Zâmbia e depois segue para Dar-Es-Salaam, capital da Tanzânia, de onde regressa a Nova York cerca do dia 21.

Acaba também de ser anunciado o nome dos peritos que vão auxiliar a missão a averiguar as necessidades da Zâmbia quanto a novos sistemas de comunicações por estrada, caminho de ferro, ar e mar, de acordo com a resolução que o Conselho de Segurança tomou na passada sexta-feira.

Nessa altura, a propósito de uma queixa zambiana quanto ao encerramento da fronteira rodesiana pelo Governo de Salisbury, o Conselho decidiu enviar a missão a Lusaka.

AUXÍLIO FINANCEIRO

ADDIS ABEBA, 8 (UPI-ANI) — A Zâmbia afirmou ontem à Organização da Unidade Africana que necessita de auxílio no valor de 70 milhões de dólares para enfrentar a pressão económica exercida pela Rodésia — indicam alguns delegados à conferência ministerial da OUA que está a decorrer em Addis Abeba.

No dizer dos mesmos delegados, alguns países africanos prometeram já camiões e peritos, mas é muito difícil que a Zâmbia consiga todo o dinheiro solicitado.

Os zambianos declararam à Organização da Unidade Africana que continuarão a criar outras vias comerciais, apesar de a Rodésia já haver reaberto a fronteira que encerrara até que o Governo de Lusaka deixasse de dar apoio aos guerrilheiros.

O delegado zambiano Ruben Kamanga afirmou esperar que o seu país receba «ofertas concretas de auxílio», mas até agora Lusaka tem recebido essencialmente simples mensagens de apoio.

A actual conferência ministerial da OUA concordou ontem em criar uma comissão de cinco países para rever as actividades dos diversos movimentos de guerrilheiros que actuam na Africa.

Defensores dos Indios desistem em sinal de protesto

RIO DE JANEIRO, 8 — Desiludidos e doentes após trinta anos de permanência na selva amazónica, os doiss maiores defensores dos índios brasileiros, os irmãos Cláudio e Orlando Villasboas, vão abandonar a sua actividade em sinal de protesto contra a destruição da cultura índia pela civilização do homem branco.

«Abandonamos este trabalho convencidos de que cada vez que contactamos com uma nova tribo estamos a contribuir para a destruição daquilo que é puro neste povo» — disse Orlando Villasboas aos jornalistas.

A inesperada decisão dos dois irmãos, que em 1971 foram propostos para o prémio Nobel da Paz, foi anunciada poucos dias depois da sua última proeza na Amazónia a qual consistiu em estabelecer contacto pela primeira vez com a legendária tribo dos Krenakore, índios gigantes com mais de dois metros de altura.

Em brasília, a fundação nacional de auxílio aos índios (funai) disse não ter ainda conhecimento oficial da demissão dos dois etnólogos, mas um informador acrescentou: «Isso não nos surpreende porque ambos se encontram doentes após trinta anos de permanencia na Amazónia. Cada um deles já teve conhecimento de duzentos ataques de malária, o que deve ser um recorde mundial».

Para milhares de índios da bacia do Amazonas a partir dos dois cientistas, a quem eles chamam familiarmente «pai Cláudio» e «Pai Orlando», constitui uma tragédia.

Os índios estavam habituados a recorrer a eles sempre que se sentiam ameaçados de expulsão dos seus territórios pela abertura de uma nova estrada ou por qualquer outro empreendimento dos brancos.

Os dois irmãos, no entanto, já tinham reconhecido publicamente que os seus esforços eram imponentes para evitar a ameaça de extinção que paira sobre as últimas tribos de índios brasileiros.

CALEIDOSCÓPIO

DÓLAR: O PREÇO MAIS BAIXO — A crise do dólar presiste. Na praça de Zurique atingiu o preço mais baixo desde fins de Janeiro. Em Londres, na abertura, a onça ouro subiu logo dez cêntimos, passando para 68,90 dólares. Em Frankfurt, o Bundesbank «resgatou» em duas horas uns 300 milhões de dólares. Como a especulação voltou a aumentar, parece estar iminente uma decisão monetária de Bonn, apesar dos desmentidos oficiais do ministro das Finanças, Helmut Schmit. Os jornais da R.A.F. preconizam hoje uma solução europeia para resolvar a crise monetária, aderindo, assim, ao apelo feito na véspera, em Bruxelas, pelo chenceler Brandt aos parceiros do Mercado Comum. (FP).

SEGREDO DESVENDADO — Desvendou-se o segredo: os jornais ingleses anunciam hoje que «Sir» John Ogilvie Rennie, vice-subsecretário no Ministério dos Negócios Estranfeiros, é o chefe do MI-6, a rede de espionagem inglesa no estrangeiro. O segredo da identidade do homem a quem os ingleses normalmente se referiam por «M» (o patrão de James Bonnd nas novelas de Ian Fleming) foi desvendado porque a revista alemã «Stern» identificou Rennie em relação com as acusações de posse de drogas levantadas contra o seu filho Charles, de 25 anos. (UPI e ANI).

WESIN DESMENTE O DESEMBARQUE — O desembarque de um comando na República Dominicana «parece ser uma mentira grosseira completamente inventada para desencadear violenta reacção contra as forças da oposição — declarou ontem em Madrid o general Elias Wesin, antigo chefe da aviação dominicana. O general, que se exilou depois do golpe de Estado de 1971 contra o presidente Joaquim Balaguer, lançou «um apelo ao mundo civilizado para que intervenha a fim de evitar a chacina, por Balaguer, dos chefes da oposição, entre eles o professor Juan Bosch ou dos doutores Perez-Gomez e Luís Amiana Tio». (FP).

MATOU OITO PESSOAS — Um homem, com uma caçadeira, matou oito pessoas e feriu mais quatro antes da Polícia o abater hoje num arrozal, na Malásia. Guardas, com cães-polícias, seguiram-no até ao arrozal nos arrabaldes da cidade de Seremban, 64 quilómetros ao sul de Kuala Lumpur. O criminoso morreu, após travar um combate a tiro com a Polícia durante mais de uma hora. (R).

VINTE E UM DESAPARECIDOS — Barcos e um avião procuravam hoje 21 tripulantes de um atuneiro japonês naufragado, após um único sobrevivente ser salvo quando se encontrava num rochedo, varrido pela ventania, no mar da Tasmânia. O sobrevivente foi retirado, esta manhã do rochedo da Pedra Branca pelo arrastão «Walrus», após uma provação de 30 horas. (R).

ATMOSFERA DE CRISE NO URUGUAI — O conflito que opõe os chefes militares uruguaios ao presidente Juan Bordaberry agravou-se ontem com a publicação de um comunicado que acusa o senador Amilcar Vasconcelos de ser o porta-voz de uma manobra política dirigida contra as forças armadas. Pela quinta vez em seis meses, o Uruguai mergulha assim numa atmosfera de crise. Esperam-se reacções do presidente e do seu novo ministro da Defesa, general Frandes.

DL/ESTRANGEIRO

ARCEBISPO MAKÁRIOS: CANDIDATO INCONTESTADO

NICOSIA, 8 — (R) — Parecia hoje que o arcebispo Makários voltará a ser incontestàvelmente o presidente de Chipre enquanto a Polícia investiga a última vaga de terrorismo nesta agitada ilha do Mediterrâneo.

Faltando apenas horas antes de terminar ao meio-dia de hoje o prazo da apresentação de candidaturas para a eleição presidencial, nenhum outro pretendente apareceu para desafiar o arcebispo ortodoxo, de 59 anos, que tem sido Chefe de Estado desde 1963.

O Partido Democrático Nacional (DEK), das direitas, anunciou a noite passada que não apresentaria qualquer candidato e, a não ser que surja um adversário à última hora, o presidente Makários proferirá o seu discurso de aceitação durante um comício maciço de cipriotas gregos, que se efectua hoje nesta capital.

Entretanto, a Polícia principiou a prender suspeitos por causa da onda de assaltos para roubar armas, que ocorreran ontem na ilha. As primeiras horas de hoje, as autoridades comunicaram que 14 pessoas tinha sido detidas para interrogatório, nove delas em Nicósia.

Homens, armados e mascarados, assaltaram às primeiras horas de ontem 18 esquadras da Polícia, roubando armas, munições e uniformes da Polícia durante uma campanha bem organizada. Três das esquadras foram pelos ares e vários combates a tiro travaram-se entre a Polícia e os grupos de assaltantes.

Presumia-se que os assaltos foram efectuados por partidários do general George Grivas, de 74 anos, o antigo chefe dos guerrilheiros, que está empenhado numa campanha a favor de «Enosis» — união política entre Chipre e a Grécia.

A «Enosis» tem sido vigorosamente rejeitada pela maioria cipriota-turca como uma solução para a disputa inter-comunal que tem agitado o país quase desde a independência em 1960.

Os assaltos para roubar armas foram os actos de violência mais graves registados na vaga intermitente de terrorismo durante as últimas seis semanas.

O presidente Makários afirmou que o general Grivas está a organizar resistência armada em tentativas para prejudicar a eleição presidencial e abalar a confiança no Governo. Preveniu que não tolerará mais actividade terrorista.

Estabelecimentos, fábricas e escolas fecharam por causa do comício maciço de hoje, enquanto a ilha aguardava a próxima iniciativa dos partidários do general Grivas.

Condenação

BERLIM, 8 — (UPI-ANI) — Um tribunal de Berlim Ocidental condenou ontem um estudante de 21 anos, Ulrich Schumuecker, a 30 meses de prisão, por ter colocado bombas no clube de oficiais norte-americanos e no consulado turco em Berlim.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pinto e Leite, Ld.ª — «Papelaria e Novidades — CARAMULO

Conversações de Viena: sete dias de ponto morto

VIENA, 8 — (R) — Delegados da NATO às conversações entre o leste e o oeste sobre reduções de tropas na Europa central marcaram novos contactos para hoje, a fim de tentarem conseguir que prossigam as discussões, que se encontrem num impasse.

Após sete dias de um ponto morto para apurar quais dos 19 países participantes devem ter plena categoria, os delegados abandonaram virtualmente a esperança de a primeira sessão de trabalho das conversações sobre reduções mútuas e equilibradas de forças, (MBFR) se efectuar esta semana.

Fontes bem informadas disseram que as 12 nações da NATO não conseguiram chegar a uma decisão durante as discussões estratégicas de ontem sobre como reagir a uma iniciativa da Hungria para obter a categoria de observador.

Antes ambos os lados estavam dispostos a aceitar a Hungria como membro plenário da conferência e a decisão húngara de descer para um posto secundário foi descrita pelas delegações ocidentais como um «factor complicativo».

A despeito do impasse, círculos ocidentais afirmaram que havia provas da «prontidão de ambos os lados quanto à compreensão das respectivas posições».

6º Rallye Targa

CLASSE 1300 GRUPO 2

1.º — Luis Sales Grade/ António Marçal em Morris Marina

2.º Teresa Torres/ Luisa Salazar em Morris 1275 GT

GRUPO 2

2.º — Luis Sales Grade/ António Marçal em Morris Marina

4.º — Joaquim Moutinho/ Edgar Fortes em Austin Maxi

Castrol GTX

máxima protecção – maior rendimento

DL/ESTRANGEIRO

Um funcionário da alfândega dos EUA inutiliza dez quilos de heroína apreendida. Droga que no «mercado negro» valeria nove milhões de dólares vai assim pelo cano abaixo. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

Provável troca de prisioneiros este fim-de-semana no Vietname

SAIGÃO, 8 (R) Espera-se que uma troca em grande escala de prisioneiros entre o Vietname do Sul e o Vietcong acompanhe a libertação dos primeiros americanos no fim da semana, segundo afirmaram hoje fontes militares.

Disseram que oficiais sul-vietnamitas e do vietcong tinham discutido um plano para trocar vários milhares de prisioneiros entre sábado e segunda-feira na área de An Loc, a cerca de 96 quilómetros ao norte de Saigão, e em Quang Tri, ao norte.

An Loc é também, indicada por funcionários americanos como o local de libertação no sábado ou domingo dos primeiros 109 americanos prisioneiros do Vietcong.

As mesmas fontes militares disseram ignorar se Saigão e o Vietcong tinham concordado finalmente com a troca de prisioneiros.

O plano previa a libertação de dois comunistas por Saigão por cada sul-vietnamita solto pelo Vietcong acrescentaram.

Na frente de batalha, o comando de Saigão anunciou hoje que as violações comunistas do cessar fogo tinham ultrapassado a marca de 2.000.

Disse que 2.017 violações foram registadas até ao alvorecer de hoje. Os comunistas sofreram 4.762 mortos, mas o total de soldados governamentais mortos, feridos e desaparecidos era ainda mais elevado.

O comando comunicou, também, que a auto-estrada de Saigão para o centro de turismo de Dalat, nas montanhas, fora reaberta ontem após estar fechada durante vários dias. Dalat fornece muito do abastecimento de hortaliça e de fruta para Saigão e o encerramento da estrada fez com que os preços desses produtos aumentassem enormemente na capital.

A polícia militar sul-vietnamita deteve hoje, de manhã, 23 jornalistas que foram à base aérea de Tan Son Nhut, em Saigão, visitar funcionários norte-vietnamitas e do Vietcong.

Os jornalistas foram postos em liberdade, após estarem detidos durante uma hora numa casa da guarda. Foram confiscados os seus filmes, gravações em fita magnética e cartões de imprensa.

As prisões seguiram-se a uma comunicação feita ontem pelo director do recentemente criado centro de assuntos públicos sul-vietnamita, Pham Duong Hien, de que correspondentes podiam entrar na base e falar com os comunistas.

A polícia que deteve os jornalistas disse que não tinha sido autorizada a permitir que representantes da Imprensa falassem com comunistas.

O incidente foi resultado da falta de coordenação entre as autoridades civis e militares esclareceu Hien mais tarde.

Estado de emergência na República Dominicana

SÃO DOMINGOS, 8 (UPI-ANI) O presidente Joaquim Balaguer declarou ontem á noite o estado de emergência, para resolver o problema da invasão da costa sul da Hispaniola por guerrilheiros.

Num discurso transmitido para todo o país, Balaguer pediu aos habitantes de São Domingos que façam os sacrifícios necessários para manter a paz no país.

Balaguer acusou novamente o antigo presidente Juan Bosch, chefe do Partido Revolucionário Dominicano (PRD), de ser o cérebro da invasão e afirmou que o Governo usará todos os poderes de que se puder servir para esmagar a revolta.

O presidente afirmou que o objectivo da invasão era desviar a atenção do Governo dos distúrbios planeados para a capital e outras cidades, com a intenção de criar uma situação semelhante à de 1965 quando os fuzileiros norte-americanos intervieram neste país das Caraíbas.

As medidas «drásticas» do estado de emergência são justificadas quando o objectivo a longo prazo da «tranquilidade da família dominicana» está em jogo declarou Balaguer.

Avanço comunista no Camboja

NEAK LUONG, (CAMBOJA), 8 (UPI-ANI) Milhares de aldeãos assustados fugiram para o Ocidente, protegidos pelas linhas governamentais, ao lonfo da estrada nacional número um, enquanto as forças comunistas khmeres continuavam a avançar na direcção da base de fuzileiros de Neak Luong, junto do rio Mekong.

Aterrados com o ruído da artilharia pesada que se ouvia nitidamente não acatavam quaisquer ordens enquanto esperavam pelos barcos que os transportariam para a margem ocidental do rio.

Em circulos militares diz-se que o objectivo da ofensiva Khmer junto de Neak Luong é a conquista de posições estratégicas de defesa ao longo do ekong.

Se capturaram Neak Luong poderão fàcilmente controlar o rio e assim evitar que fornecimentos vitais, como mantimentos, gasolina e armamento cheguem à capital do Camboja.

Entretanto, as forças khmeres que cercam a capital provincial Svay Rieng, 125 quilómetros da sudeste de Phnom-Penh, lançaram mais um ataque contra as defesas da cidade e intensificaram os bombardeamentos de artilharia pesada na área segundo informaram os altos comandos.

UM ANO DE CADEIA POR MATAR UM LEÃO

PORTLAND, OREGON, 8 (UPI-ANI) Um habitante de Portalnd foi condenado a um ano de prisão, por ter morto um leão que, no jardim zoológico desta cidade, matara um seu amigo.

Kenneth Franklin Bowers, de 23 anos declarou que tinha disparado sobre dois leões no jardim zoológico de Portlande porque os animais mataram Roger Dean Adams, de 19 anos, quando este entrou na jaula, depois de ter bebido várias cervejas. Um dos animais morreu.

Bowers contou que as feras maltrataram Adams durante cerca de meia hora, antes de chegarem socorros.

O juiz Richard J. Burke, condenou-o a um ano de prisão e ao pagamento do equivalente a 32.400 escudos, ao jardim zoológico como indemnização.

coberturas
Cimianto
Sociedade Técnica de Hidráulica, S.A.R.L.
Av. Fontes Pereira de Melo, 14
Tels. 53 11 61 - 56 01 61 PPC
Lisboa - 1

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Rua Braamcamp, 9-2.º — Lisboa

1.ª Secção de Actividade «LAVOURA»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º e do número 2 do artigo 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato integrados nesta Secção a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 22 de Fevereiro de 1973, às 21 horas, na Sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, Rua Braamcamp, n.º 9-2.º, nesta cidade, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação e Votação do Relatório da Comissão Directiva relativo ao ano de 1972.

Se à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1973.

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

(SEDE: Rua Bramcamp, n.º 9-2.º — LISBOA)

4.ª Secção de Actividade
«INDÚSTRIA DE ELECTRICIDADE, ÁGUA E GÁS»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º e do número 2 do artigo 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato integrados nesta Secção a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 27 de Fevereiro de 1973, às 21 horas, nas instalações do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, nesta cidade, com a seguinte:

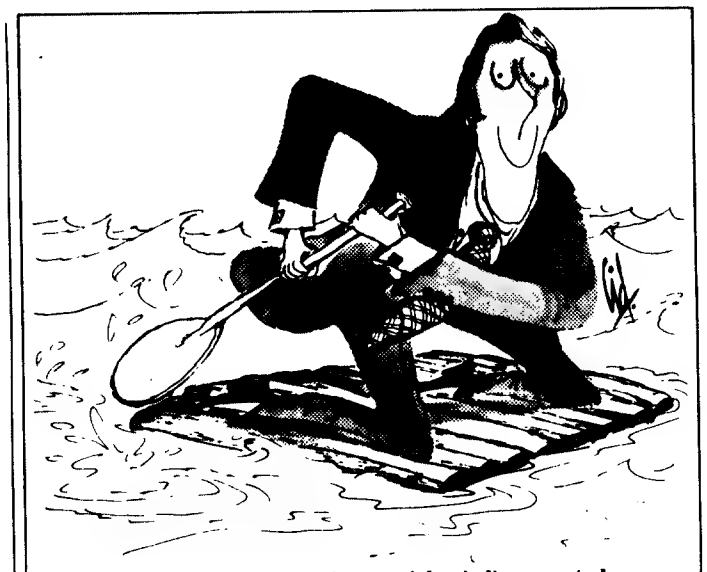
ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação e Votação do Relatório da Comissão Directiva relativo ao ano de 1972.

Se à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1973.

A COMISSÃO DIRECTIVA



Porque V. é capaz de se meter já a caminho, indicamos só algumas das muitas coisas que o Madeira-Sheraton lhe pode oferecer!

O conforto, o requinte, o serviço, já sabe, são Sheraton! Vá lendo agora devagar! O night-club "O Farol" é realmente um farol - de vida, de luz, de divertimento! As piscinas... tal como as especialidades do "Churrasco" e do restaurante "Os Arcos", só "provando-as" se avaliam. "The Pub"... aguente! Veja pessoalmente e... divirta-se!

Reservas: Lisboa - 56 39 11 - Funchal - 31 031

Madeira-Sheraton Hotel
SHERATON FUNCHAL Largo António Nobre Telef 31031
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT

DL/GERAL

O sistema educativo nos Estados Unidos

-Palestra proferida no Rotary Club

O indice de alfabetização dos Estados Unidos é de noventa e seis por cento, segundo revelou o dr. Willian Jacobsen, adido da embaixada dos Estados Unidos em Lisboa numa palestra que proferiu perante associados do Rotary Clube de Lisboa. O dr. Willian Jacobsen começou por referir-se às origens das tradições educativas do seu país analizando a influência dos primeiros colónos, designadamente, Inglaterra, Escócia, Holanda, França e Espanha. Evidenciou também as suas ligações com a Alemanhã, países Escandinávos e Suíça, esclarecendo, entretanto, que no século actual a situação tem sido inversa, com muitas nações europeias. Solicitando ideias e práticas educativas aos Estados Unidos. Salientou algumas das características singulares do sistema educativo americano nomeadamente o facto de não existir nenhum Ministér io de Educação Federal.

Cada um dos 50 Estados tem o seu sistema educativo próprio e estabelece os seus próprios padrões. Enquanto em teoria o facto pudesse levar a grandes disparidades entre os Estados e as suas exigências, na prática os sistemas educativos dos 50 Estados se assemelham entre si. Em quase todos os Estados, um estudante que passe no 5.º ano de um Estado tem acesso ao 6.º ano num outro estado quando se desloca. Existe a ausência de propinas na educação elementar e secundária, e, em alguns casos, na educação de grau superior. A frequência escolar e obrigatória, muitas vezes até, pelo menos, aos 16 anos, resultante de leis promulgadas por cada Estado.

Segundo o dr. William Jacobsen a educação é conduzida por sistemas escolares de 50 Estados, cada um agindo sob o controle de uma ligeslatura estadual. A maioria dos Estados dirige as suas escolas por meio de uma junta central de educação, constituída por elementos não profissionais, isto é, não professores ou Administradores do sistema. O trabalho administrativo é executado por um superintendente nomeado ou eleito. E auxíliado por um grupo de inspectores e especialistas e muitas vezes estabelece e faz valer os seus direitos quantoo ao curriculum, frequência, aptidão e eficiência dos professores. Cada Estado tem um mínimo de exigências que deve ser satisfeito. Geralmente, as escolas particulares têm liberdade de acção para seleccionarem professores, livros de ensino e planearem os seus programas, mas não obrigados a submeterem-se aos padrões estabelecidos pelos Estados.

Prosseguindo afirmou que as escolas públicas são financiadas por entidades estaduais e locais. A maior parte do dinheiro vem de impostos sobre bens. O auxílio federal é canalizado para as escolas, em todos os casos, por meio dos sistemas estaduais, especialmente quando a instrução profissional, programas especiais de assistência a crianças pobres, ou programas para melhorar o ensino de certas matérias, como Ciência, Matemática, ou Línguas Estrangeiras.

«Muitos sistemas escolares — disse — possuem jardim-escola, mas, geralmente, a instrução oficial começa aos 6 anos. A organização geral do sistema escolar é o 6-3-3, 6 anos de instrução primária, um primeiro e um segundo períodos, de 3 anos cada, de instrução secundária, embora haja em prática variações deste plano nos Estados Unidos.

Há escolas especiais para crianças diminuídas, jóvens que querem instrução profissional e para adultos que desejem obter um curso nas horas livres. Muitos Estados e cidades estabeleceram cursos superiores de 2 anos (júnior Colleges) destinado a adultos como a jóvens, geralmente entre os 18 e 21 anos».

Referiu depois que estes cursos são uma característica especial do sistema educativo americano. Afirmou que tais métodos proporcionam não só instrução avançada para os estudantes que desejam preparar-se para um emprego exigindo uma especialização para além da dada por um curso secundário, programação de computadores desenho e concepção arquitectónica, decoração de interiores, contabilidade básica, e muitas outras especializações semelhantes como também proporcionam 2 anos de instrução universitária que pode ser transferida para uma universidade de 4 anos se o estudante deseja obter um grau universitário.

A educação superior é oferecida por instituições particulares e públicas. Todos os Estados e muitas cidades auxiliam faculdades e universidades públicas. Igualmente existem muitas escolas técnicas e profissionais públicas e particulares.

No decurso da sua exposição, sempre escutada com o maior interesse o dr. William Jacobsen referiu alguns dados estatísticos:

Indice de alfabetização nos Estados Unidos — 98 por cento: Número de americanos envolvidos no processo educacional: média da educação do adulto americano — 10 anos nas instituições de ensino. Entre as idades de 25 a 29 anos a média é de 12 anos e meio. Total da população de 14 anos ou mais que se formam na educação secundária, (isto é de 12 anos de educação) — 72 milhões do total de 132 milhões; total de população com mais de 25 anos que se formam na educação superior — mais de 11 milhões do total de 100 milhões: total de estudantes de educação superior 7 milhões: total das instituições de educação superior: 1636 — só uma, Harvard, 1776 — 9, 1860 200, 1972 1.500.

CINDUSTA

CINDUSTA

CONSULTORES INDUSTRIAIS LIMITADA

NOVA SEDE EM LISBOA
AVENIDA JÚLIO DINIS, 10, 5.º-F.

«Acompanhando o progresso da Comunidade Industrial e Comercial Portuguesa, utilizando a tecnologia de investigação e treino da OTC — Operation and Transport Corporation —, a Cindusta formou-se em Portugal e por Portugal com vista a um futuro melhor para todos nós...»

CCN

companhia colonial de navegação

PARTIDAS — DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PORTO» a sair em 13 de Fevereiro — Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CAPE TOWN, PORTH ELIZABETH, EAST LONDON, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 20 de Fevereiro às 16 horas — Com escala por Las Palmas, para: LUANDA e LOBITO.

«BENGUELA» a sair em 15 de Março — Vindo dos portos do Mediterrâneo, com escala prévia por Leixões, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CAPE TOWN, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 15 de Março às 16 horas — Com escala por Las Palmas, para: LUANDA e LOBITO.

«MALANGE» a sair em 20 de Março — Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMEDES (*) CAPE TOWN, P. ELIZABETH (*), E. LONDON (*), DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

«LUANDA» a sair em 23 de Março — Vindo dos portos do Mediterrâneo, com escala prévia por Leixões, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CAPE TOWN, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

«LOBITO» a sair em 30 de Março — Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para: LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 12 de Fevereiro às 18 horas — Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

(*) — SE NECESSÁRIO.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

RUA DE S. JULIÃO, 63 - LISBOA 2 - Tel. 36 96 21
R. INFANTE, D. HENRIQUE, 9 - PORTO - Tel. 2 33 42

COMENDADOR
ARTUR HENRIQUES COIMBRA
MISSA DO 7.º DIA

SAFAL, LDA., e os seus empregados, participam que amanhã, dia 9, às 10,30 horas, será celebrada missa na Igreja de S. João de Deus, pelo eterno descanso do seu Sócio-Gerente.

COMENDADOR
ARTUR HENRIQUES COIMBRA
MISSA DO 7.º DIA

EMPRESA DE MOAGEM DA ESTREMADURA, LDA., e os seus empregados, participam que amanhã, dia 9, às 10,30 horas será celebrada missa na Igreja de S. João de Deus, pelo eterno descanso do seu Sócio-Gerente.

COMENDADOR
ARTUR HENRIQUES COIMBRA
MISSA DO 7.º DIA

Alice Coimbra, Artur Almeida Coimbra, sua mulher e filhas, Américo Coimbra, sua mulher e filha e restante família, participam que amanhã, dia 9, às 10.30 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa por alma do seu saudoso marido, pai, sogro, avô e parente, agradecendo desde já a todos quantos se dignem associar a este piedoso acto.

COMENDADOR
ARTUR HENRIQUES COIMBRA
MISSA DO 7.º DIA

BARATA, COIMBRAS & SILVA, LDA., e os seus Empregados, participam que amanhã, dia 9, às 10.30 horas, será celebrada missa na Igreja de S. João de Deus, pelo eterno descanso do seu Sócio-Gerente.

DL/DESPORTOS

Karaté e Judo no Ginásio C. Português

O instrutor Luis Cunha (à esquerda) em acção, no decurso de um treino

. O Ginásio Clube Português, já dotado de instalações desportivas extraordinárias para o meio, vai iniciar uma forte campanha para o lançamento das artes orientais ao nível das mais destacadas actividades do clube.

Assim, estão abertas inscrições para a frequência da classe de karaté (estilo Shotokay) que vai ser dirigido pelo instrutor internacional Luis Cunha, de larga reputação nos meios ligados ao karaté e com participações recentes nos campeonatos mundial e europeu. As aulas já estão marcadas, quanto a horário, faltando definir o dia do começo. Horário: segundas, quartas e sextas, das 12 e 30 às 15 e 30. Provisòriamente, prevêem-se outras aulas das 7 e 15 às 8 e 30 e das 21 às 22, dependendo da frequência e da quantidade de praticantes a sua distribuição pelos dias da semana.

Também no judo o Ginásio vai animar. A secção já existe, mas os respectivos directores pretendem intensificar a actividade de modo a restituir ao G.C.P. o antigo prestígio nesta modalidade. Como mestre de competição foi contratado o prof. Fernando Almada, diplomado pelo INEF, 2.º Dan e judoca famoso, feito no Ginásio Clube pelo mestre Joaquim Barata e ùltimamente aperfeiçoado no Judo Clube de Portugal.

NOTÍCIAS E FACTOS

. **LOURENÇO MARQUES:** foi marcada para Moçambique a disputa do XXIX Campeonato de Portugal de Vela. A equipa local está a sujeitar-se a um regime especial de treinamento.

NATAÇÃO: o Clube dos Nadadores de Marselha virá exibir-se a Portugal, de 12 a 17 do corrente. A sua chegada a Lisboa está prevista para o dia 11.

CICLISMO: Eusébio Pereira, que passa a representar o Benfica, recebeu do clube da Luz 40 mil escudos pela assinatura do contrato. O Ginásio de Tavira recebeu 70 contos.

FANHÕES: no próximo dia 10, realiza-se a Assembleia Geral Extraordinária do Sport que visa, principalmente, a debater o aumento das quotas dos associados.

ILLIABUM: eleitos os novos corpos gerentes. A Assembleia Geral é presidida pelo dr. Manuel Ramos Marieiro, o Conselho Fiscal pelo eng.º Samuel São Marcos e a Direcção composta por José Manuel Garrancho Sacramento, João José Ramos Bio; Mercedes Maria da Silva Simões, Alvaro Manuel da Rocha Ramos; João Carvalho dos Santos, eng.º António Manuel Sarricho Picado e António Manuel Machado de Oliveira.

AVEIRO: O Illiabum vai disputar o Nacional de Basquetebol (juvenis) pois derrotou o Galitos de Aveiro, na finalíssima, por 54-37. Pela equipa vencedora, alinharam: Abade, Nordeste, Santos, Pinho, Morgado, Quim, Bizarro, Peixinho, Beto, Amaral, Antero e Matias.

FARO: a Associação de Atletismo local promove no próximo domingo, a partir das 11 e 15, os regionais de corta-mato. As provas desenrolam-se nos anexos do Estádio de S. Luis.

SEIA: nono Circuito Internacional de Atletismo para clubes filiados e populares, a correr no dia 18 do corrente.

BASQUETEBOL: autorizada a transferência de Manuel da Silva Vidigal do Centro Desportivo Universitário de Lisboa para o seu homónimo de Angola. Entretanto, a Federação instaurou processo disciplinar ao dirigente Manuel Vieira Gomes (do Educação Física do Norte) e ao treinador António da Silva Mendes (do Guifões), além de inquérito aos incidentes ocorridos no jogo entre o Illiabum e o Guifões.

DIA DO CLUBE: para os «gansos» que pretenderem assistir ao jogo Casa Pia-Marrazes (marcado para domingo, em Pina Manique) e para os associados do Atlético do Cacém em relação ao despique contra o Desportivo dos Olivais.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

Prognósticos dos Orgãos de Informação para o concurso n.º 23 da 12ª época-11/FEV./73

Boa Nova — xx2 211 111 1x1x; Cardeal Saraiva — 1x2 111 111 1x11; Comércio de Portimão — 1x2 111 x1x 1211; Correio de Coimbra — 1x2 111 x11 12x2; A Defesa — x12 111 xx1 222x; O Distrito de Setúbal — x12 1x1 x11 xx11; Eco de Estremoz — x12 1x1 xx1 x211; Ecos do Desporto — xx2 x11 x11 xx11; Estrela da Manhã — 112 xx1 x11 2x11; Folha do Domingo — 122 111 1xx 1x11; João Semana — xx2 212 x11 2x11; Jornal do Barreiro — 1x2 11x 1x2 1xxx; Jornal de Felgueiras — 112 x11 11x x211; Jornal do Fundão — 11x 11x x12 x212; O Jornal da Lixa — 112 12x 212 1111; Jornal de Santo Tirso — 2x2 11x 12x 1x11; Jornal de Sintra — x12 x21 11x 2111; Jornal do Sul — x1x 111 1x2 1xx1; Jornal de Viseu — 11x 111 1xx x1x1; Linhas de Elvas — 112 111211 1x11; Mosaico — 212 x11 12x 1x1x; Notícias de Chaves — 112 x11 x12 1x1x; Notícias de Felgueiras — xx2 1x1 xx1 1x1x; Notícias de Gouveia — x22 111 xx1 221x; Desportivo das Beiras — 1x2 11x 111 x112; A Rabeca — 21x 111 1xx 121x; Renovação — 1x2 21x x2x 121x; O Telégrafo — x12 11x 21x 1xxx; A Voz Desportiva — 1x2 x11 x2x 1211; Voz de Lamego — 122 1x2 212 1111; Bondiazinho — 111 x21 211 x111; Brado Africano Desporto — x12 112 2x2 22xx; Brado Africano Ronga — 112 112 1x2 1xxx; Cidade 73 — x21 x11 1x1 x1xx; Domingo Alegre — x21 x11 1x1 121x; Jornal Desportivo — 112 11x xx1 1xx1; Passatempo — 211 x11 1x2 x112; Revista Desportiva — 1x2 xxx xxx 1x11; Roteiro Sonoro — 111 x11 xx1 x11x; Terceiro Programa — 121 112 112 x111; 20 Ponto D — 122 1x2 111 1212; Renovação — 2x2 111 x21 x212; O Algarve — x12 111 11x 1x12; Clube Asas do Atlântico — x12 111 111 xxxx; Época — 2x2 111 x11 x21x; Mundo Desportivo — 2xx x11 x2x 1x12; Peça que não Maça — xxx x11 111 xx1x; Rádio Altitude — 112 111 1x1 111x; Reconquista — 112 111 xx1 2x1x; República — 212 111 x11 2x1x; O Templário — 212 1xx 111 1xxx; Terra Alta — 122 111 x11 1211; A Voz do Domingo — 1x2 x11 x11 1x1x; Placard Desportivo — 112 111 22x 1x12; Placard Desportivo Açores — x12 111 xx2 121x; Povo Algarvio — 112 111 2x1 1111; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Repórter do Dia Angola — 112 111 x11 x211; O Sorriso da Hora do Almoço — xx1 1x2 121 2222; A Voz dos Ridículos — 212 111 xxx 1x11; Auto Rádio — 112 111 112 xx1x; Cavalgada do Ritmo — 122 112 x1x 1x11; Colina Sagrada — 211 x12 1xx 1212; A Comarca de Arganil — 2x2 111 x11 xx1x; O Comércio de Leixões — 1x2 111 x22 1x11; O Comércio do Porto — 22x 2xx 1x1 22xx; O Concelho de Estarreja — xx2 11x 1x1 1x11; Correio do Minho — x12 11x 1x1 x212; Correio do Vouga — 112 111 1x1 x211; Às 10 Espere por Nós — 11x 11x 212 x1xx; Diário do Alentejo — 112 111 1x1 2x1x; Diário de Coimbra — x12 111 1xx 11xx; Diário de Lisboa — 222 111 x1x 22xx; Ecos de Cacia — 2x2 111 11x 221x; Estúdio 64 — 112 111 xx1 x111; Eu Sei Tudo — 121 11x 112 2111; Doa Fracos Não Reza a História — 112 111 1x1 xxxx; Imagens Piedenses — 1x2 1xx 1x2 x2xx; Jornal da Beira — 112 111 121 21x2; Jornal da Graça — 11x 111 111 1111; O Mensageiro — 112 111 x11 2xxx; Litoral — x12 121 1xx 1x1x; Maria da Fonte — x12 111 111 21x; Notícias do Douro — x12 xx1 11x 12x1; Not cias de Évora — x12 111 xx1 1x11; Notícias de Guimarães — xx2 1x1 121 xx12; Revista de Som — x1x 111 11x 22x2; Voz do Casa Pia — xx2 111 xx1 1x1x; Rádio Desporto — 2xx 111 x11 2211; A Nossa Chave — 221 111 111 xx1x; Notícias do Totobola — xx2 xx1 xx1 xx11; Ultimo Palpite — 2xx xx1 x22 1x12; Jornal de Notícias — x12 111 1xx 12xx; Manchete Desportiva — 111 111 111 1x11; Penalti — 112 11x x11 121x; O Primeiro de Janeiro — 2xx 111 x1x xx11; Programa Sem Nome — 21x 121 221 x111; Quadrante Desportivo — 212 111 1x1 1x12; Quadrante Norte — 1x2 1x2 112 12x1; Rádio Sports — xxx 111 xx2 1xxx; Rsenha Desportiva — x12 111 x11 x21x; Clube do Ar — x12 1x1 12x 1x1x; Diário do Porto — x12 1x1 1x1 1211; Ritmo e Amizade — x12 1x1 1x1 121x.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. PENAFIEL - GIL VICENTE	47	36	21	5	4	3	
2. SANJOANENSE - OLIVEIRENSE	59	32	13	7	4	1	
3. RIOPELE - ACADÉMICA	12	15	77	1	2	9	
4. ESPINHO - VILANOVENSE	80	20	4	9	2	1	
5. SALGUEIROS - FAMALICAO	80	19	5	9	2	1	
6. OLHANENSE - MARINHENSE	77	17	10	9	2	1	
7. SEIXAL - SESIMBRA	51	43	10	6	5	1	
8. SARAGOÇA - VALENCIA	50	40	14	6	5	1	
9. ATLÉTICO MADRID - REAL MADRID	56	28	20	7	3	2	
10. CELTA - MÁLAGA	55	31	18	6	4	2	
11. ATALANTA - MILAN	20	48	36	2	6	4	
12. JUVENTUS - LAZIO	78	24	2	9	2	1	
13. LANEROSSI - NÁPOLES	42	45	17	5	5	2	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
112 111 111 1x1x

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

O SPORTING BATEU ISRAEL POR 1-0

O Sporting Clube de Portugal venceu a selecção nacional de Israel por 1 a 0, num desafio particular de futebol disputado ontem em Telavive.

Cerca de 15000 pessoas tiveram a oportunidade de ver a selecção de Israel durante a primeira parte travar todas as tentativas da equipa portuguesa. Porém, o Sporting marcou o golo do triunfo (aos 75 minutos) num remate de Yazalde, a passe de Nelson. Melhor jogador no terreno: Alhinho.

Alhinho, «stopper» do Sporting, o melhor em Telavive

A vitória dos portugueses é inteiramente justa, em face do dominio exercido em quase todo o segundo tempo. O Sporting defrontará no dia 12 uma selecção da Haifa. Hoje, vai visitar Jerusalém.

O Benfica também prossegue a sua digressão futebolística pelo Oriente, defrontando hoje a selecção de Hong-Kong, no terceiro jogo consecutivo na cidade sino-britânica. Vitor Martins é a grande dúvida, pois o entorse no pé ainda não está totalmente curado. Em contrapartida, Toni e Humberto estão em ordem.

Num encontro de futebol efectuado ontem, União de Coimbra e Landskrona (Suécia) empataram:1-1. Em reservas (e a contar para o campeonato distrital de Lisboa os embates foram: Belenenses-Sacavenense:3-0; Alverca-Estoril: 2-0. Os restantes jogos lisboetas foram adiados.

Da lista de castigos aplicados pelo Conselho de Disciplina da Federação de Futebol, destaca-se a irradiação do massagista Joaquim Bazilio, do Lamego.

O futebolista George Best foi afastado do museu de figuras de cera de «Madame Tussand, e substituido por John Cruyff, o holandês que alinha no Ajax.

«Best já não joga no Manchester. Engordou e deixou crescer a barba» explica a direcção do museu. **«George poderá voltar a figurar nas salas se acaso se fixar em alguma actividade e alcançar mérito».**

Foi a enterrar, no Rio de Janeiro, o antigo futebolista brasileiro Almir Moraes Albuquerque, assassinado num bar de Copacabana.

O corpo de Almir (que contava 33 anos) foi acompanhado ao cemitério carioca de São João Baptista por centenas de pessoas, entre os quais muitos antigos camaradas.

A Polícia de Copacabana suspeita essencialmente do português Artur Garcia Soares, o qual teria assassinado Almir e o seu amigo Alberto Russo, durante uma discussão violenta em que outro individuo, Eloi Lima, foi ferido a tiro numa perna, pelo que está hospitalizado.

Consumado o crime, Artur Garcia Soares fugiu do local da discussão com os seus amigos António Samuel Vicente e José Salazar, também portugueses. Ali, porém, a argentina Elcira Elena Barraga, amante de António Vicente. E foi por intermédio desta que a Polícia teve o seu trabalho facilitado, embora as suas declarações se apresentassem inicialmente contraditórias.

Segundo a Imprensa carioca, Artur é um homem de temperamento violento, tal como era Almir. Foi à saída de um bar que os dois homens se travaram de razões e Artur empunhou o revólver, enquanto Almir agarrava numa cadeira para se defender. Então, segundo algumas testemunhas, Artur teria accionado o gatilho, matado Almir e o amigo e ferido o terceiro elemento do grupo, depois do que se apressara a fugir.

O jornal «O Globo» publica hoje uma entrevista com Artur, o qual confessa o crime e dá diversos dados a seu respeito, dizendo nomeadamente que tem 52 anos e que terá como advogado Newton Feital. O entrevistado esclareceu ao jornalista viver há três anos com a argentina que testemunhou o crime, a qual está detida.

O defesa central do União de Tomar, o «capitão» João Carlos, está quase totalmente recuperado da operação ao nariz, a que foi submetido na capital, retomando amanhã os seus treinos no clube.

FUTEBOL ESTRANGEIRO

Arranque do Fluminense no primeiro torneio

No Brasil, a equipa de futebol do Fluminense venceu o primeiro título do ano, ao derrotar o Vasco da Gama, por 1-0, na final do «Torneio de Verão». O golo coube a Lula, a dois minutos do fim do jogo.

O Fluminense ficou em primeiro lugar, com cinco pontos ganhos. Em segundo, com três pontos e melhor saldo da prova, quedou-se o Vasco. Atlanta e Argentino Juniores, também com três pontos, ficaram em quarto lugar. O torneio deu a receita total de 199 495 cruzeiros e todos os jogos se disputaram no Estádio de São Januário, pertencente ao Vasco da Gama.

Os cronistas e o público pensam que, na final, o Vasco jogou melhor e atacou mais, mas não fez golos. O Fluminense, que foi o mais retraído em campo, venceu com um só tento. Curiosidade: neste torneio de quatro clubes só foram marcados cinco golos no total.

Após afinal, havia um bronze de arte para o vencedor: Denilson, o «capitão» do Fluminense, foi recebê-lo mas, como não havia quem o entregasse deixou o troféu no meio do campo e voltou para o balneário. Um director do Vasco soube então do caso e foi ao vestiário do Fluminense entregar o bronze.

APOIO RADIOFÓNICO A CLUBE HOLANDÊS

A Rádio «Verónica» (emissora pirata de música «pop» que emite de bordo de um navio fora das águas territoriais holandesas) prometeu dar apoio grátis ao Volendam, clube de futebol da primeira divisão que tem andado, financeiramente, «debaixo de água».

A equipa dessa pequena terra de pescadores tem actuado alternadamente na divisão de honra e na primeira divisão e actualmente não consegue atraír bastante público ao seu campo.

A Rádio «Verónica» comprometeu-se a fazer publicidade ao clube em troca apenas da colaboração de grupos «pops» de Volendam, com os quais espera gravar um «long-play» cuja venda reverterá para o emagrecido cofre da colectividade.

Basquetebolistas moçambicanos na América

«Não me parece haver grande vantagem na contratação de jogadores americanos, para reforçarem equipas portuguesas de basquetebol. Vantagem (sim) haverá, se vierem técnicos especializados para ensinar as camadas mais jovens de praticantes», declarou o empresário americano de basquetebol, Frank Walsh, no decorrer de um encontro com a Imprensa, no Centro Cultural Norte-Americano.

Entre outras revelações, F. Walsh garantiu que vai levar uma equipa junior de Lourenço Marques, aos Estados Unidos, para uma digressão durante o mês de Janeiro do próximo ano, tentando também enviar técnicos para cursos breves a ministrar a jogadores e treinadores portugueses. Isto, independente das diligências possíveis junto da colónia lusa na América, para encontrar reforços «efectivamente» portugueses para as equipas portuguesas.

Na imagem, Frank Walsh é o primeiro da esquerda, de frente, vendo-se ainda o basquetebolista Kit Jones (do Sporting).

Concretiza-se a sugestão do "DL"

TORCATO FERREIRA É O NOVO SELECCIONADOR DE HÓQUEI

Ontem, ao fim da tarde, e conforme anunciámos, a Direcção da Federação Portuguesa de Patinagem (reeleita para mais um ano de mandato), tomou posse numa cerimónia bastante simples para a qual não foram convidados elementos estranhos à actividade. No final, o presidente José Castel-Branco anunciou-nos que as equipas nacionais de seniores e juniores já tinham seleccionador e treinador, uma vez que os convites dirigidos a Torcato Ferreira e Laurentino Soares, haviam sido aceites.

Torcato Ferreira

«Já há alguns dias que tínhamos a certeza que tanto Laurentino Soares como Torcato Ferreira viriam a ser os seleccionadores nacionais de júniores e seniores, respectivamente. No entanto, como só hoje tomámos posse dos cargos para esta época, só hoje podemos anunciar a boa nova».

José Castel-Branco, o presidente reeleito, era um homem feliz. Efectivamente, tanto Laurentino Soares como Torcato Frreira são homens que sabem de hóquei em patins, a ambos se devendo grande parte dos êxitos de algumas das equipas portuguesas: no que diz respeito a Laurentino Soares, nem a derrota no último campeonato da Europa de Juniores, consegue ofuscar o seu brilhante trabalho na modalidade. Quanto a Torcato Ferreira, ele está actualmente a desenvolver papel de relevo na secção de hóquei em patins do Sporting Clube de Portugal, sendo o principal responsável pelo equilíbrio e valor patenteado pela actual turma de honra do Sport Lisboa e Benfica, que é fruto do seu trabalho anterior. Para além disso, é um técnico que, no bando dos responsáveis, «funciona» como um autêntico sexto jogador, o que por vezes está na base de reviravoltas sensacionais no resultado.

Já na época passada Torcato Ferreira havia sido convidado para treinar o nosso «cinco» principal: a sua renúncia, não fazia (agora) adivinhar a aceitação do cargo. A propósito, José Castel-Branco diz-nos: **«O ano passado, Torcato Ferreira estava a iniciar um trabalho de profundidade no Sporting. Compreendemos perfeitamente o seu problema, pois só com dificuldade poderia abraçar (simultâneamente) a preparação da equipa do Sporting e da selecção nacional. Esta temporada, conseguimos estabelecer um programa de actividades um tanto diferente, o que permite criar um lapso de tempo suficiente para Torcato Ferreira interromper o trabalho no clube (as provas federativas serão suspensas), para se dedicar inteiramente à tarefa de preparar a selecção nacional de seniores. Quanto a Laurentino Soares, o trabalho desenvolvido o ano passado foi de molde a merecer o aplauso geral, pelo que foi de novo convidado: ele já nos avisou de que tenciona manter o quadro dos seus colaboradores e, assim, teremos a mesma equipa técnica com a responsabilidade de, em Setembro (em Cascais) reconquistar o título europeu da categoria.**

«O ano passado, a minha direcção sentiu como que um vazio na sua gerência, por havermos também perdido a possibilidade de reconquistar o título mundial de seniores: pois vamos a ver se, em 1973, igualmente esse vazio fica totalmente preenchido.

Dois casos no desporto amador

'Exactamente: duas «estrelas» do plano desportivo nacional estão em impasse. A laurentina Susana Abreu, que há cerca de quatro meses assinara ficha pelo Benfica, não parece muito disposta a regressar à natação competitiva, parecendo antes querer dedicar-se ao seu curso no INEF. O americano Killum, arregimentado esta época pelo Barreirense, resolveu (subitamente) que terá de voltar à sua terra: e informou a direcção do clube que a partir do dia 25 **«não contem mais comigo».**

Enquanto que as coisas, quanto a Susana Abreu, devem ser tratadas em plano de amizade e compreensão (para que não se perca um dos autênticos valores amadores do desporto nacional) o mesmo não poderá ser feito em relação ao basquetebolista americano que, à custa do Barreirense, veio excursionar à Europa e, como ele próprio disse em recente entrevista, **«divertir-se à noite nas slot-macines do Estoril, passar as tardes a jogar bilhar na sede do Barreirense e dar umas passeatas no carro que o clube colocou às suas ordens».**

Levanta-se de novo o problema: como deverá ser apoiado o desporto amador? Incentivando a reconquista de Susana Abreu, um valor de primeira fila da nossa natação, ou continuando a importar mercenários da bola ao cesto, pagos a peso de ouro por colectividades que passam a vida a lamuriar-se da falta de fundos para os gastos do seu dia-a-dia, para os «pequenos nadas» que são os pavilhões gimno-desportivos e o apetrechamento físico da juventude?

N. DE SOUSA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim P. Sapata Lopes CAXARIAS

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	454$	454$	
Cons 3 %	491$	491$	
Cons 3 1/2	-	579$	
Centenários	1.286$	1 286$	
Tes 5 % 57	1.005$	1.005$	
Tes 5 % 59		1.005$	
Exter 1ª s	630$	630$	
Extern 1ª c	-	632$	
Extern 3ª s		720$	
Extern 3ª c	730$	730$	
Caut 3ª s			185$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	900$	900$	
C M L 5 3/	-	1.00$	1.010$
C P 5.5 % 67	-	980$	-
C P 5.5 % 68	-	980$	
C P 5.5 % 69	-	980$	-
Corr 5 3/4 %	-	-	-
Metr 5 3/4 %	-	990$	-
Tur 5 3/4	1.020$	1.020$	
C P 63/4	1.020$	1.020$	1.025$

ELECTRICAS

G 5 % 58	-	850$	860$
G 5 % 59	-	-	850$
G 5 % 62	950$	-	-
G 5 % 63	-	-	-
G 5 % 64	-	-	-
G 5 % 65	-	-	-
G 6 % 67	-	960$	-
G 6 % 69	-	960$	-
G 7 % 71	-	-	1.050$
H E C 5 %	-	750$	-
H E C 6 %	-	-	-
H E D 5 %	-	750$	-
H E D 6 %	-	-	-
H E N P 5 %	-	-	-
H E S E 5 %	-	-	-
H E S E 6 %	-	-	-
H E Z 5 % 57	-	-	820$
H E Zêz 6 %	-	930$	-
N Elc 5 %	-	740$	-
N Elec 6 %	-	960$	-
Termoel 5 %	-	750$	-
U E P 5 % 60	-	-	760$
U E P 5 % 63	-	-	-
U E P 6 %	-	-	960$

DIVERSAS

A P T 5 % 56		855$	
A P T 5 % 58	-	855$	-
Lisnave 6 %	-	950$	-
Nitratos 60		-	
Pet 2ª e 3ª %		850$	
Sacor 7 %	1.025$	1.025$	1.027$
Sacor 5 % 54	-	-	-
Sacor 5 % 60	-	880$	-
Sid 5 % 2ª		-	720$
Sid 5 % 3ª		-	740$
Sid 5 % 4ª		-	
Socel 5 %	-	-	
U Fabril 67		940$	-
U Fabril 68	-	915$	

ULTRAMARINAS

Carbonl 5 %		-	
Rev 5 % 57		680$	
Rev 5 % 59/60	-	680$	
Moçamb 5 %	-	520$	
Sonefe 5 %	820$	820$	-

ACÇÕES

De Bancos

Pinto & Sotto Mayor	17.500$	17.500$	17.800$
Agricultura	5.070$	5.050$	5.070$
Alentejo	2.200$	2.190$	2.200$
Angola	5.500$	5.480$	5.500$
Cred. Predial	5.500$	5.500$	-
Esp Santo	15.900$	15.850$	15.950$
Fomento	4.500$	4.500$	4.550$
F & Burnay	-	71.000$	72.000$
N Ultr m	-	-	6.800$
N Ultr c	9.800$	9.700$	9.800$
Portugal n	5.500$	5.500$	5.600$
Portugal p	8.800$	8.800$	-
P Atlântico	15.950$	15.950$	16.000$
Totta & Açores	8.700$		8.700$
Algarve & Borges & Irmão	3.150$	3.100$	3.150$
	7.700$	-	7.700$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice da cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	1-2-73	7-2-73	8-2-73
GERAL	259,7	265,5	269,1
METROPOL	270,0	276,0	280,3
ULTRAM	184,3	188,1	186,7

De Seguros

Alentejo	590$	570$	590$
Bonança		14.000$	14.300$
Império	41.000$	40 000$	-
Mundial	2.710$	2 700$	2 710$
Soberana	7 800$	7.700$	7.900$
Tranquilidade		-	

Eléctricas

C P E p	1.135$	1.135$	-
C P E n		1 100$	1 120$
E Beiras	1 810$	1 800$	1 820$
G Elec c	363$	362$	363$
H E A A	168$	-	168$
H E N P	295$	290$	295$
H E S E		-	1.840$
U E P	176$	176$	177$

Ultramarinas

Ag Cassequel	980$	980$	990$
Ag Incomáti	1.900$	1.900$	1.950$
Ag S T e P	-	-	-
Aç Angola	-	1.800$	2.000$
Alg Angola	230$	230$	250$
Ang Agric	-	650$	700$
Boror		-	220$
Boror Com		-	-
Buzi	90$	-	90$
Cabinda	140$	-	150$
Com Lobito	640$	645$	650$
D A T 100	2.230$	2.220$	2.250$
H E Revué	-	500$	-
I do Princ	-	-	-
Moçambique	-	390$	400$
Sonefe n	-	-	-
Sonefe p	-	400$	-
Zambézia	-	-	80$

Diversas

Ag Lx ant	-	640$	670$
Ag Lx 34	-	640$	-
Ag Lx. 36	-	-	-
Cel Guadiana	-	5.300$	5.500$
C Leiria p	18.300$	18.200$	18.400$
C Tejo p	48.000$	48.000$	48.800$
F Ramada	1.410$	1.400$	1.450$
Fornos Eléct	299$	298$	299$
P Celulose	5.500$	5.500$	5.600$
Siderurgia p	6.750$	6.750$	6.800$
Siderurgia n	4.000$	3.950$	4.000$
Socel		4 300$	4.500$
Cidla	9.500$	9.450$	-
C U F	3.710$	3 700$	3 715$
Intar		595$	610$
Nitratos	1 300$	1.280$	1 300$
Petroquímica	1.200$	1.180$	1.200$
Sacor	5.050$	5.000$	5.050$
Tab Portugal	6.500$	6 500$	-
Tabaqueira	12.100$	12.000$	12 100$
U F Azoto	840$	840$	845$
Empor Ind Aliança	440$	440$	
I P Colón	1.300$	1.300$	1.350$
Nac Naveg	4.300$	4.300$	-
Naveg (Col)	2.400$	2 350$	2 400$
P Pesca	1.300$	-	1 300$
Matur	2.600$	2 600$	2 650$
R Marconi	-		
TAP	1 310$	1.310$	1.320$
Compal		720$	750$
Salvor	1.650$	1 650$	1.700$
Penina	-	1.650$	-
Lisnave	14 400$	14.300$	14.400$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico			
F I D E S	-	195.90	201.80

COTAÇÕES

PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	30$00	33$00
Alemanha	Marco	8$30	8$60
América			
Dollars de 1 a 2		26$10	26$80
Dollars de 5 a 20		26$40	27$20
Dollars de 50 a 1000		26$50	27$30
Argentina	Peso Novo	-	-
Austria	Schiling	1$15	1$20
Bélgica	Franco	$585	$615
Brasil	Cruzeiro	3$50	4$10
Canadá	Dólar	25$70	26$40
Dinamarca	Coroa	3$70	4$00
Espanha	Peseta	$41	$43
França	Franco	5$15	5$45
Holanda	Florim	8$20	8$50
Inglaterra	Libra	62$50	65$50
Itália	Lira	$04	$044
Marrocos	Dhran	5$00	5$50
Noruega	Coroa	3$90	4$20
Suécia	Coroa	5$50	5$80
Suiça	Franco	7$22	7$52
Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	510$00	550$00
Inglaterra	1/2 Libra	630$00	670$00
Ouro fino Barra		59$00	63$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 38 Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 «Alvin Show» «desenhos animados»
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal 1ª edição
14.00 Um dia comm
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo prepara tv
19.00 TV educativa
19.30 telejornal 2.ª edição
19.45 Sangue na estrada
20.00 Eurovisão. Campeonato da Europa de Patinagem Artística Patinagem Livre-Homens
21.00 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Eurovisão - Campeonato da Europa de Patinagem Artítica
23.00 Museu do cinema
23.25 Telejornal 4ª edição
23.30 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 «Alvin show» desenhos animados
20.40 Por favor não comam os malmequeres
21.05 Eurovisão Campeonato da Europa de Patinagem Artística
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Um dia com
22.25 «Os vingadores»
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Desenhos animados «Barney»
13.00 Feminino singular
13.20 Arnie
13.45 Telejornal 1ª edição
14.00 Conheça o Portugal Desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Programa

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa
19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Eurovisão. Campeonato da Europa de Patinagem Artística Patinagem Livre-dança
20.30 Presença do Brasil
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Noite de estreia. «O computador de entrevista»
23.30 Telejornal 4ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura Eurovisão Campeonato da Europa de Patinagem Artística
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Encontro com o mundo
22.50 Eurovisão Campeonato da Europa de Patinagem Artística
23.50 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o vento era fraco e o céu estava muito nublado; chovia nas regiões do Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	6.º
P. DOURADAS	5.º
COIMBRA	6.º
PORTALEGRE	11.º
LISBOA	8.º
FARO	11.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Anadia e Fonte Boa
Máxima 19.º

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima ..... /2,1.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 12.º
Atmosfera 10,8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.02	3,8 m	0.28	0,8 m
19.24	3,6 m	12.55	0,8 m

DIA 9

7.44	3,7 m	1.13	0,9 m
20.09	3,5 m	13.42	1,0 m

DIA 10

8.37	3,4 m	2.07	1,1 m
21.09	3,3 m	14.39	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente encoberto por vezes com boas abertas; durante a noite nas regiões do Norte vento fraco predominando de Sueste; períodos de chuva nas regiões do Sul e possibilidade de formação de nevoeiro nas regiões do centro.

AMANHÃ

NASCER ÁS _ 8.35
OCASO ÁS _ 19.08

DIA 10 DIA 17 DIA 25 DIA 5

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário, Ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: John Lennon
18.20 Espectáculo/Teatro, por Figueiredo de Barros.
18.40 Música popular portuguesa
19.08 Operetas: Abertura de «O Morcego», de J. Strauss.
20.00 Diário sonoro
20.20 O Conjunto East of Eden
20.30 2.º Episódio do folhetim «El-Rei D. João II»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só música
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.10 Fados, por Manuel Ferraz e Filipe Duarte
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala da madrugada, por Galiano Pinheiro
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Musica coral magnificate em dó maior, de Telemann
23.20 Música de tecla: Ária de 30 variações «Goldberg», de Bach,
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC.
18.02/21.00 Programa «Movimento»
20.00 Divagando
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão músical
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens biblicas
23.22 Grandes orquestras
23.30 PBX.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC.
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Divagando
21.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário: programa à Gô-Gô (continuação).
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário «Programa CDC.
20.00 Noticiário
20.00 Divagando
21.05 So-Radio
21.35 Canções que foram êxito
21.45 O Arauto da verdade
22.03 Variedades
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

Rádio Renascença

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Melodias da Europa
18.21 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00(Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença
19.30 Página
21.05 Meditando
21.08 Só música...
21.15 Poente
21.30 Os Moody Blues
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13. No final A 23.ª HORA:

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

06 00 às 10 00 e 22 00 às 02 00

Rádio Voz de Lisboa

10 00 às 12 00 e 9 30 às 22 00

Rádio Peninsular

2 00 às 4 30

Rádio Graça

4 30 as 9 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel. 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel 681515).
ALVALADE
Líbia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)
ANJOS
Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479)
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)
AREEIRO
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697)
CAMPOLIDE
Nova, R. de Campolide, 297-C (Tel. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)
ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5 (Tel. 54808)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361)
JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)
LAPA
E. Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)
LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel 790332)
MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Tel. 610280)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua do Viriato, 29-A (Tel. 48966-553601)
SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

TURNO D-2
Toda a noite

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telefone 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Telef. 634721).
ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (Telef. 41269).
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (Telef. 843571).
ALVALADE
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Telef. 760658); **Marbel**, Av. de Roma, 131-A (Telef. 776235); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331).
AVENIDAS NOVAS
Lungenit, Avenida da República, 55 (Telef. 772132); **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Telef. 54672).
BAIRRO ACTORES
Lusa, Av Almirante Reis, 199-A (Telef. 41269)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zenal, Rua A, 182 (Telef 651840)
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata. 115 (Telef. 362350)
BENFICA
Banfiluz, Estrada de Benfica. 444 (Telef. 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Firdor, Rua D. Maria Pia, 514 (Telef. 687949).
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-A (Telef. 869831).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Telef 664238)
ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Av Estados Unidos da América, 140-B (Telef. 760658).
ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Telef 50593).
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Telef. 702226).
GRILO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), (Telef. 382470)
LAPA
Alba, Rua de Santana à Lapa, 156 (Telef. 663562).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Telef. 791131).
OLIVAIS
Simão, R Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina), (Telef. 310581).
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos), (Telef. 832580).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef 720703-728395)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av Comb G Guerra, 166 (Telef 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef 2430090)
PAREDE
aisir, Av Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef 263052)
ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D. (Telef 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)
QUELUZ
Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117). **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 9800456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja, (Telef 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Nuno Álvares, Av D Nuno Alvares Pereira, 39 (Telef 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Central, Av Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2273207)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef 270254)
MOITA
União Moitense, Av. Dr Teófilo Braga (Telef 239025)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, (Telef 229028)
SETÚBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Telef. 22248); **Saião**, Av. Potela (Telef 22709)
SEIXAL
Godinho, L. Igreja, 51 (Telef 2218580)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327. **Pereiró (de)**, Rua da Preciosa, 35. **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636 **Saúde** Av. Com. G. Guerra, 689. **Vaz Teixeira, Sucra**, Rua do Heroísmo, 56

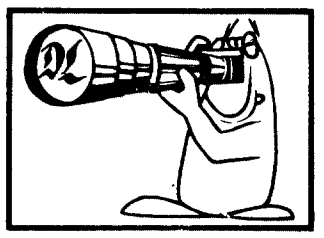
SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125. **Costa Lima**, Av da Boavista, 855. **Marques de Mendonça**, R. do Ameal, 251. **Monte Cativo**, R. do Monte Cativo, 444. **São Jeronimo**, R. Santos Pousada, 622

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569); **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)



bares boites restaurantes

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h as 21 h e das 22.30h as 05.00h.**

TAMILA Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule 69. Telef. 534117.**

LUSO _ Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar, fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

HIPOPÓTAMO _ Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

SANZALA Dancing, Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground Jantares e ceias até às 5 da mamnhã Avenida Marechal Carmona, 2 (C Grande) Telef 790177

EL CIDE _ Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades

NINA Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

CASEBRE _ Rua da Barroca 133 **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barra Deolinda Rodrigues e Nazare À 1.00 h convidado especial em tempo-Show Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

FRAGATA REAL _ Maria Valejo Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado lisboa, João Queiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natalia Desejos e Joao Cabral **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

SAN-PAYO _ Bar-boite c/musica constante Aberto até às 5h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

CACO _ Dancing c/musica ambiente com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

FORCADO Elenco Mariana Silva Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.**

SOLAR DA HERMINIA Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

FONTORIA _ Dancing Musica constante Variedades internacionais **Praça da Alegri, 66 Telef. 35431.**

PRINCIPE NEGRO _ **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

estreias • cinemas • reposições

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
Grupo B - 10 anos)
Sessões às 15.00-17.00-19.00 e 21.45
Technicolor Barbra Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»
Rua Castilho - Metro Rotunda Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi Techn.color

SATÉLITE (Tel 555131)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana **A obra prima de Jean Renoir baseado no romance de Emile Zola «A FERA HUMANA» com Jean Gabin e Simone Simon**

IMPÉRIO (Tel 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª semana — Por amor a César por amor a David — Entre dois amores... Rosalie CÉSAR ET ROSALIE» com Yves Montand e Romy Schneider (Metro. Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo C - 14 anos 2.ª Semana Um filme de André Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière. (Metro: Alameda)

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Joseph Cotten - Anne Baxter num filme de Orson Wells «O 4.º MANDAMENTO» 2.ª semana

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª semana Uma adolescente .. os sonhos a imaginação.. o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani e Mauriel Catala
Amanhã e Sábado às 24.30
(Grupo D - 18 anos)
Cinema fora de Horas «CESAR E ROSALIE»

LYS (Tel 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo C-14 anos)
«WILARD» em complemento O CEREBRO» (Metropolitano Intendente)

CASINO (Tel 26462/264949)
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
O GRANDE GOLPE»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - Johnny Hallyday em «PONTO DE ENCONTRO» com Robert Hossein e Pascale Rivault

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 5.ª Semana Goldie Hawn e Eileen Heckart em «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES» Um filme que o faz livre também Technicolor

LONDRES (Tel 731313)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D - 13 anos)
12.ª Semana
A Estrela do ano Liza Minneli «CABARET» (Adeus Berlim) Snak-Bar «Put The Flag» o melhor encontro gastronómico

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª semana «CHEGA-LHE... AMIGO» com Bud Spencer e Jack Palance Technicolor-scope

BERNA (Tel. 7776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana Eastmancolor Duas horas de grande cinema «PERSEGUIÇÃO» Um filme de Rene Clement.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 10.ª Semana Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARÁS A MULHER DO DELICADINHO». Um escândalo em graça brejeira

ROYAL (Tel 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
Novo show António Calvário Em fim de festa o filme português «O DIABO ERA OUTRO»

S. JORGE (Tel 54153/4)
Hoje às 21.30 Estreia
(Grupo D - 18 anos)
«O ESQUADRÃO DA MORTE» com Burt Reynolds, Yul Brynner e Raquel Welch
15.15 e 18.15 - últimas exibições de «OS CENTAUROS»
(Grupo C - 14 anos)

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
Colorido - 2.ª Semana
Nem tudo na estátua estava certo «A ESTATUA» com Virna Lisi e David Niven

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
54.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color - Scope

IMPERIAL (Tel 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«AS ESCARPAS DO MEDO» e em complemento «DUAS SEMANAS EM SETEMBRO»
(Metropolitano: Arroios-Chile)

CONDES (Tel 322523/326710)
4 sessões diárias - 2.ª Semana
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos) James Coburn enfrenta... UM CASO DE URGÊNCIA Inquérito sobre um crime sem assassino!

MUNDIAL (Tel 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana de êxito
Virna Lisi, M. Ronet e Annie Cordy vivem uma apaixonante história de amor! «UM GATO NA RATOEIRA» Alta comédia colorida de Sergio Gobbi À noite, música de fundo por Jorge Fontes e a sua guitarra

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana Technicolor Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» Com Wood Allen
Hoje às 24.00 Classicos à Meia Noite (Grupo D - 18 anos) «O REPTIL» com Kirk Douglas e Henry Fonda

VOX (Tel 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 2.ª Semana Eastmancolor - um filme de Jacques Deray, um romance de Françoise Sagan «UM RAIO DE SOL NA AGUA FRIA»

POLITEAMA (Tel 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) O Mistério de um assassino desvendado com audácia «ENTRE A LOUCURA E O CRIME» Com George Hilton e Anita Strindberg

estreias e reposições

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (4 anos)
Sua Excelência o Pendura»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é Comigo»

CASA DA COMEDIA
22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins de Luxemburgo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande cirdo de Madrid»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

SÃO LUIS
21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«E o fim da macacada»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
2.ª 30 (8 anos)
«O véu negro»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Os condenados»

PARIS
21.30 (18 anos)
«O quarto ao lado»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Resgate humano» e «Escândalos na praia»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A história de um delito»

PROMOTORA
21.00 (12 anos)
«Matar ou não matar»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O que se pode fazer com sete mulheres»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
2.ª 30 (8 anos)
«Até à maternidade»
OEIRAS
Oeiras-cine
2.ª (8 anos)
«Uma aventura a quatro» e «Drácula, Príncipe das Trevas»
PAREDE
Royal-cine
2.ª 5 (7 anos)
«A mulher infiel»
ESTORIL
Casino
7 e 2.ª 30 (8 anos)
«O grande golpe»
Palácio
2.ª 30 (0 anos)
«A grande evasão»
CASCAIS
S. José
2.ª 30 (4 anos)
«As brancas montanhas da morte»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
2.ª 30 (4 anos)
«Os corredores da montanha»
QUELUZ
Queluz Cinema
2.ª 5 (8 anos)
«A cidade não é para mim»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
2.ª 5 (8 anos)
«Chamaram-lhe rei»
Academia
21.45 (18 anos)
«Quadrilha selvagem»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.00 (6 anos)
«A Princesa e o papagaio»
SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«A cama dos comuns»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«O solitário do Rio Grande»
VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»
S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«As noites loucas do dr Jerry»
JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Uma mistura de amor»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Drácula-72»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«O pecado»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«A noite das oito badaladas»
ESTÚDIO
2.ª 30 (4 anos)
«O Candidato»
TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«O grande negócio»
CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«A caverna do homem monstro»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Os impostores»
AVENIDA
2.ª 45 (8 anos)
«Aguenta-te canalha»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»
GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

DL / ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2,.º E-4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

POR ESCLARECER

INTOXICADAS 60 PESSOAS

PORTO, 8 Desconhecem-se ainda os resultados das análises feitas no Instituto Ricardo Jorge, no sentido de se apurarem as causas da gastrenterite de que foram vítimas cerca de 60 pessoas, no Sanatório de D. Manuel II, no Monte da Virgem. Embora alguns dos atingidos ainda sintam os efeitos da intoxicação, a maior parte deles já se encontram em convalescença, tendo regressado à normalidade.

Metade dos casos relacionou-se com o pessoal de enfermagem, entre os quais se verificaram o mais agudos, em consequência do almoço servido na quarta-feira da semana passada.

E a segunda vez, em 25 anos, que naquele sanatório tal acontece. A anterior, que se verificou há cerca de doze anos, não teve grandes consequências.

COMANDOS MILITARES NO ULTRAMAR

Um decreto-lei, pela Presidência do Conselho, estabelece um aditamento a outro diploma (n.º 49 107, de 7 de Julho de 1969), relativo aos comandos das forças militares em serviço no Ultramar, que se justifica no preâmbulo do novo decreto, por se verificar «a conveniência de, nas províncias ultramarinas onde o comandante-chefe das forças armadas, por razões justificadas de integração operacional e administrativa, acumular com as funções de comandante militar, naval ou aéreop existir um genetal ou contra-almirante que mais directa e detalhadamente exerça essas funções nos respectivos ramos».

Assim, segundo o referido aditamento «quando o comandante-chefe desempenhar também as funções de comandante militar, naval ou aéreo, poderá existir um comandante-adjunto para o ramo das forças armadas cujo comando aquele exercer por acumulação, o qual será normalmente general ou contra-almirante, conforme o respectivo ramo, terá hierarquia idêntica à dos comandantes referidos no n.º 1 deste artigo (o n.º 5, aditado ao citado diploma) e nele delegará o comandante-chefe, na qualidade de comandante militar, naval ou aéreo, as funções que entender e ainda a competência para autorização de despesas dentro dos limites permitidos por lei».

PROTESTO PORTUGUÊS NAS NAÇÕES UNIDAS

. NAÇÕES UNIDAS, 8 (UPI-ANI) — Portugal protestou, por escrito, contra um abuso do seu nome, na reunião extraordinária da «Comissão Especial de Curadorias» (Comissão dos 24), realizada na sexta-feira e em que foi recordada a morte de Amilcar Cabral.

Na carta enviada ao secretário-geral, Kurt Waldheim, o embaixador António Patrício insurge-se contra o facto de «ter reservado um lugar a Portugal, que ficou vazio, mas haver uma placa com o nome deste país, muito embora Portugal nunca tenha feito parte da Comissão nem tenha jamais reconhecido como legítima a sua existência».

«Como o secretário sem dúvida reconhece — acrescenta o embaixador — tal procedimento, sem autorização da missão permanente de Portugal nas Nações Unidas, constitui um indescritível abuso e a violação do direito de um país desta organização — e é, lamentàvelmente, mais um exemplo da completa falta de seriedade no conjunto das regras e usos que condicionam as actividades das Nações Unidas.»

. «Por instruções expressas do meu Governo, tenho a honra de protestar formalmente contra este facto sem precedentes e peço a V. Exa. que tome medidas para assegurar que se evitem, de futuro, manobras semelhantes, que ferem os direitos de um país das Nações Unidas.»

. O dr. António Patrício pede ainda que a sua carta seja distribuída como circular, como documento oficial da Assembleia Geral.

Spiro Agnew na Malásia

KUALA LUMPUR, 8 (UPI-ANI) O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, teve hoje uma reunião com os dirigentes neutrais da Malásia que se encontram interessados em conhecer as datas da retirada das forças norte-americanas do Sueste Asiático.

A Malásia procura a eventual retirada de todas as forças estrangeiras que se encontrem no Sueste Asiático, a fim de preparar o caminho para a criação de uma zona neutra, englobando dez países.

O vice-presidente norte-americano parte amanhã para Manila, última escala da sua digressão por países do Sueste Asiático.

NA CAPITAL FRANCESA

PAIS QUEREM MANIFESTAR-SE JUNTO DAS RUINAS DA ESCOLA INCENDIADA

. PARIS, 8 (R.) Pais indignados planeiam hoje realizar uma manifestação maciça perto das ruínas enegrecidas de uma escola de Paris na qual, segundo se sabe, pereceram num fogo 20 pessoas, a maioria delas crianças.

Quando aumentavam as acusações de que a escola, existente há dois anos, sofria de deficiências graves, os bombeiros continuavam a proceder a pesquisas no meio dos escombros. A noite passada encontraram outro corpo de um adulto, o que elevou o balanço trágico do incêndio para 20 mortos — 17 crianças, dois professores e uma mulher, que trabalhava como vigilante.

Contudo, embora não se soubesse ainda da sorte de dois alunos e de um professor, o total de mortes em consequência do fogo de terça-feira, à noite, deveria aumentar de certeza para 23.

Duas associações de pais franceses, abrangendo todo o país e que se encontram geralmente em desacordo, juntaram-se ontem, à noite, para pedir a realização da manifestação na próxima segunda-feira defronte do município local, a apenas 200 metros da escola.

Solicitaram, também, aos país, para conservarem os filhos em casa na próxima quinta-feira como demonstração de luto.

Dois inquéritos separados, um judicial e o outro a cargo do Ministério da Educação, procuram apurar a causa do incêndio, que viu o edifício de cinco andares ruir em menos de 15 minutos.

Progenitores de algumas das crianças apanhadas pelo fogo, durante uma aula de música na tarde, de ontem, recorreram aos tribunais, esperando intentar acções contra o Governo francês.

Pelo menos mais 50 escolas foram construídas em toda a França nas mesmas linhas pré-fabricadas, com cimento feito em fábricas e paredes de fibra de madeira revestindo uma estrutura de aço.

Não se sabia ainda, às primeiras horas de hoje, a origem do incêndio e não havia confirmação oficial de notícias de que se tinha sentido cheiro a gás na escola, no princípio da semana.

A escola era frequentada por quase 1200 crianças durante o dia. Contudo, apenas cerca de 60, entre os 8 e os 15 anos, estavam no edifício ao principiar o incêndio.

Federações sindicais, sindicatos de professores e associações de pais, manifestaram a sua indignação após o fogo, apontando relatórios oficiais, falando de aluimento do solo debaixo da escola e de deficiências nos sistemas de aquecimento e de electricidade.

Num comício de pais, efectuado a noite passada, um deles leu uma redacção feita por um dos alunos da escola: «A minha escola é linda, mas não é sólida. Se há demasiado vento, o tecto abana», escreveu a criança.

A redacção prosseguia aludindo a uma fenda no páteo de recreio e a criança concluia: «todos os dias nos arriscamos a partir a cabeça na minha escola».

Não está em Tânger o avião desviado

O Aeroclube de Faro não recuperou ainda o monomotor desviado para Tânger na manhã de sábado. O avião e os três jovens que transportou não se encontram já na cidade marroquina, segundo as informações colhidas no local.

O «Piper» que ontem seguira para Tânger com dois dirigentes do Aeroclube regressou a Faro ao princípio da noite.

Tudo parece indicar que João Vieira Branco, Alice Teixeira e Alberto Espírito Santo Fernandes seguiram já para outro país, não podendo, porém, confirmar-se a sua presença na Argélia.

Falando em Lisboa para o «DL», o dr. Sá Teixeira, pai da estudante desaparecida, deu-nos conta de que lhe chegam continuamente os mais desencontrados boatos: segundo uns, os três jovens estariam na Suécia, segundo outros teriam já atingido Amesterdão... Não tem, ou não nos revelou, no entanto, conhecimento directo e seguro do paradeiro da filha.

O dr. Sá Teixeira, veterinário municipal em Faro, apresentou queixa contra os dois companheiros de Alice, que considera seus **raptores**. A jovem tem 16 anos e frequentava o 7.º ano do liceu. A queixa deu entrada na PSP da capital algarvia, mas não transitou ainda para o tribunal da comarca.

O Gabinete português da Interpol, que «oficialmente não tem conhecimento de nada», nega que qualquer outra autoridade tenha pedido a sua intervenção para a localização e captura dos três jovens.

Em Lisboa, o dr. Sá Teixeira diligenciou junto da Direcção-Geral de Segurança, que participara nas primeiras buscas e averiguações efectuadas em Faro, mal foi conhecido o desvio do «Auster» para Tânger.

O JULGAMENTO DOS "FILHOS DA NOITE"

Sob a presidência do corregedor Lourenço Pinheiro, reuniu-se o colectivo auxiliar do 1.º Juizo Criminal da comarca de Lisboa para julgar uma das mais perigosas quadrilha, denominada «Filhos da Noite», que trouxe durante largo tempo em sobressalto comerciantes de Lisboa e dos arredores.

O grupo só actuava de madrugada assim que se apagavam os candeeiros da iluminação, dado que a cidade ainda fica um pouco ás escuras.

Era constituído por onze individuos que actuaram entre o último trimestre de 1971 e meados do ano seguinte, não só em Lisboa mas também em numerosas localidades limitrofes, especialmente em Pedrouços, Bairro Padre Cruz, Amadora, Reboleira, Queluz, Sintra, etc. Constam do processo vinte e quatro assaltos(sendo dezanove a estabelecimentos comerciais e a moradias desabitadas) e cinco roubos de automóveis (estacionados na via pública e que eram utilizados nos locais dos atentados e abandonados). Um desses carros, pertencente ao locutor Marques Vidal, provocou um acidente mortal na Rua das Fontaínhas, na Amadora, caso que será apteciado noutro processo em data a designar. O montante dos roubos praticados ascende a mais de 800 000$00. Os assaltos eram levados a efeito por meio de chave falsa, arrombamento, e por outros processos. São numerosos os queixosos que figuram no pleito.

Os incriminados são: José da Ressurreição Martins, de 22 anos, natural da Guarda; António Maria Gonçalves Vieira Pescada, de 26, solteiro, de Lisboa; Francisco José Henriques Ventura, de 19, electricista, da Brandoa (Amadora); Nelson Martins Pereira, de 20, de Vila Real; Manuel Correia Calvino, de 21, de Reguengos de Monsaraz, Mário Rodrigues de Brito, de 28, de Lisboa; António Carlos Faria, de 42, do lugar de Rande, concelho de Felgueiras; Júlio Palma Augusto, de 20, de Mafra; José Rafael Martins Machado, de Santiago de Cacém, de 37; João Armando Henriques, de 48, de Lisboa, e António Marques dos Santos, de 25, de Lisboa.

NOTAS POLÍTICAS

GOVERNADORES CIVIS

No Ministério do Interior, o dr. Gonçalves Rapazote reuniu ontem os governadores civis da Metrópole, com a presença do ministro das Obras Públicas, para definir os processos de execução de melhoramentos rurais. Durante a tarde, participaram nos trabalhos o ministro da Economia e Finanças e o secretário de Estado da Indústria, além do secretário e do director-geral da Administração Política e Civil.

MANIFESTAÇÃO EM TRAS-OS-MONTES

Uma manifestação de populares, convocada pelo Grémio do Comércio de Chaves, concentrou-se diante dos Paços do Concelho desta cidade para protestar contra as propostas da Comissão Regional do Norte para o IV Plano de Fomento. Foram pronunciados vibrantes discursos e lido um relatório que vai ser enviado ao Governo. «Toda a gente sabe o atraso em que vivemos — diz o relatório — em parte por nossa culpa, é certo, mas principalmente pelo abandono a que quase temos sido votados». A encerrar a série de discursos, o presidente da Câmara disse: «Não pretendemos a lua. Pretendemos a terra, mas em condições de ser habitada pelas gentes que nascem, vivem e morrem».

VISITAS MINISTERIAIS

O ministro das Obras Públicas parte amanhã para o Porto onde visitará trabalhos que decorrem no âmbito do seu gabinete.

O ministro dos Negócios Estrangeiros pronunciou ontem uma conferência no Instituto de Altos Estudos Militares sobre política externa.

O prof. Mendes Ferrão, secretário de Estado da Agricultura, visita hoje e amanhã vários serviços de organismos agrícolas do Alentejo.

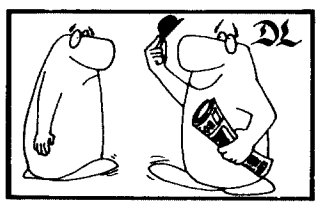
Visitou a sede da Obra das Mães pela Educação Nacional, a subsecretária de Estado da Saúde e Assistência.

2.º COMANDANTE DE ANGOLA

Foi nomeado 2.º Comandante da Região Militar de Angola, o brigadeiro Pinto Bessa que exercia as funções de comandante-geral da GNR.

ESQUADRA DA NATO

De visita a Lisboa, fundeará no Tejo, a partir de amanhã, uma força naval mista da NATO. A esquadra, comandada pelo comodoro Wevers é integrada por unidades de seis países, num total de 116 oficiais e 1429 sargentos e praças, partirá na próxima segunda-feira, dia 12.



SUPLEMENTO LITERÁRIO

Óscar Lopes responde a José Augusto Seabra

Eduardo Prado Coelho responde a Vítor Ramos

Livros recebidos

EDIÇÕES DE AUTOR

O AUMENTO DE PREÇO DAS HABITAÇÕES E O PROBLEMA DAS RENDAS «ILIMITADAS»
M. Roque Laia

EDITORIAL ESTAMPA

A VIDA SEXUAL DA MULHER
Pierre Vellay
Tradução de Maria da Graça Mexia
Colecção Biblioteca Estampa n.º 8

O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA
A. A. Liublinskaia
Tradução de Luís Marques Silva
Colecção Biblioteca Básica de Cultura — n.º 2

A ORIGEM DO HOMEM vol. 3
Mikhail Nesturkh
Tradução de Albano Lima
Colecção Biblioteca Estampa n.º 7

MITOLOGIA GERAL — vols. 4 e 5
Maria Lamas
Colecção Biblioteca Estampa n.º 6

EDITORIAL PRESENÇA

AS UTILIZAÇÕES DA CULTURA
Richard Hoggart
Tradução de Maria do Carmo Cary
Colecção Questões — n.º 5

MORAES EDITORES

O ACASO E A VIDA
Marc Oraison
Tradução de António Pinto Ribeiro
Colecção Temas e Problemas

COMUNIDADES DE BASE
Gerest, H. Denis, G. Crespy e outros
Tradução de Maria da Madre de Deus Pimenta de Souza
Colecção Linha de Risco

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

SERRANOS — 5.ª edição, revista
Mário Braga
Prefácio do autor
Colecção Obras de Mário Braga

PRELO EDITORA

AS FERIAS DOS EMIGRANTES
Vários
Colecção Cadernos PE-EP — n.º 13

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

MAFIA = COSA NOSTRA?
Nicholas Gage, Harald Hamrin, Franco Nencini, Mário Puzo e outros
Tradução de Alice Nicolau, Cardigos dos Reis, Inda Gullander, António José Massano, Maria Sobral e Maria Teresa Martinez
Colecção Novos Cadernos D. Quixote — n.º 2

O PODER E A SABEDORIA
Georges Friedmann
Tradução de Manuel Dias Duarte
Colecção Universidade Moderna — n.º 33

EDUCAÇÃO PELA LIBERDADE
Herb Snitzer
Tradução de Luís Ricardo Barata Amâncio

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A HISTORIA COMEÇA NA SUMERIA
Samuel Noah Kramer
Tradução de Fernando Piteira Santos
Colecção Estudos e Documentos n.º 24

NOTICIÁRIO EDITORIAL

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

No livro «A História Começa na Suméria», de Samuel Noah Kremer, reúnem-se alguns dos resultados mais sensacionais arquivados nas investigações e publicações de sumerologia. Compõe-se ele de vinte e cinco capítulos, unidos por um traço comum: tratam de «primeiras» criações na história humana. São, por esse motivo, de relevante significado para a história das ideias e para o estudo das origens culturais.

Dois poemas de Samih El-Kacem

A QUEDA DAS MÁSCARAS

Quando caírem as máscaras
ficará a minha bandeira
ou então a guerra
e o meu cadáver.

Veterano Conselho de Segurança!

Vinte actos e vinte noites
suportam já o meu drama
e vinte flores de laranjeira
murcham na praça das nossas aldeias
humilhadas
vinte flores de laranjeira são espezinhadas
durante a noite
nas ruas da cidade
vinte caravanas carregadas de tristeza
iam de cabeça baixa
buscar um novo deus
pelos quatro cantos do mundo.

Ainda me lembro...

E vinte flores de laranjeira
foram degoladas, ali
sem resistência.

Andei, andei
com os pés ensanguentados, de porta em porta,
com a febre do sofrimento
e a cara dum combatente
a quem fizeram esquecer
a história
das punhaladas

Ó Veterano Conselho de Segurança!

Vinte anos apelei para nada,
mas a minha voz chega-te agora

e atravessas as iras
que espreitam a paz.

Saída duma floresta de tendas
de amargura, de incêndio e de sangue
a minha voz é uma flor vermelha
no começo de cada novo ano.

Diz ela:
«aquele que vem pela morte
recolherá a sua própria morte».

Ó Veterano Conselho de Segurança
e da seara do crime
a voz chega a ti
como uma flor vermelha.

«Em breve voltaremos
ó senil Conselho de Segurança
e encontrar-te-emos coração da velha
Jerusalém»

PLENA CONSCIÊNCIA DA MORTE

Quando a relha do arado estrangeiro
rasgar — ó minha terra —
tua carne violada
é da minha própria carne
que correrá o sangue.

As coisas sumir-se-ão
no nevoeiro
e as lágrimas dos
segredos e do milagre.

A espada da luz surgirá da minha fronte
e dos meus dedos a água dos ribeiros.

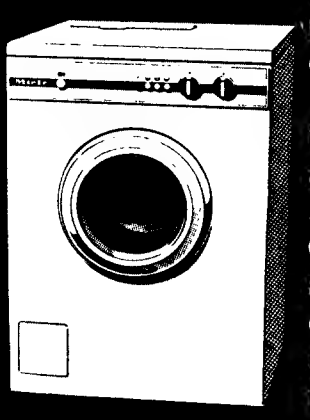
A minha nacionalidade?
— o coração de todos os homens.

Levem-me este passaporte.

Tradução de HELDER DE SOUSA

Máquina de lavar roupa automática

Você própria pode escolher a temperatura, o nivel de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.



Miele

Agente Oficial:
A. Oliveira

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 91-A
Telef.: 538323-536308-530838
Filial: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

O ACASO E A VIDA
de
MARC ORAISON
O MUNDO DA BIOLOGIA MODERNA PERANTE A PSICOLOGIA
MORÆS editores

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José António da Costa, «Café Arco Iris» — SOURE

REFORMA UNIVERSITÁRIA E POLÍTICA ACADÉMICA

Uma luta do Povo pelo Futuro.
Batalha da Educação.
A palavra de um ex-presidente da Associação Académica de Coimbra, ajudará a compreender a problemática actual do Ensino Português.
DEPOIMENTO DE EXCEPCIONAL INTERESSE PARA TODO O POVO PORTUGUÊS.
À venda o primeiro volume da colecção Futuro-Hoje da autoria de José Valle de Figueiredo.
Edição da Casa Sampedro
Av. da República 10 - 2.º Lisboa

APENAS 15$00

ERA UMA VEZ-2

Repetição à laia de resumo: com mais frequência do que possa imaginar-se deparam-se-nos lúcidos espíritos que recusam favorecer a criança com o encontro de fadas e prodígios. Numerosos são os pais e os pedagogos que rejeitam violentamente essa linha tomada por obscurantista. Situando-me na posição oposta foi-me fácil encontrar as fontes que me confirmam na ideia de que as crianças devem ter acesso ao maravilhoso, e de que as crianças a ele acedem naturalmente, mesmo contra a vontade dos adultos. Ora sendo os pais quem delas dispõe, e lhes fornece o primeiro fermento, que lho forneçam cedo: maior será o desenvolvimento da imaginação, e mais harmonioso e rico o seu espírito. Serão pelo menos maiores as probabilidades.

A evocação de histórias de fadas leva-nos __ quase compulsivamente! __ a invocar o francês Perrault, e não só esse autor como os alemães Grimm, e o dinamarquês Hans Christien Andersen, para só falar dos maiores. Se desconhecemos a origem destas histórias, que começam por ser contos orais baseados em mitos antiquíssimos, criados nos mais remotos lugares da terra pelo homem primitivo, isso não nos impede de os analisarmos tal como foram adaptados no século XVII (Perrault), no século XVIII (irmãos Grimm), e no século XIX (Andersen), submetidos às idiossincrasias particulares dos respectivos autores e às características gerais de cada raça.

Se, por exemplo, compararmos a Cinderela de Perrault com a de Grimm, verificamos que os adaptadores alemães lhe acrescentam pormenores do género brutal e sangrento: as irmãs de Cinderela cortam «uma fatia do calcanhar, além do dedo grande do pé», na raivosa tentativa de calçarem o sapatinho de cristal...

Já ao Capuchinho Vermelho, que nas mãos de Perrault termina como na tradição oral (a menina é comida pelo lobo, e pronto, acaba a história), os Grimm enxertam-lhe pormenores que pertencem ao conto da «Cabrinha Branca»: chegam os caçadores que abrem a barriga do lobo donde saltam, vivas a avó e a neta; a barriga do lobo é cheia de pedras e cosida, e o lobo, que, cheio de sede, vai beber água, cai ao rio e morre afogado.

No conto tradicional da Bela Adormecida, Perrault, que num prefácio a «Peau-d'Âne» declara «nada ter querido escrever que pudesse ferir o bom gosto ou o pudor», atenua os transportes eróticos entre a Bela e o Príncipe, e modifica um plano importante da história: na narrativa oral o príncipe era já casado... e toda aquela fúria desencadeada contra a princesa e os filhos. Aurora e Jasmim, não parte de uma avó paterna, que é também ogre, mas sim de uma esposa enganada e preterida... O que, vamos lá, explica melhor as coisas

Perrault assim o não entendeu, e no estilo mais sóbrio e elegante alguma vez usado narra-nos os delírios, a canibalesca ânsia da monstruosa «avó», as suas iras de vingança e o requinte da dorna que manda colocar no meio do pátio, repleta de víboras, cobras e serpentes para que aí sejam lançados a princesa e os filhos...

TEMPO E LUGAR

Como qualquer criador, o «adaptador» Perrault não podia esquivar-se a projectar na obra reflexos do tempo e do lugar que habitava.

Assim, afastado embora da corte de Luís XIV depois de vinte anos de vida de palácio, fácil lhe é evocar seus fautos, que transpõe para as histórias de fadas com certo comprazimento.

Na Bela Adormecida, logo de início nos descreve o festim após o baptizado, em que cada fada tinha à sua frente «um talher completo de ouro maciço». (Sabemos o incremento e como que a «prioridade» que Luís XIV deu às indústrias do ouro). Quando a princesa adormece no sono letárgico, a fada boa faz adormecer também todos os habitantes do castelo. E vem a opulenta enumeração: governantas, damas de honor, aias, criados, fidalgos, oficiais, mordomos, cozinheiros, ajudantes, moços de recado, guardas, suíços, pagens, palafreneiros; o príncipe avança por um grande pátio coberto de mármore, sobe a escadaria, entra num quarto inteiramente dourado; passeiam depois num salão todo forrado de espelhos, etc., e não nos é difícil admitir nisto tudo a nostálgica sombra de Versailles.

Também no Pequeno Polegar nos é dito: «E houve um ano deplorável, de tão grande miséria, que aquela pobre gente resolveu desfazer-se dos filhos».

Soriano chama a este conto um documento e uma reportagem terríveis sobre o estado da França na altura em que se esboça a «crise da consciência europeia».

O «ano deplorável» é o de 1693-94, bem próximo ainda. A falta de alimentos é tal que acarreta um imenso desastre. Os pobres lançam-se pelos caminhos comendo raízes, bebendo caldos de urtigas fervidas, e atirando-se esfaimados às tripas dos animais que os cozinheiros atiram ao lixo.

Muitos camponeses abandonam, com efeito, os seus filhos, não como na narrativa, para se pouparem à dor de os ver morrer de fome, mas na esperança de que as criaturinhas venham a ser recolhidas por gente abastada e boa».

Como se apresentariam, ainda despidas de ocultas referências históricas e das subtis maciezas do estilo culto, os contos que Charles Perrault pediu a seu filho Pierre para seleccionar entre as histórias de cordel que apareciam nas feiras, além daquelas que com certeza ouviu da boca das amas de seus filhos?

CONTES
DES FÉES,
CONTENANT
La Barbe bleue, le petit Chaperon rouge, les Fees, la belle au bois dormant, le Chat botté, Cendrillon, Riquet à la Houpe, et le petit Poucet.
PAR CH. PERRAULT.
ORNÉ DE NEUF GRAVURES.
A PARIS,
Chez DELARUE Libraire, quai des Grands-Augustins, N.° 15;
Et à LILLE, chez CASTIAUX, Libraire.

«Conto de Fadas»

CHARADA

Não me alongo sobre o dilema da paternidade dos contos. Como simples leitora, reajo, porém, à duvida que ainda hoje persiste __ que digo? __ que hoje é mais acentuada, __ e quanto mais prudente e maior é o estudioso, mais duvida, claro __ a respeito do verdadeiro autor das «Histórias do Tempo Passado» e da «Mãe Ganso». Mas como leitora, repito, e abusando desta feita do que chamam apanágio de mulher o tal sólido bom senso (que tão pouco uso e mal conheço!) concluo, para mim, que os versos de Pele de Burro (não esquecer que este conto foi todo escrito em verso) não podiam ter sido escritos por uma criança, um adolescente, por muito talentoso que fosse. (Ex: «La reine entre ses bras mourut/Et jamais un mari ne fit tant de vacarme./A l'ouir sangloter et les nuits et les jours/On jugea que son deuil ne lui durerait guère/et qu'il pleurait ses defuntes amours/Comme un homme pressé qui veut sortir d'affaire). A idade madura sabe coisas que a extrema juventude desconhece. Obvio.

Mas tendo a consciência de que os meus comentários a semelhante dilema estultos seriam se ultrapassassem limites bem demarcados, e também porque quero este espaço para falar doutras minhas razões, renuncio ao que já sobre ele apontara.

ANÁLISES E «QUIPROQUOS»

São infinitamente variadas as interpretações que podem fazer-se, e se fazem, das histórias recolhidas e adaptadas por Perrault.

Na nossa época foram já até passadas ao crivo da análise psicanalítica, o que só desdobra o seu interesse e riqueza.

Mas **num certo sentido**, perante contos que literàriamente são considerados obra de arte, obra-prima até pelos mesmos críticos que lhes fazem as outras análises __ que importa que a análise histórica explique, no Pequeno Polegar, o pormenor da grande devastação; que a análise psicanalítica a esse conto vá tão longe que nos esclarece, ou tenta esclarecer, num apaixonante estudo, sobre a influência que o complexo dos gémeos exercem no seu autor. («Charles Perrault teve um irmão gémeo que morreu aos seis meses. Criado numa atmosfera de medos e cuidados, superprotegido, Charles sente o irmão desaparecido como um modelo inacessível e obsidiante. De certo o adorou, o odiou, lhe desejou a morte, e transformou esse desejo em culpabilidade; a sua vida torna-se numa procura inexorável do **after ego**, da colaboração. Compreendemos assim a profunda ligação do nosso contista ao tema do Pequeno Polegar e simultâneamente essa mistura de emoção e ironia que caracteriza o conto. Charles Perrault, ao refundir a ingénua narrativa carrega-a com os seus fantasmas e ao mesmo tempo exorciza-os»). Entretanto, o filho Pierre teria tomado o lugar do irmão desaparecido.

Noutro lado leio: O facto é que se trata de um surpreendente quiproquo: o artista interpreta no plano **pessoal** uma estrutura que tem um significado essencialmente social.

E pergunto: mas não é o que faz, afinal, sempre, **o artista?**

O próprio Perrault pergunta, na dedicatória do conto «Les Souhaits Ridicules»: Mais vous... Que savez que c'est la manière/Dont quelque chose est inventée/Qui beaucoup plus que la matière/De tout Récit fait la beauté» __ e com esta pergunta parece negar que haja, realmente, um equívoco na maneira como adultos e crianças têm até hoje abordado a angustiante história do Pequeno Polegar.

Pessoalmente, já o escrevi, sou capaz de rememorar e tornar a sentir a paz de alma com que em criança li esse conto.

O mesmo não aconteceu com A Sereiazinha, de Andersen. __ Aquela impossibilidade de comunicar, a impossibilidade de se fazer reconhecer, mesmo por quem amava, e a amava, foi mais forte do que qualquer espécie de ameaça do que todos os lobos ogrés bruxas e dragões das outras histórias. Aí, sim, já contei, foram dar com a criança de seis anos soluçando debaixo do caramanchão, livro aberto nos joelhos todo encharcado de lágrimas.

(Camus: «Se alguém quiser ser reconhecido diga simplesmente quem é»). E como dizer quem somos? De qualquer maneira ninguém nos reconhece.

Por estas e por outras (lágrimas) deverá eliminar-se da literatura infantil (quem sabe se da Literatura?!) A Sereiazinha?

Então?

No fim de contas, deixo para um terceiro artigo a tentativa de desatar o nó do problema que expus no número anterior.

Quanto à hoje tão debatida identidade do autor-adaptador dos Contos, obstino-me a pensar que foi o pai e não o filho. Baseio-me nos estudos que li, __ o que aliás infletem na direcção contrária! __ para me permitir esta interpretação. Mas não vos ameaço com ela.

No entanto, para terminar, acrescennto que, se terá sido fácil a um jovem precoce adivinhar que das nossas bocas saem por vezes rosas, e doutras vezes víboras e sapos, só um velho sabe as outras coisas, e não esquece, por exemplo, que nos assemelhamos todos a Cinderela __ todos temos de deixar o baile antes da meia-noite...

ISABEL DA NÓBREGA

LE MAISTRE CHAT,
OU
LE CHAT BOTTE'.
CONTE.
UN Meusnier ne laissa pour tout biens à trois enfans qu'il avoit, que son

«O Gato das Botas»

PETIT CHAPERON
ROUGE.
CONTE.
IL estoit une fois une petite fille de Vilage, la plus jolie qu'on eut sçû voir;

«O Capuchinho Vermelho»

OPINIÕES CRÍTICAS

ARQUÉTIPOS PARA UM POEMA - TRILOGIA

Por CARLOS ARINTO

....Dois livros de poemas de um autor jovem, lançados com um pequeno intervalo. Títulos: «Arquétipos para um Poema» e «Trilogia». Autor: Carlos Arinto. O primeiro (de estreia) é claramente um exercício de busca: Arinto toca todas as teclas, parece o repositório de todas as influências: de Eugénio de Andrade aos pseudo experimentalistas da nossa praça. «Eramos como dois rios paralelos/ apressados inesgotáveis/ e que num momento se chocam»: Por outro lado, o poema (?) da página 18 («Poema com gráfico de variação») apenas pode ser tomado como uma manifestação de humor...

...A bem intencionada (e por vezes conseguida) aventura no domínio da pesquisa linguística ombreia com o lugar-comum: «hoje/ que me encontro só/ que te não vejo/ que te não sinto respirar junto a mim/ quero que saibas/ que penso em ti/ que recordo a tua alegria breve/ por entre os seixos/ das areias ainda pelas praias/ e imagino sentir ainda/ o agasalho do teu corpo...».

....Carlos Arinto não consegue fugir à repetição sistematizada das palavras: descoberto um tema, conquistada uma palavra, explora-os à exaustão — processo que, pela facilidade, me parece definitivamente ultrapassado: «da minha solidão/ nasceste tu/ amor/ da minha luta/ nasceste tu/ amor/ da minha vontade de amar/ nasceste tu/ amor» e por aí adiante... Outro, logo na página seguinte: «deixemos/ que a chuva nos salpique o rosto/ e o vento/ despenteie os nossos cabelos soltos/ deixemos/ que a noite nos enlace/ e os olhos/ num sorriso se encontrem/ deixemos/ que o último eléctrico passe», etc.

.. Já em «Trilogia» me parece Carlos Arinto preocupado não apenas com a «forma» de exprimir a sua poesia (inegàvelmente muito pobre no livro de estreia) mas também com a temática. Não abandonando embora o processo de pesquisa linguística iniciado em «Arquétipos para um Poema», o autor surge aqui possuidor de uma maior segurança e liberto, em certa medida, de alguns infantilismos . E isto é bem evidente logo no poema de abertura onde se fala das mãos e, mais adiante, em «Camões», texto repassado de uma amarga ironia e denunciando um sentido crítico que, se devidamente explorado e levado às suas últimas consequências, poderia representar, para Carlos Arinto, o verdadeiro caminho da sua poesia. Caminho que, está bem de ver, o poeta ainda não encontrou.

TORQUATO DA LUZ

ARTE E TÉCNICA NO DESIGN

Ao sentir que perde o controlo da máquina que criara para sua escrava, nasce no Homem o medo da técnica. De uma técnica que mal conhece, reduzida à mecanização e a que opõe o mundo (sentido subconscientemente) da arte, com a qual, aliás, mantem convívio restrito, afastado pela sua permeabilidade ao fácil e cómodo. Esta ideia de uma oposição irremediàvelmente feroz entre a técnica e a arte é mito que ainda pesa sobre os homens contemporâneos, pelo menos sobre alguns.

Na verdade, entre arte e técnica verifica-se uma série de interferências de sentido concordante. E assim que surge o «design» (designação hoje consagrada), a estética industrial, numa procura da qualidade completa do objecto, nos aspectos técnico, funcional e de harmonia global. Nos domínios (e são todos) onde se torne necessário introduzir beleza e harmonia na vida mecanizada.

Ao criar um mundo melhor adaptado à natureza do Homem, a estética industrial desempenha, a par de uma função cultural, um papel importante no aspecto comercial. Porque orienta (legitimamente) a escolha não só para o mais funcional e tècnicamente mais bem concebido mas, também, para o mais harmónico, acrescentando uma dimensão sem a qual, na verdade, o Homem se sente amputado na sua natureza.

A funçao do «designer» apresenta-se porém, difícil. A «leitura» de um objecto de arte, como a de uma fórmula física ou de uma partitura musical, exige o conhecimento das «regras do jogo». E, como o pensamento do industrial que se volta para o «design» aspira (legitimamente, aliás) a conseguir o aumento do volume de negócios, torna-se necessário definir formas de «leitura» fácil e de envelhecimento não muito rápido, ou o investimento (vultuoso) da produção não terá a rentabilidade devida. Isto não pode significar, óbviamente, um convite tácito a uma permanência imobilista. O público apresenta, muitas vezes, gostos determinados porque nada de novo lhe foi apresentado. E a inovação corajosa pode ser compensada, colocando o produtor à frente da concorrência em vez de o manter na posição limitada de copiador daquilo que se está vendendo. Mas ao inovar, e para além de condicionamentos puramente estéticos, o «designer» tem de lembrar-se que está criando coisas para serem utilizadas por pessoas, o que obriga a apoiar a sua criação numa infra-estrutura científica informada pelos últimos conhecimentos da antropometria e da ergonomia.

O «design» tem de ser uma maneira de pensar e encarar a realidade, na organização das forças que compõem a cultura, uma forma especulativa e operacional simultâneamente de criar objectos figurativos, objectos de civilização. Uma forma de trazer arte ao quotidiano, de a dessacralizar, de a fazer circular. Como já o passado conhecido ensina: a arte no objecto e não só o objecto de arte.

PEDRO MARTINS DA SILVA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Dias MUCIFAL — COLARES

PÉ DA VINHA

O MAGNÍFICO

ROSÉ, ROSADO OU BRANCO
um vinho para todas as refeições.

PUBLINTER

OS SALDOS DOS

Tecidos Almirante, Lda.

— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM POR MAIS UNS DIAS
E AGORA COM A GRANDE SENSAÇÃO

CAMISAS PARA HOMEM
67% POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)
UMA POR 75$00 — DUAS 130$00
E TRÊS POR 175$00 (O QUE É INCRÍVEL)

POIS O VALOR DE CADA CAMISA É 195$00

— E TAMBÉM AINDA —

VESTIDOS PARA SENHORA
PURA LÃ (EM CAXEMIRA)
Eram a 430$00
Agora a 175$00

ROBES PARA CRIANÇA
(EM PELUCHE)
Apenas por 55$00

E MILHARES DE TÚNICAS, SAIAS, CALÇAS E VESTIDOS (PARA SENHORA)
A PREÇOS DE VERDADEIRA LIQUIDAÇÃO

— VISITE-NOS E CONFRONTE —
POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO SEU VALOR

Folhetim-artístico de José-Augusto França

VARIAÇÕES SOBRE 143 BANDEIRAS

Uma bandeira é o símbolo oficial mas é também um elemento de código gráfico — e elemento artístico, reflectindo complexos culturais e de gosto.

Não afirmou René Huyghe, não há muito, que os pintores pintavam afinal com as cores das suas bandeiras? Afirmação, digamos, mais pitoresca que pictórica, se pensarmos que o esquema colorido da bandeira francesa é igual ao da holandesa, da inglesa, da americana ou da liberiana mas que revela a existência dum gosto reflexivo nas bandeiras. E de um sentimento também: lembremo-nos da longa discussão que envolveu a escolha da nova bandeira portuguesa em 1910, com alvitres e críticas de artistas e de poetas, e do discurso de Lamartine, em 1848, em prol do tricolor.

... Ora tenho diante de mim, em volta de um planisfério actualizado, as 143 bandeiras que em 1 de Janeiro funcionam nos primeiro, segundo e terceiro mundos.

Se o número das cores possíveis é infinito, com as suas tonalidades (o verde português não é o verde mexicano, nem o verde brasileiro é o italiano; na Polónia há uma cor de púrpura insólita que vem de longe), o das combinações de cores tem uma probabilidade de milhões e o das formas não se conta, mesmo dentro dum campo figurativo de medidas rectangulares fixas, mas nem sempre respeitadas.

Depois, há a simbologia heráldica com o crescente do Islam, as estrelas de cinco pontas das repúblicas democráticas, mas também ligadas aos crescentes num signo duplo, ou figurando nos pavilhões do Panamá, de Porto Rico, da Jordânia, da Libéria, e mais, a cruz dos países escandinavos, símbolos genéricos, ideológicos ou regionais, a que se juntam outros locais tradicionais ou sentimentais, como as chaves da Santa Sé, a cimitarra da Arábia Saudita e do Iémen, a esfera armilar de Portugal, a folha de roble do Canadá, a águia que foi vista pousada na cidade do México pelos Conquistadores e o brasão destes, da Casa da Austria, no pavilhão nacionalista espanhol, a estrela de David de Israel, as cinquenta que representam os estados unidos na bandeira americana, a foice e o martelo que ficou apanágio da União Soviética.

Uma leitura geral das bandeiras aqui expostas exige análises de computador: que frequência de cores (108 vezes o encarnado, 63 o azul, 47 o amarelo, 1 o roxo), que frequência de formas, que número de vezes se verificam as três listas ou palas verticais (22 vezes) e as duas (4 vezes: Portugal, Santa Sé, Argélia e Malta), quantas e de que modo há faixas horizontais (duas, 7 vezes; três, 39 vezes; quatro, 2 vezes; cinco, desiguais, 7 vezes; seis, 1 vez só, que é o Uganda), quantas são as bandeiras com linhas oblíquas (com contrabandas ou divisões do campo em aspa ou simples triângulo no sector direito 17 vezes, quantos são os signos zoomórficos empregues (cinco), etc., etc...

Daí se tirariam conclusões de uma psicologia da forma aplicada e da estética inerente. Por exemplo, que as divisões mais simples e mais estruturais do campo figurativo são as mais antigas, «neo-clàssicamente» estabelecidas no século XVIII, que daí em diante interveio uma maior fantasia, aliás de acordo com a juventude dos países nascidos do movimento independencialista sul-americano, em pleno romantismo. Idêntico movimento africano dos nossos dias deu bandeiras mais estranhas, dum gosto discutível mais do que tropical, e que não se desligou da lembrança cultural dos países colonizadores, para assumir tradições culturais autóctones elaboradas ao nível dum símbolo cuja existência, afinal, lhes é imposta do exterior. Mesmo certos signos em que afloram raízes indígenas recebem uma interpretação figurativa e ocidentalizada (Quénia, Uganda, Burundi).

Anos atrás, houve visitas em série dos presidentes das recentes repúblicas da Africa francófona ao presidente De Gaulle — e todos eles faziam subir, na dupla fieira de mastros dos Champs Elysées, as bandeiras respectivas que ficavam esvoaçando ao vento. Pavilhões inabituais, compondo as cores das bandeiras europeias em arranjos diferentes e quase sempre disparatados. A bandeira da República Central Africana tem quatro faixas, azul, branco, verde e amarelo, uma estrela ao canto esquerdo e mais uma pala vertical, vermelha, ao meio como se o desenhador se tivesse dado conta, de repente, da falta imperdoável de tão vistosa cor, ou lha tivessem oficialmente exigido...

À terceira ou quarta bandeira hasteada, comentei a sua fealdade com um amigo que me respondeu: «Que quer Você **nás** já tínhamos escolhido todas as bandeiras bonitas...» E, em certa medida, ou na medida de certo gosto, tínhamos mesmo.

A simbologia interna deste símbolo externo, por seu lado, e para além de signos fixos, é variada e nenhuma análise estatística poderia satisfazê-la, na medida em que, em quadros mentais muito diversos, ela obedece a códigos expressivos irredutíveis. E logo nas cores: o verde pode ter uma significação em Itália, outra em Portugal, outra, certamente, no Malawi ou no Irão; o mesmo se diria do vermelho que não representa o mesmo valor no pavilhão soviético, no da Tunísia, ou no da Turquia ou no de Mascate-e-Oman, enchendo, porém, semelhantemente, os seus campos. Como enche ainda o da China, com uma conotação ideológica que já não é exactamente a da U.R.S.S...

Para certos casos, há uma referência precisa, ou uma precisa interpretação o sangue o ouro da Espanha quer dizer, para os Espanhois, que «não ouró para comprá-la nem sangue para vencê-la», mas entre o significante e o significado há um écran lendário que só o conhecimento específico pode dilucidar. Não assim, no caso da O.N.U. nesta bandeira azul de infinita felicidade e de infinita pureza, com um globo estrelado a ouro... Mas aí a exegese teria que seguir princípios de disfemismo retórico...

Jogando com estas 143 bandeirinhas, e mesmo falando em termos sábios, rejuvenesço-me: lembro-me de aos dez anos ter conhecido de cor todas as que então havia (menos de metade)

A VISITAÇÃO - 2

o avô lia-nos, debaixo da ameixoeira, os óculos
de aros finos encavalitados no nariz um pouco
adunco, as sobrancelhas hirsutas, passagens do
livro dos reis, o nosso proferido, havia também
um livro de horas com gravuras a cores, aos
cantos, que ele nos deixava folhear, mais tarde
foram o don quixote de la mancha, carlos magnus
e os sete pares de França, os mistérios de paris,
o pantagruel ilustrado e uma edição muito antiga,
com a carneira da lombada toda picada das
traças, dos contos de hoffmann, tinha uma voz
grave, pausada, e os olhos brilhavam-lhe de ale-
gria quando se emocionava com um ou outro
relato mais intenso, mais vivo na sua descrição

ficávamos assim: sentados a seus pés, bebendo-lhe as palavras uma a uma, fazendo perguntas, ele explicando-nos o que não percebíamos enquanto a luz da tarde se ia diluindo pouco a pouco até se transformar numa aragem fina e gostosa

da porta a avó chamava-nos para o lanche, o avô fechava o livro, resmungando, trocava de óculos e, num passo lento, arrastado, encaminhava-se para a cozinha que ficava logo à entrada, havia compota de cereja, doce de abóbora, bebia o seu chá de erva cidreira, comia um ou outro bolo de limão e canela, para depois ficar cochilando num ressono até à hora da ceia

pela manhã as mulheres cantavam, os cabelos
atados atrás, junto à nuca, no lavadouro de cobér-
tura de palha que havia no lado norte da casa,
outras ficavam sentadas na soleira das portas,
os filhos no regaço, catando-lhes os piolhos e
as lêndias, ou comendo as laranjas que apanha-
vam do chão do pomar que havia no outro lado
do rio

o avô gostava de as ouvir cantar, esse canto
arrastado e longo, o bater da roupa na pedra,
o ressaltar da água, borbulhante de sabão, os
ditos chocarreiros, as gargalhadas, a algazarra
que faziam quando lhes atirávamos com torrões
para dentro do tanque ou lhes calcávamos os
lençóis que tinham a corar

lembro-me de um diospieiro que havia num quintal
vizinho, os frutos vermelhos de pevides negras,
deixando-nos a língua àspera quando os
comíamos verdes, de cimaa do muro, com uma
vara em forma de forquilha torcíamos os pés
dos diospiros, puxávamo-los para trás num esti-
cão para os apanharmos do lado de cá esborra-
chados no empredado, fugindo do dono, um velho
de barbas que nos açulava os cães

no cemitério da vila eram as brincadeiras de
fim de tarde: entre os ciprestes altos e sombrios,
pequenas crateras na terra húmida: as casas das
toupeiras

negras, de pêlo macio, aveludado, abriam corre-
dores debaixo do saibro onde armazenavam as
gordas lagartas que de noite caçavam no vasa-
douro das flores aprodecidas, fazíamos um cerco,
elas corriam dum lado para o outro, estonteadas,
os olhinhos como contas de azeviche, rolando,
amedrontados, quase cegos, que nós espetáva-
mos como varetas de guarda-chuva

os exorcismo da infância,
rememoro

LUIS PIGNATELLI

Bilhete para Rogério Vidigal

Leio a sua notícia ilustrada do que foi, ou pretendeu ser, uma evocação do Poeta e Ensaísta Adolfo Casais Monteiro.

Uma notícia ilustrada com a fotografia dos intervenientes, e noto depois de ler que as falas de um deles não são citadas nem comentadas. Dos outros, do pouco que se diz dos outros, ficou-me a impressão que o próprio senhor Vidigal as considerou de somenos.

De facto, quando se diz que Casais Monteiro não tem «raiz liberal», quando, para dar a figura intelectualmente gigantesca de Casais, se sente necessidade de falar na sua cabeleira branca...

O senhor pôs tantas reticências nos que relata!...

Deu-me a impressão que aquelas evocações (mais do homem do que do escritor, diz o senhor) foram também cheias de reticências.

As reticências de quem não quer reconhecer que Ele foi o maior da sua geração, e em vários campos.

As reticências de quem o leu pela rama ou não entrou mesmo na sua leitura — poeta difícil, de há mais de quarenta anos a esta parte.

A sua poesia, intelectualizada, problemática, hermética, para muitos — é tão cristalina hoje ao pé dos abstraccionismos que dele descendem.

Adolfo Casais Monteiro — o Poeta da «Confusão», dos «Poemas do Tempo Incerto», do «Sempre e Sem Fim», do «Canto da Nossa Agonia», da «Noite Aberta aos Quatro Ventos», da «Europa», do «Voo sem Pássaro Dentro» e o Ensaísta de tantas obras que enriqueceram Portugal e Brasil continua a ser um desconhecido.

Talvez queiram que continue um desconhecido.

Mas ele escreveu, aos vinte anos, no poema «Desafio»:

«...E se um dia
alguém me pede contas do que disse
gritarei: não fui eu, não sei, era mentira!
Tanto me repugna que alguém ouse supor
ter entrevisto — sequer! — a minha alma.»

Repugnar, porquê?

Por pudor ou por orgulho?

Mesmo nós que o admiramos, não conseguimos decerto compreendê-lo até ao fim.

Quanto mais os que o não admiram — e por tantas razões!

Porque me pareceu que o senhor Vidigal se conta entre os primeiros, é que lhe escrevo este bilhete, com as minhas saudações

PINTO DE ABREU

RESPOSTA DE ÓSCAR LOPES A JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Meu caro José Augusto Seabra:

Compreendo o seu escrúpulo em especificar que se não dirige ao amigo, mas a um outro, não sei qual, de mim. A um amigo não dirigimos nós uma carta aberta sem o avisar em privado. De um amigo nunca a gente se serve como instrumento polémico, convertendo-o em personificação involuntária daquilo que lhe não está a carácter e forçando-o a juízos que ele tem, evidentemente, as suas razões para reservar como quem espeta um insecto vivo no tabuleiro entomológico mais propício à confusão. De um amigo não se publica uma dedicatória pessoal, atribuindo-lhe um alcance que nunca poderia ter. Quase não faço crítica literária desde 1967, portanto seria fácil descobrir qual a parte da sua obra que não pude referir em público, por um só e o mais estúpido dos motivos.

Um dos mais curiosos fenómenos das nossas letras é o de tanta, e ainda por cima tão boa, gente se julgar vítima de uma conspiração, quanto mais não seja de silêncio. Parafraseando Pessoa, são tais conspirações são já tantas, que nem pode haver tantas. Nalguns casos, pelo menos, a realidade deve ser outra. Por exemplo: uma crítica seria requerer intimidade com o texto, estudo, tempo, energia, e sobretudo compensação, qualquer espécie de boa compensação. E faltam condições para isso. E ainda mais faltam quando desatámos a devorarmos uns aos outros, como grilos num copo sem alface. Ah, a diferença que me faz esta simples resposta, quando nem tempo tenho para os amigos. E a sua carta é todavia o resultado dessa mesma falta de tempo, um resultado tanto mais inesperado quanto o julgava ciente de que alguma coisa fiz, e mesmo há bem poucos meses, para que o José Augusto Seabra fale e seja falado na área de publicidade a que tenho acesso.

Esta sua carta contém duas coisas diferentes. Uma chamada a responsabilidades e um testemunho pessoal. O último não tem resposta: é um testemunho. O que pode ter alguma resposta é o seu requisitório acerca da minha aceitação de um convite para ir à U. R. S. S., acerca do ter dito o que disse (e efectivamente se leu), e acerca de não ter dito nem feito o que, no seu entender, deveria.

Porque aceitei o convite? Por vários motivos. Porque, nos limites do possível, tenho o dever e o interesse de me informar e informar sobre o que importa. Porque me foi oferecido o ensejo de conhecer algum trabalho soviético no domínio científico a que dedico o melhor de tão precárias forças e oportunidades. Porque, independentemente do que sinta ou pense da U. R. S. S., entendo, tal como muitas outras pessoas de ideias bom diferentes, que a U. R. S. S. e Portugal se devem conhecer melhor em certos aspectos sob os quais mais se ignoram. O José Augusto Seabra sabe de outras visitas **restringidas a sectores de antemão preparados quer a uma receptividade quer a uma impermeabilidade unilaterais.** Tanto quanto é do meu conhecimento entre os portugueses anteriormente hóspedes da U. R. S. S. figuram músicos, agrónomos e vários especialistas que não nutrem qualquer especial simpatia por esse Estado. E talvez ignore, mas eu digo-lhe, que os convidantes se interessavam por mais escritores dos mais variados naipes. O resto da história não é comigo.

Com três semanas de viagem, atrasados em relação ao calendário previsto, desprovidos de ralações locais, partilhados por interesses pessoais variados e tendo como única via de comunicação directa o meu modestíssimo russo oral, dispúnhamos apenas da vantagem de ir aonde fosse materialmente possível e nos ocorresse escolher. E às vezes as coisas não nos ocorrem a tempo, sobretudo quando há muita coisa, e inesperada, para ver. Tudo isto, e muito mais, está lá reconhecido nos artigos que saíram. E que vem o meu amigo a apontar de dedo em riste senão os limites explicitamente reconhecidos, numa informação que, em todo o caso, continuo a reputar importante? Porque, subtraia-se dos meus artigos publicados tudo aquilo que o José Augusto Seabra vem entrelinhar no texto e já toda a gente leu na nossa imprensa, e fica um conjunto de coisas relevantes e geralmente ignoradas: tiragens e condições de profissionalidade literária em dezenas de línguas diferentes, algumas ainda há meio século mais iletradas do que hoje as línguas bantos, organismos de participação e promoção literária de amplitude massiva, possibilidades de intercâmbio literário e de didáctica das línguas, urgência de uma convenção bilateral do **copy-right**, etc.

Para que sublinhar o facto, exposto tão claramente, de não termos contactado com nenhum dos escritores soviéticos meus conhecidos? Além do mais, faz uma ideia de qual é o movimento diário de encontros internacionais numa Associação de Escritores soviéticos? Não faz com certeza, porque, se fizesse, compreenderia as dificuldades, em tempo de férias, de um tal desiderato por parte de uma diminuída **delegátsia** portuguesa, chegada já fora do calendário previsto. Em Setembro de 1971, numa viagem feita a convite de uma instituição oficiosa da Alemanha Federal, tinha, entre outras coisas, aprazado um encontro numa Associação de Escritores, que acabou por realizar-se em Munique. Com antecedência, indiquei alguns autores que conhecia, e pelo menos um dles devia conhecer-me. Fui amabilíssimamente acolhido, mas por pessoas cujos nomes nada me diziam ao ouvido. Para usar os seus termos, seriam **escritores-escritores**, ou funcionários sindicais? Ramz Babaddian, que nos atendeu em Tásquente, e Sérgio Tsudadzé, com quem conversámos na Geórgia (e estes nomes sei-os por que me deram livros, que ainda não pude ler na versão russa), que estatura literária terão? Ai de mim, que, passando a vida a ler, conheço tão pouco de tudo o que todos os dias ouço considerar de indispensável leitura e então que dizer do conjunto de línguas em que mais obras se editam em todo o mundo?

Seria de exigir que nos informássemos e que intercedêssemos de um modo que deva ou possa publicar-se acerca de escritores expulsos da União de Escritores Soviéticos, impublicados, condenados ou, também ao que se diz, internados em asilos psiquiátricos? Ou terá o José Augusto Seabra simplesmente pretendido insistir num assunto de que os jornais tanto falam? E nesse caso para quê? O que eu posso dizer-lhe a esse respeito é que, da única vez que pude participar directamente nas reuniões do júri para atribuição do al-**Prix International de Littératures**, a delegação portuguesa, constituída por Mário Dionísio e por mim, votou em Soljenítsin, quando verificou a impossibilidade de impor Guimarães Rosa. O José Augusto Seabra não o sabia, por certo. Se os meus convidantes se informaram a meu respeito, devem saber de mim o que o meu amigo esqueceu, desde que há muitos anos, comovidamente, me ouviu falar da busca da verdade.

A verdade é que a violência nos rodeia de todos os lados, e que uma pessoa lúcida não apenas (nos termos de Raul Brandão) se sente responsável por todos os males do mundo, como (e é o mais difícil) também responsável pelo juízo acerca da jerarquia desses mesmos males e por aquilo que efectivamente aqui e agora, ela pode fazer a esse respeito. Não me imponha a sua perspectiva, a sua escala de valores e oportunidades, sem ter a certeza de que lhe poderei expor a minha, já que a evidência moral é assim tão difícil. Não calcula como eu gosto daquele gesto de Hochhuth, que se recusou a deixar representar **O Vigário** na Polónia antes de se assegurar que os católicos poderiam discutir a fundo essa peça.

Dadas as condições existentes, penso que, no meu país, aquilo que poderia fazer de mais importante acerca da vida editorial soviética era traçar o quadro geral, e a qualquer momento rectificável, de um tipo de organização radicalmente diverso da massa e que permitisse compreender, quer as suas vantagens e inconvenientes, passados ou presentes, quer sobretudo as suas possibilidades e o sentido provável da evolução. E preciso respeitar os factos, mas desse respeito constitui parte integrante o esforço de os compreender, ou seja, de os integrar na sua estrutura e na sua história. Poderemos compreender o liberalismo por uma antologia de violências, colhidas ao longo do sinuoso processo através do qual ele veio a institucionalizar-se? Não serão a estrutura, a história e as tendências, tantas vezes colidentes, das instituições soviéticas(neste caso, as editoriais) aquilo que o leitor português menos conhece?

Lembro-me de que nos anos de 30 António Sérgio profetizava que as palavras «planificação» ou «planeamento», estão tão difíceis de articular, seriam mais tarde reclamadas por qualquer dirigente político. Que se terá ganho em ignorar tanto tempo os problemas de uma economia planeada? Que ganharão os adversários do sistema soviético em ignorar os problemas que a U. R. S. S. globalmente resolveu no campo da escolaridade geral e permanente? Pois eles não serão também os nossos?

De que serve atirar-me à cara certas coisas tão ditas e reditas, e de facto lamentáveis se verdadeiras, mas que não estou em condições de averiguar e muito menos de impedir, quando responsabilidades directas já não me faltam, e, declaradamente, me limitei a traçar certos lineamentos, esses meus conhecidos, da vida editorial soviética? E evidente que o próximo congresso internacional de psiquiatria, a realizar na U. R. S. S., no Verão, poderá esclarecer muito melhor essa questão de reclusos em asilos do que três escritores portugueses. Mas estes podem muito bem aperceber-se dos problemas inerentes ao sistema, que expus e resumirei, contrastivamente, a seguir.

De um lado, cá no Ocidente, um conjunto de editoras que, fundamentalmente, assentam na reprodução do capital investido, tendendo, como todo o sistema, para a redução do próprio espaço correncial para uma integração crescente de empresas de impressão, edição, distribuição, publicidade gráfica e audiovisual, e, além disso, para a integração mais ampla desse mesmo sistema e sua autodefesa. Por outro lado, editores ligados a organismos, ou (e em vários escalões) do Estado, ou de certos corpos sociais (sindicatos, cooperativas, associações vocacionais e religiosas, estas não sei a partir de que ordem de grandeza, etc.) que assentam fundamentalmente na satisfação planeada de certas necessidades (cuja determinação e ordem prioritária, evidentemente, levantam problemas), subsistindo o mercado como factor de racionalização dos custos de produção através dos valores de uso racionados a dinheiro. Paralelamente, os escritores associam-se em uniões de vários âmbitos geográficos, e, em vez de, fundamentalmente, apresentarem aos editores e oferta individual da sua capacidade de trabalho em troca de um contrato de tipo variável, relacionam-se com eles em termos de contratualidade colectiva, especificando-se com eles em termos de contratualidade colectiva, especificando-se uma percentegem, relativamente elevada, para custear as garantias e serviços sociais de qualquer sindicato e ainda o tirocínio e profissionalização de novos membros, a propaganda da literatura num conjunto de círculos globalmente massivos,de localização escolar, sindical, local, livreira, bibliotecária, etc.

A prova da adequação deste modelo à realidade, de uma razoável determinação da sua lógica interna, com todas as suas vantagens e com todos os seus riscos, quer de ordem socialista genérica, quer advenientes das condições especiais da história soviética, é que o José Augusto Seabrá não contesta o modelo e, mais ainda, atribui a qualquer **leitor perspicaz** a capacidade de, a partir dele, raciocinar só por si, a partir daquele ponto onde o articulista confessa a impossibilidade de ajuizar dessa engrenagem sem a experiência concreta de vivê-la; e então o José Augusto Seabra vem lançar o seu próprio juízo, forte de uma experiência cerca de quinze vezes mais longa em termos de uma estadia na U. R. S. S. de oito anos antes.

José Augusto Seabra recusa-me a possibilidade de me ter apercebido de um ritmo de maturação da opinião pública (neste caso literária) a uma escala históricamente desconhecida, exige-me nomes, lugares, circunstâncias, mas ele próprio admite tal maturação, sem (evidentemente) dar nomes, lugares, circunstâncias, e sugere que tal coisa só se poderia ter dado ao arrepio da própria política dominante de orientação editorial. Ora não há dúvida de que o melhor gosto e as concepções mais originais surgem sempre em oposição às dominantes, mas parece-me que isso não poderia constituir nada de considerável se não interviessem factos como a extensão progressiva da escolaridade, agora pelo menos decenal, e de uma actividade editorial que, em termos quantitativos, se cifra na mais alta capitação mundial de exemplares publicados ou disponíveis em bibliotecas públicas, excluindo, é certo, alguns autores de que o José Augusto Seabra e eu mais gostamos, mas incluindo **grosso modo** todos os principais **clássicos** antigos e modernos.

Refere-se ao facto de uma edição incompleta de Dostoiévsqui se ter esgotado, ao passo que **milhões** de obras medíocres se amontoarem por vender. A minha informação de origem oficial é que em 1967 se tinha publicado uma edição de **Obras Completas** desse autor em dez volumes a cem mil exemplares, o que, reconheçamos, é muito pouco, pois Leão Tolstói estava já então publicado a 118 milhões e Púsquine a 11 milhões, por exemplo; mas o que aqui faz ao seu caso é que o público parece reconhecer a mediocridade.

Trata-se aliás de caso particular de um fenómeno mais vasto: a inadequação do sistema estaliniano de planificação aos valores reais de uso numa sociedade cujas exigências de toda a ordem (e inclusivamente políticas e estéticas) se qualificam. Ora nos meus artigos eu refiro (e, como esclareço, por informações particulares) a maneira como isso tende a generalizar a literatura um fenómeno que os factores objectivos mais directamente impuseram em domínio técnico-científico: a experiência paralela de modelos concorrentes, extraordinàriamente complexos, de validade apenas verificável a longo prazo, e que entretanto mobilizam o trabalho, não de investigadores individuais, mas de escolas de investigadores dotados de responsabilidade colectiva.

Bem sei que isso não se está a dar de um modo mecânico, calculo os sacrifícios que custa, e por isso mesmo tentei, de acordo com os dados disponíveis, esboçar um esquema de desenvolvimentos possíveis para as tensões existentes.

Haverá, por exemplo, quem considere mais provável, e até preferível, que os editores soviéticos venham a transformar-se em entidades empresariais, caso especial de uma certa espécie de capitalismo, com empresas teóricamente auto-administradas pelo pessoal, racionalizadas em função de uma concorrência mercantil, sujeitas a falência, com uma reserva de desempregados a regular a mão-de-obra e dependentes de uma banca não-estatal de crédito comercial, de acordo com o modelo de Oto Xic que eu conheço de textos onde ele resume os seus actuais cursos universitários. Esse modelo não traz grande novidade, e bastaria converter cada trabalhador em accionista proporcionalmente aos seus ganhos, e depois generalizar as acções sob a forma do **capitalismo popular** de decisão concentrada em conselhos de administração, para ainda melhor o conhecermos. Seria essa uma das possibilidades de transformação, certamente dramática, do sistema soviético, se o P. C. U. S., corpo infelizmente único de decisão política organizada, com os seus 15 milhões de membros, não encontrasse, oportunamente, uma saída para os seus actuais problemas.

Caso eu não apresentasse este problema do maior interesse, e conexo a muitos outros, evadir-me-ia à questão mais importante, julgo eu, das perspectivas históricas para a sociedade soviética, mistificaria estas duas coisas tão difíceis de ligar, mas também de separar, que são o socialismo e a democracia.

Com que direito, e sobretudo com que alcance, poderá inferir-se estar eu interessado na **importação** de tudo aquilo que, na U. R. S. S., e depois, e com variantes, nos países onde os seus exércitos correram com o nazismo, resulta de determinadas condições bem conhecidas? Será para me forçar à condenação de certos males, isolando-os da teia geral onde eles se inserem? Para que eu, a tremer de medo, corra a pôr o Vietname, a Checoslováquia e o Biafra, tudo junto, no mesmo saco, sem integrar, graduar, historiar? Há na história da U. R. S. S. muitas coisas que evidentemente repugnam a qualquer consciência bem formada, mas julgo que elas se sentem bem mais sinceramente quando situadas num drama bastante mais vasto: o de umas 120 nacionalidades que, apesar disso tudo, se não encontram no mesmo pé de relações que prevalecem entre quase todas as Américas; o de um povo de 240 milhões que, partindo há meio século da maior miséria, e depois de ter sofrido a maior devastação bélica de que há memória, atingiu alguns altos padrões da escolaridade, salubridade, garantias económicas individuais e familiares.

Donde espera o José Augusto Seabra (que é que espera) a superação dos males que lamenta? Eu espero-a precisamente de tudo aquilo que o sistema fez de positivo, independentemente do bom ou mau carácter dos dirigentes, e julgo que os adversários farão mal em ignorá-lo, para de repente acordarem, desprevenidos, na frente de um qualquer **sputnic.** E através de que vias? Nada se faz sem sacrifício, por certo, mas espero em todo o caso que muito menor que o dos últimos 55 anos. E em que enquadramento? Peloque aqui vem a propósito, acho que não são nada de rejeitar as associações de escritores, com os meios materiais de que dispõem, com a sua presença em todos os meios, escolas, sindicatos, cooperativas, etc., onde se possa fomentar o diálogo directo autor-público e a promoção de futuros autores. E no entanto sei por experiência como esse diálogo é difícil, na arte ainda mais do que no resto.

Quanto ás dificuldades de uma dialéctica, ou se, preferir, pluralismo em matéria de decisões de conselho

editorial, suponho que a nenhum leitor interessado passou despercebida a gravidade dos problemas que levantei, sem aquela franja de evocações que o meu amigo julgou necessário acrescentar e que imediatamente estimulam reacções imediatas de tipo gregário e maniqueista. Há que ter consciência de um problema que não é só da U. R. S. S., e por isso a todos interessa na sua maior objectividade: ou as editoras soviéticas se convertem em capitalistas, ou então aquela dialéctica que, a partir de certo nível, e mesmo em matéria de gosto e de filosofia, se está tornando tão irrecusável como nas ciências apenas, ao que vejo, poderá tomar uma forma, dada a concentração crescente de meios: automação, foto-impressão, associação crescente às gravações audiovisuais, rentabilidade relativa cada vez maior da grande tiragem, da coedição em várias línguas, etc.. Essa forma não pode ser a auto-edição artesenal, ou **samizdat**, mas a participação como que permanente e plebiscitária, junto da máquina editorial, de círculos de opinião literária em contacto com as associações de escritores. É um processo lento e dramático, mas não vejo outro jeito, dentro da lógica do sistema, que não é evidentemente tão simples como a dos círculos patrícios de Plínio o Moço, a das cortes senhoriais, a da burguesia romântica. De qualquer modo, ainda bem que obras medíocres se não vendem, e ainda mal que Dostoiévsqui é só editado a cem mil exemplares, um exemplar apenas para cada duas mil e quatrocentas pessoas, contra um exemplar de Tolsti para cada duas pessoas isto em 1967.

Repare, entretanto, que se a recusa de assumir os riscos de editar um livro em patamares de decisão como o conselho de leitura editorial, ou o seu conselho administrativo, equivale a um acto de censura, então lá se vão algumas das vantagens relativas que substituem em certas economias de mercado ocidentais, quando comparadas com o sistema soviético. Por outro lado, há um luzeiro de esperança no facto de as acusações mais graves que o meu amigo transcreve acerca da União dos Escritores Soviéticos, devidas à pena de André Voznessénsqui, terem saído, a sete milhões de exemplares, na **Pravda.**

E insisto: a sua pendência com uma editora soviética confirma a urgência de uma convenção bilateral luso-soviética, destinada a garantir o **copy-right** e a genuidade do texto traduzido ou antologizado. O interesse dos autores soviéticos não é menor, como calcula. Se o contrato lhe assegurava toda a responsabilidade de escolha, tem toda a razão para se indignar, independentemente da questão do pagamento, em que os seus direitos foram respeitados e fruídos, qualquer que seja a explicação possível para o facto. Caso contrário, estamos perante um caso particularmente agudo, mas geral: alguns dos mencionados poetas que ambos mais admiramos não merecem o mesmo apreço por parte de certos críticos e editores estrangeiros.

Meu caro amigo, atribuo onze anos de ausência involuntária e ressentimentos, talvez em grande medida justificados, certos infelizes termos com que se me dirige em carta aberta. Mas se há, vai para dezasseis ou dezoito anos, o culto de certos valores nos comoveu em comum, espero que ele continue a ligar-nos. Porque duas pessoas podem discordar fundamentalmente, podem até magoar-se, sem perder aquela estima que ajuda a erguer-nos uns aos outros.

OSCAR LOPES

A propósito de um texto de Eduardo Prado Coelho

A publicação deste texto não pôde ser feita integralmente no «Suplemento» de 25 de Janeiro, com prejuízo do seu entendimento. Repetimo-lo agora, desta vez na íntegra, juntando já a resposta, entretanto recebida, de Eduardo Prado Coelho. Deste modo, os nossos leitores ficam de posse das peças completas do diálogo.

IDEOLOGIA, RUPTURA

»Toda a divergência nos conceitos do homem deve ser considerada como reflexo duma contradição objectiva. As contradições objectivas, ao reflectirem-se no pensamento subjectivo, formam o movimento dos opostos nos conceitos, promovem o desenvolvimento do pensamento e resolvem incessantemente os problemas do pensamento humano.»

NOTA PRELIMINAR

Um texto de Eduardo Prado Coelho («A Crítica Materialista», Diário de Lisboa 11-1-73) ergue um certo número de questões que, assumindo-se frontalmente como resposta-sintoma a uma prática crítica onde, insistentemente, o materialismo vem sendo proposto como doutrina de comando (e combate), se acaba distribuindo segundo uma dupla forma: por um lado surge criticado um trabalho de tipo colectivo, de grupo, que com os nomes de Vitor Ramos, Carlos Luís Bravo, Francisco Soeiro e Jorge Tavares assinou dois textos no suplemento «Artes e Letras» do «República» («Sobre a Estratégia da Aranha» e «Sobre Alexande Nevski»); por outro lado interroga-se o trabalho individual de um dos componentes que, nas mesmas páginas do «República» tem, igualmente, intentado um trabalho materialista (se reclamando do) a aplicar (também) ao campo do cinema.

Esse texto, assim como toda a prática crítica de Prado Coelho, parece, por seu lado, vir reclamar-se dum verdadeiro materialismo oposto àquilo que mais não seria do que um «Revisionismo Sectário», «Idealista» e «Deliquente».

Parece-nos, pois, necessário proceder sucessivamente (texto 1, texto 2) a uma demarcação que reponha nos seus devidos lugares dois tipos de discurso, hoje e aqui, em contradição.

TEXTO 1

IDEOLOGIA, CINEMA, DE NEGAÇÃO

Podemos começar por qualquer parte. Por exemplo: Eduardo Prado Coelho afirma uma «especificidade não-ideológica e não-científica do discurso crítico. E continua: o discurso científico «fez-se em nome de uma Verdade neutra»; o discurso ideológico, «em nome duma Verdade de classe».

E a primeira (deliciosa) conclusão surge, claríssima: um crítico que se afirma materialista (que recentemente afirmava: «Crítica» n.º 9 Julho 1972) vem-nos, orgulhosamente, afirmar um discurso, exemplarmente, não-científico e não-ideológico. Ora a posição estratégica deste enunciado não pode ser entendida doutro modo: por um lado salvaguarda-se dum espaço (ambíguo) de neutralidade — o discurso científico seria neutro, isto é, ausente da instância ideológica: o discurso crítico de Prado Coelho não seria, pois, inocente, estava conscientemente assumido nas suas implicações e como tal seria um discurso claramente responsável. Salva a sua (comprometedora sem dúvida) inocência, um passo em frente estava dado no sentido duma progressiva incursão na instância ideológica. Mas um passo em frente dois passos atrás. O seu discurso crítico além de não-científico (o que seria dizer «não-neutro). Seria também não-ideológico (o que seria dizer «neutro). Suprema contradição! Mas tratar-se-á de facto, duma contradição real ou apenas uma contradição aparente postiça? Uma leitura mais atenta do texto-polémica de Prado Coelho apaga qualquer dúvida. O texto e o seu autor são, neste ponto, exemplarmente coerentes. Sistematizemos estas questões para melhor as compreendermos.

. . . . Comecemos do seguinte modo: seria certamente incorrecto afirmar, por exemplo, que o texto de Prado Coelho é um texto **errado.** Prado Coelho não comete **erros,** simplesmente assim, considerados de modo abstracto. Na ausência duma delimitação prévia da problemática teórica que suporta o texto (ou de uma **zona ideológica)** qualquer aproximação feita em termos de verda-

Continua na pag nove

RESPOSTA 1

Regressado dum percurso onde o cinema não ocupava a instância dominante, depara-se-me um conjunto de dois textos reunidos sob a designação de «Ideologia, ruptura», com a assinatura de Vítor Ramos num e as de Francisco Soeiro, Carlos Luís Bravo, Vítor Ramos e Jorge Tavares noutro

O «texto 2» interessa-me relativamente pouco, dado o tom algo mágico e não pensado da linguagem utilizada, com valor teórico pràticamente nulo. Resta, talvez, uma alusão confusa às teses de Guattari sobre grupo, fantasma de grupo e sujeito — mas isso desviar-nos-ia, por agora, da questão essencial. Passo, evidentemente, por cima da compatibilidade que possa existir, ou não, entre o conceito de «différance» colhido em Derrida e a noção de verdade ideológica de classe orgulhosamente patenteada. Porque a verdade, notaremos adiante, não é dos conceitos que resistem melhor à crítica ao logocentrismo empreendida por Derrida. Mas a citação da obra deste faz bom efeito, mesmo se... em falso.

O «texto 1» de Vítor Ramos parece-me francamente mais sugestivo, e levanta, na verdade (?), múltiplos problemas, não pròpriamente relativos ao cinema, mas a questões político-filosófico-ideológicas mais gerais. Ele corresponde, nas suas linhas gerais, à afirmação convicta e inteligente das teses de **Cinéthique-11-12.** Pela minha parte, ser-me-ia particularmente prático remeter para a resposta a este texto que **Tel Quel** elaborou no seu número 48/49, com o título de «Le dogmatisme à la rescousse du révisionnisme», e encimada pela seguinte declaração: «O verdadeiro e o falso em arte e em ciência é uma questão que deve ser resolvida pela livre discussão nos meios artísticos e científicos, pela prática da arte e da ciência e não por métodos simplistas. Para determinar o que é justo e o que é errado, a prova do tempo é muitas vezes necessária» — frase que pertence a Mao Tsé-Tung.

Haverá certamente outras ocasiões para diálogo. Aproveitemos no entanto o facto de a semana cinematográfica não ter sido particularmente cheia (**Malpertuis** é pura e simplesmente intragável, e os vinte minutos que vi chegaram amplamente para fundamentar esta opinião; **Rendez-vous à Bray** propõe questões curiosas sobre o fantástico, a memória e o espaço, mas temos tempo para as desenvolver; e há apenas — o que nem é pouco — a obra-prima de Orson Welles, **O 4.º Mandamento**...) para indicar alguns tópicos relativos a uma discussão aprofundada sobre os problemas formulados por Vítor Ramos em «Texto 1»:

. A — Inesperadamente, toda a questão centrou-se em torno da Verdade. Manobra tàcticamente exemplar, porque ela permitia a Vítor Ramos esta afirmação espectacular: «Prado Coelho não comete erros» e «Prado Coelho diz grandes verdades idealistas, mas comete fortes erros materialistas».

Deste modo, as coisas dispunham-se claramente; tudo o que eu tenha dito pode ser verdade (e Vítor Ramos não o nega), mas é verdade **numa base idealista**; o que implica que essa mesma verdade corresponde a erro **numa base materialista**. Salto perigoso, porque pressupõe que o erro idealista é a verdade materialista, e o inverso.

O que me leva a perguntar: «Eu só me posso preocupar com a afirmação de que as minhas verdades, embora verdades, são idealistas, se estiver convencido de que o materialismo é que é a verdade e o idealismo o erro, não será assim?» Ora bem, que critério me permite saber que o materialismo é a verdade e o idealismo erro, se toda a verdade é forçosamente produzida no campo materialista ou no campo idealista? Necessàriamente, um critério de classe: o materialismo, verdade do proletariado, classe portadora da verdade da história. Mas aqui surge outra interrogação: como sei eu que o proletariado é a classe portadora da verdade da história? Por uma análise científica? Mas, nesse caso, como aceitá-lo, se toda a ciência encontra o seu lugar na instância ideológica? Ou por uma análise ética? Curiosamente, terá de ser num fundamento idealista (o proletariado como classe explorada incarnando o sentido da história e a verdade da filosofia) que se irá buscar a base dum critério de classe. E nesse caso, a afirmação de Vítor Ramos sobre as minhas verdades idealistas e os meus erros materialistas teria sido brilhantemente precedida por um juízo moral de Sartre relativo aos dirigentes do proletariado francês: «Ils ont raison d'avoir tort, et nous avons tort d'avoir raison». São labirínticos os caminhos da ideologia — como os da floresta.

Mas já que estamos em domínio de intenções, desejaria que Vítor Ramos me poupasse a violência (excessiva) de frases como esta: «aqueles que só se dizem no materialismo para melhor o combaterem». Porque talvez nem seja verdade.

B — A noção de verdade tem a sua história no campo da filosofia. Há a tradição que nos diz que a verdade é **adaequatio**, isto é, ajustamento dum juízo a um objecto. Há, na metafísica do sujeito (de Descartes a Husserl), a verdade como certeza do **cogito**. Há também, na linha de Heidegger, a verdade como presença que se descobre e se não demonstra, como **aletheia**. Há a tomada de posição de Lacan que implica a verdade no fluir da linguagem através duma dupla proposta: não se pode dizer a verdade da verdade (não é possível a metalinguagem); a verdade fundamenta-se em que ela fala: «Moi, la vérité, je parle...». E daí a proclamação que **Change** inscreve na brancura duma página: «Espantar-se-ão talvez que eu passe por cima deste tabu filosófivo que cai sobre a noção de verdade na epistemologia científica desde que se difundiram as teses esepculativas ditas pragmáticas. É que verão que a questão da verdade condiciona na sua essência o fenómeno da loucura, e que, querendo evitá-la, castra-se este fenómeno na sua significação através da qual penso mostrar que èle se relaciona com o próprio ser do homem.»

. Na conjuntura cultural onde todos nós nos situamos, a discussão sobre a verdade abriu-se em várias direcções: Lacan e J. A. Miller reivindicavam a noção da verdade relacionada com uma lógica do significante e a forclusão do sujeito, de forma a supor um «discurso da universidade» (**Scilicet**, n.º 2); Althusser e Badiou rejeitavam a verdade em nome do discurso científico; Derrida rejeitava a verdade como conceito metafísico resultante do processo logocêntrico.

É aqui que uma rectificação se impõe. Quando Vítor Ramos escreve que «para Althusser, o discurso científico representaria o discurso verdadeiro, a ciência seria o reflexo justo de uma verdade» — isto é pura e simplesmente um disparate, que resulta dum desconhecimento efectivo do trabalho de Althusser. A simples e fecunda leitura da participação de Althusser no volume I de **Lire le Capital** provaria a Vítor Ramos a sua impreparação neste ponto: Althusser rejeita toda a problemática idealista do conhecimento que o procura definir como uma relação com o Verdade; e transfere a questão para outra forma: através de que mecanismo de produção do objecto de conhecimento se produz a apropriação cognifiva do objecto real?; e afirma o conhecimento, não como adequação, mas como produção; e diz (p. 75 da 1.ª edição): «a prática teórica é em si mesma o seu próprio critério, contém em si protocolos definidos de validação da qualidade do seu produto, isto é, os critérios de cientificidade dos produtos da prática científica»; e declara que o discurso científico não é reflexo da verdade, mas cim produtor de efeitos de conhecimento: «o efeito de conhecimento é produzido como efeito do discurso científico, que só existe como discurso **do** sistema, isto é, do objecto tomado na estrutura da sua constituição complexa» (p. 87), e sugere a existência de «efeitos estéticos, efeitos ideológicos» a par dos efeitos de conhecimento (p. 88).

Donde: Vítor Ramos neste ponto não tem qualquer razão. Nem quando diz: «P. C. toma esta ideia de um discurso científico num sistema que o opõe a um discurso ideológico (retorno a Althusser: ciência/ideologia) para que, simulando recusar também este último, procurar refúgio numa zona intermédia, sublime dimensão da «a-verdadeiro» — essa grande abstracção idealista!» Leitura um pouco mais cuidada levaria Vítor Ramos a ver que essa «zona intermédia» que seria o «estético» não é postulada por mim para ultrapassar Althusser, mas que ela existe já claramente designada em Althusser («efeito estético»).

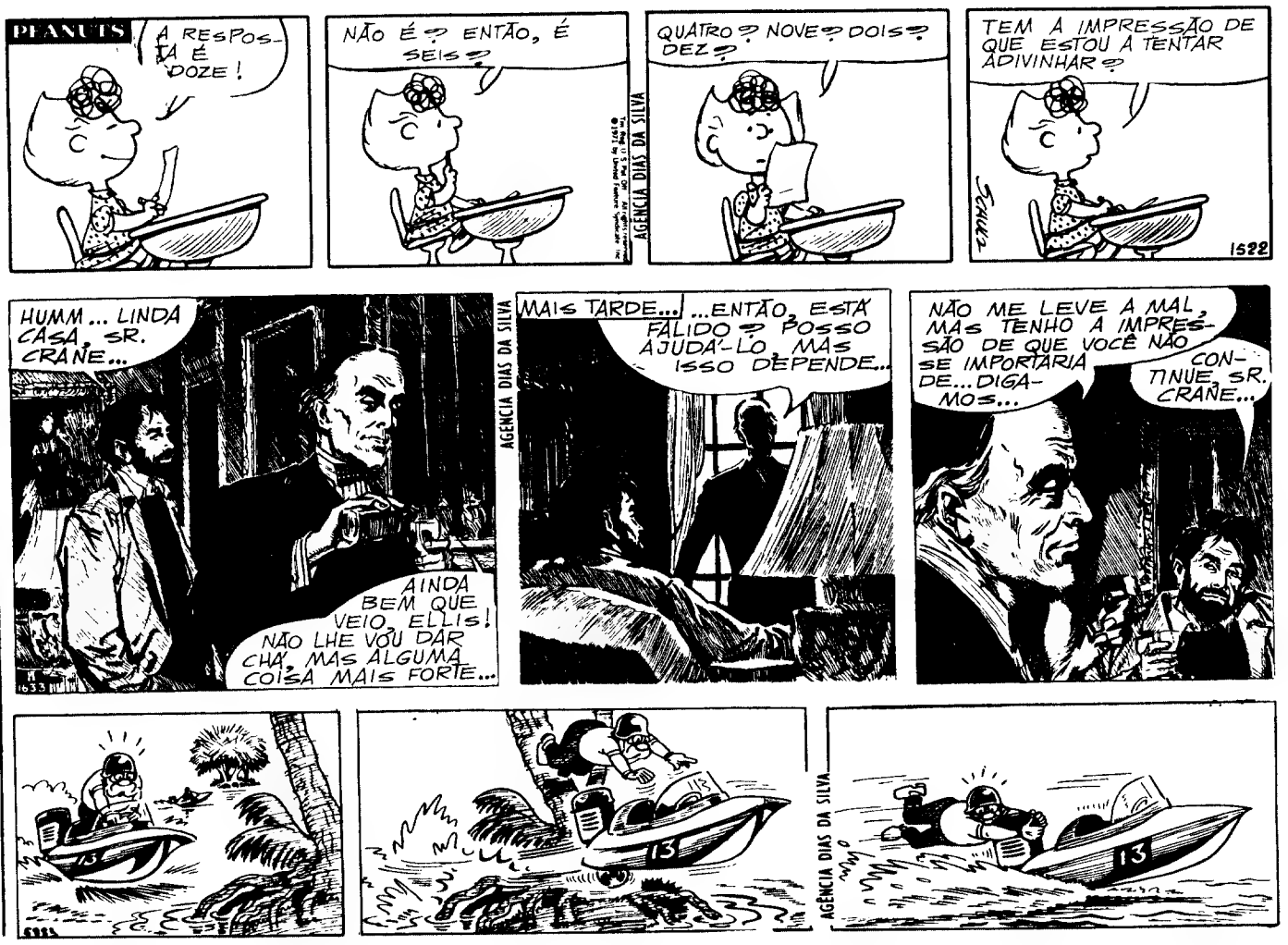
Aliás, no diálogo travado em torno da conferência «Lenine e a filosofia» e reproduzido no **Bulletin de la Société française de philosóhie**, Althusser rebate Faye (que, em **Change**-1 tinha falado na montagem e na produção do «verdadeiro») por diversas vezes: «a categoria de verdade não é pertinente para a filosofia», «a ciência deve desconfiar da noção de verdade», e «a noção de verdade é uma noção ideológica».

De tudo isto pouco se conclui por agora. Porque a discussão, para ser séria, terá de ser longa. Quero apenas notar que, para discutir, convém conhecer os textos em primeira mão, e não apenas os resumos por vezes obnubilados da **Cinéthique**. De qualquer modo, temos ainda uma terceira letra:

. C — E aqui a letra quer dizer sòmente: «Continuaremos». À letra.

EDUARDO PRADO COELHO

«Imagens de Portugal» é o tema da colecção de fotografias, que a americana Linda Jones apresenta ao público a partir de hoje, no Centro Cultural Americano. Linda, esposa do jogador de basquetebol Kit Jones, do Sporting, tem estudado fotografia em várias escolas internacionais e participado em diversas exposições portuguesas. Nas colunas do «Diário de Lisboa» já apresentamos diversos trabalhos seus.



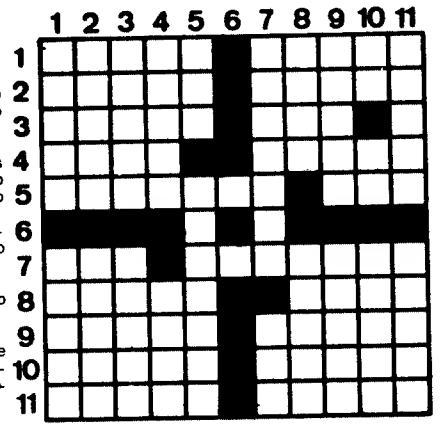
Passatempos

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10335

HORIZONTAIS

1 Revolta. Sugas o leite materno.
2 Dai urros. Converto.
3 Asteróide descoberto em 1949 pelo observatório do monte Wilson. Rata.
4 Copo. Gruta.
5 Rezassem. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
7 Povo antrrpófago que atingiu o Gabão pelo meado do século XIX. Lanche.
8 Estimada. Mais mal.
9 Espécie de nenufar branco do Egípto (pl). Escavar.
10 Içais. Afia.
11 Astrónomo irlandês que destruiu a teoria da condensação de Herschel. Adicionar.



VERTICAIS

1 Em excesso. Declarar.
2 Avaliar. Afio.
3 Descreve. Diabos.
4 Palmeiras da Amazónia. Numeral.
5 Voz do gato. Reunisse.
7 Mirante que deita para o mar. Ruins.
8 Deus egípcio do Sol. Heróico.
9 Em grande quantidade. Acalentem.
10 Antigo Testamento. Zomba. Fizera doação de.
11 Tempo do verbo ser. Vaguear.

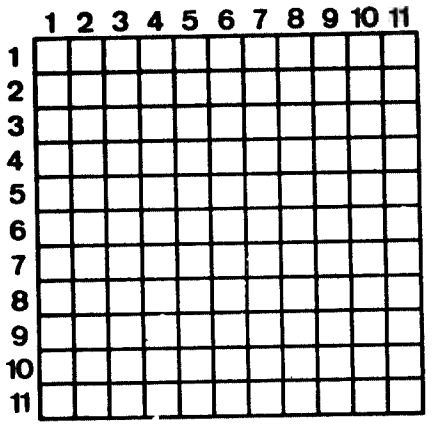
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6491

HORIZONTAIS

1 Sumptuosa. Africanos.
2 Ruído. Ruim.
3 Despida. Ave da família dos táridas. Preposição e artigo definido (pl).
4 Cálcio (s.q). Freguesia do concelho de Figueiró dos Vinhos. Abreviatura de Santíssimo.
5 Aguçava.
6 Rio da China. Demónio.
7 Descubriu (pop). Cidade da Finlândia. Arara.
8 Apre! Ver-se em apuros (fig Bras)
9 Boato (fig). Sentinela.
10 Sujeitara.
11 Grande ribeira da Ásia Russa. Conto. O lado do vento.



VERTICAIS

1 Oferta de preço em leilão. Folha de ferro estanhada.
2 O mesmo que uma (ant e pop). Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
3 Emprega. Amuralhar.
4 Porco. Mulher chinesa da classe baixa. Paraíso terreal.
5 Poisara no mar (o avião). Nome de mulher.
6 Possuir Bismuto (s.q). Doutor.
7 Diz-se do indivíduo que vive em mancebia. Ler.
8 Nota musical. Rio de Portugal. Freguesia do concelho de Barcelos.
9 Correnteza. Sente desgosto (fig).
10 Artigo definido. Rezar.
11 Grande árvore da Núbia, espécie de mimosa. Charrua.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10334

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Chama. Mofas	1 Cheiro. Unam
2 Harém. Aromo	2 Há. CASA. Era
3 Cua. Rir	3 Arcas. Nata
4 Iças. Atar	4 Meus. Matadi
5 Ras. Boa. Era	5 Ama. Bolos
6 Os. MORTE. Ms	6 For
7 Anal. Impa	7 Mar. Atina.
8 Ato. NÃO.	8 Oriá. Emaçar
9 Netas. Acres	9 FORTE. Porte.
10 Arad. Atiá	10 Am. Arma. Eia!
11 Má. Ia. Arear	11 Soaras. Usar.

PROVÉRBIO À MORTE, NÃO HA CASA FORTE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6490

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Acama. Arnal	1 Aspas. Saras
2 Sa. Ovais. Bo	2 Cairia. Nico
3 Pia. Cru	3 Amada. Mor
4 Arma. Trás	4 Mo. Avista
5 Siava. Brasa	5 Avô. Asia. Pé
6 Adis. Rata	6 Coa
7 Asi. Omo	7 Aia. Broa. Om
8 An. Tacão. Cu	8 Rs. Tramou
9 Rima. Ugar	9 Crato. Gás
10 Aço. Pão. Air	10 Abrasa. Cais
11 Sorte. Mossa	11 Lousa. Surra

Topin

IDEOLOGIA, RUPTURA

Continuação da pagina sete

de/erro só nos conduz a falsas vias. Omitindo a formação ideológica em que o texto se move tal oposição perde toda a sua base concreta. Por exemplo: Prado Coelho diz grandes **verdades idealistas** mas comete fortes **erros materialistas.** Vejamos como, e aonde isto nos conduz.

....Podemos sem receio afirmar que todo o texto de Prado Coelho roda em torno de uma questão fulcral: saber-se que qualquer discurso é o discurso duma verdade enquanto, desesperadamente, se procura uma outra instância, indefenida, ambígua, não-nomeada, que justifica ou possa justificar o recurso vão a um discurso «a-verdadeiro» isto é que supere __ palavras de Prado Coelho __ os «Critérios idealistas duma Verdade à qual confrontar os filmes».

....Esta problemática (confusa) da «Verdade», problemática aparente vamos já vê-lo (repare-se, para já, como esta maiúscula, utilizada por Prado Coelho, denota algo de estranho, impossível, imaginário), inscreve-se, como todo o texto, num processo particularíssimo de **denegação** do político e, secundàriamente, de denegação do **sujeito** (sujeito igual a posição e **atitudes** de classe). Façamos um breve retorno para apanharmos o problema pela raíz.

....Quando se afirma que o discurso científico se faz em nome de uma «Verdade neutra» pressupõe-se, num ápice, um discurso desligado da prática político-ideológica; a Ciência instituir-se-ia, então, pela súbita «exclusão do sujeito»; era esse corpo pleno, autónomo, universal, neutro e impessoal que todos os místico-idealistas tão convulsivamente propagandeiam. Ora todo o leitor atento sabe que não há discurso, seja ele marcado pelos traços de cientificidade, que na instância ideológica não encontre o seu lugar.

....Prado Coelho toma esta ideia de um discurso científico (que aliás recusa porque acreditando numa semiologia do cinema não acredita __ e aqui terá certamente razão __ numa semiologia do filme) num sistema que o opõe a um discurso ideológico (retorno a Althusser: ciência/ideologia) para que, simulando recusar também este último, procurar refúgio numa zona intermédia, sublime dimensão do «a-verdadeiro» __ essa grande abstracção idealista!

Para que estas questões não surjam no vácuo não é desnecessário proceder agora a uma breve indicação do espaço teórico em que elas se inscrevem.

No decurso duma série de tentativas de elaboração coerente duma **teoria das ideologias,** elaboração essa ausente como estrutura teórica específica nos trabalhos dos clássicos materialistas, iniciada posteriormente em textos de Gramsci, Althusser e TH. Herbert, por exemplo, depara-se com uma dupla questão: por um lado essa elaboração (ainda em curso) atinge uma etapa concludentemente produtiva com a introdução do conceito de **Aparelho Ideológico de Estado** (de que o cinema constituiria uma malha) e da função da ideologia como **cimento social** (e aqui não podemos mais do que remeter os leitores aos trabalhos originais); por outro lado esse percurso teórico atinge um grave impasse, hoje ultrapassável (cf, por exemplo, «Cináthique» 11/12 pág. 44-45), com o paradigma althusseriano de ciência oposta à ideologia. Para Althusser o discurso científico representaria o discurso verdadeiro, a ciência seria o reflexo justo de uma verdade, enquanto o discurso ideológico representaria o discurso falso e a ideologia um processo de falso conhecimento um reflexo invertido do real. Curiosamente, numa sociedade dividida, bipolar, a ideologia estava tratada no singular e era geralmente associada ao idealismo e à burguesia, enquanto que a ciência era quase autonomizada da prática social e política e estava associada ao materialismo e ao proletariado (estas teses encontram-se particularmente rerandidas pelo grupo «tel quel»).

Prado Coelho longe de procurar desenvolver esta problemática produtivamente (crítica /transformação) renega, num só gesto, todo o avanço que a teoria das ideologias vem fornecendo à ofensiva materialista (conservemos, por precaução, esta ambiguidade no campo das superstruturas, no campo geral das práticas artísticas e, especìficamente, no campo do cinema. O refúgio num hipotético discurso superando «os critérios idealistas da Verdade» já não pode passar por ingénuo. E, pelo contrário, o apanágio insolente de todos aqueles que só se dizem no materialismo para melhor o combaterem.

A ideologia tem então todas as possibilidades de passar por um **fantasma,** uma **obsessão,** um **fanatismo sectário** («cada vez mais desagrada no trabalho de Vítor Ramos que a análise seja substituída pela denúncia») o que tem como efeito maior pôr um traço pejorativo sobre o inconsciente e sobre a tomada de posição que, entre outros aspectos, caracteriza a ideologia. A defesa intransigente duma verdade de classe é acusada de revisionismo e idealismo: «a crítica idealista (Vítor Ramos incluído) pretende toda ela aferir a arte pela Verdade».

Ora existe uma coisa que precisamos de não duvidar: é que qualquer mística pretensão de afastar dum discurso crítico o seu carácter ideológico não passa de puro paleio idealista. O discurso crítico (e em especial o discurso «jornalístico») é um discurso ideológico que reflecte, quase na sua generalidade, as aspirações nevróticas da pequena-burguesia. Negar a determinação fortemente ideológica do discurso crítico (metalingúístico, metaideológico) é também negar as práticas significantes (1) (o cinema, por exemplo) como veículo e aparelho ideológico de classe.

Mas Prado Coelho parece querer manter-se alheio à designação do cinema como **aparelho ideológico** que visivelmente lhe castra uma mística-religiosa (dimensão do prazer) (e que ele vai talvez buscar a uma leitura unilateral do «petit organon» do Brechtt ou ao Barthes de «Sade, Fourier, Loyola». E que fornece o pretexto para a inscrição da política e do ideológico num sistema particular de **denegação** (figura maior do texto de Prado Coelho): «...alargando a sensibilidade, **para além** do ideológico, **sem esquecer** o ideológico, **sem esquecer** o ideológico-político...» (sou eu que sublinho); isto é: eu sei bem que o cinema não está desligado da política, não o esqueço, mas de qualquer modo quero esquecê-lo e vou alargar a minha sensibilidade para além desse aspecto que me incomoda, que me castra; desesperado (de) nego-o, mas permaneço ligado a ele («sabemos que a lógica fétichista, a **Verleugnung,** a denegação, pode resumir-se na fórmula: eu sei bem...mas mesmo assim» Pascal Bonitzer).

O que Prado Coelho procura ao querer superar os «critérios idealistas da verdade» é, subrepticiamente, de negar no seu discurso crítico a posição de classe que ele, forçosamente, representa. Ora o discurso crítico não pode, como tal, como discurso ideológico, deixar de reflectir uma verdade (que não é uma verdade abstracta mas uma verdade de classe!). E a ideologia enquanto expressão dos interesses duma classe não é falsa, não é errada; não pode ser entendida senão como a **sua** verdade, a sua verdade de classe. E, todo aquele que se afirme afastado de qualquer critério de verdade (caso de Prado Coelho) reflecte, evidentemente, a verdade da classe dominante.

Um último ponto tomando por exégose um extrato dum texto de Barthes (onde se diz que não há hoje qualquer lugar de linguagem exterior à ideologia burguesa e que a única reacção possível não é nem o arrombamento nem a destruição mas simplesmente o roubo e a fragmentação) Prado Coelho julga ganhar pontos onde mais se desnorteia (é preciso saber ler Barthes, é preciso saber ler Brecht, é preciso saber ler Arraud...) Renovando o projecto primeiro dos surrealistas (fragmentar a linguagem burguesa) ele não ultrapassa nunca os limites do mais cínico reformismo demissionista (dar outro aspecto à linguagem já que é impossível afastarmo-nos dela) sem que algumas vez consiga pensar em termos revolucionários de confrontamento, oposição e luta.

Ainda a denegação eu sei bem que a linguagem é burguesa, mas mesmo assim...

Terminarei limitando-me a apontar no texto de Prado Coelho cinco erros factuais:

. 1 __ Não «ataquei» **António das Mortes.** limitei-me a apontar a inexistência de textos críticos um mínimo aceitáveis ou que justificassem realmente as suas classificações exaltantes (a começar por Prado Coelho).

2 __ Não «ataquei». **A tomada do Poder por Luis XIV:** limitei-me a apontar os defeitos da análise histórica e os erros do idealismo cinematográfico o que, aliás me parece a função maior dum trabalho materialista.

__ 3 __ Não sujeito __ como se diz em infantil provocação __ cada filme a um certo número de testes progressistas: limito-me a apontar como os filmes são, na estratégia **normativa** de como os filmes deveriam ser se não fossem o que são.

4 __ Não «exaltamos» **Alexandre Nevski, limitámo-nos** a apontar a sua importância ainda hoje, favorecendo a análise de determinados aspectos (tomando-os como principais) relegando outros, sem dúvida não-menosprezáveis, para plano secundário, não-pertinentes tàcticamente (cf infra).

5 __ Não criticámos as obsessões e os fantasmas de **A Estratégia da Aranha:** limitámo-nos a apontar o modo como eles bloqueavam uma análise política produtiva, único aspecto que nos interessa.

Notas:

. (1) Emprego este conceito de **práticas significantes** provisóriamente: é para criticar esta noção e a ideologia positiva que a sustenta; a substituir por **práticas artísticas** o que, lembra que a forma dominante do nosso trabalho, específico é herdado

Continua na pag. dez

Tour Estados Unidos

Tenha um "new look" dos Estados Unidos

MARCA TP-T4-73

num tour de costa a costa!

Uma **viagem acompanhada,**
de LISBOA - ESTADOS UNIDOS - LISBOA,
visitando aquele grande país de costa a costa.
Além das importantes cidades atlânticas de NEW YORK a WASHINGTON, este TOUR inclui ainda a visita às cidades da costa ocidental: LOS ANGELES e S. FRANCISCO, debruçadas sobre o Pacífico; PHOENIX, erguida no verdejante «Vale do Sol»; LAS VEGAS com a sua atraente vida nocturna, e a esmagadora paisagem do GRANDE CANYON, no sudoeste americano.
Os pontos mais característicos e significativos de cada região, serão objecto de visitas dirigidas, para que se possa apreciar os múltiplos aspectos paisagísticos, históricos e urbanísticos dum grande sub-continente.

De 15 a 26 de Março – todo este panorama dos ESTADOS UNIDOS – numa surpreendente viagem por Esc. 23 200$00, de Lisboa, inclui instalações em excelentes hotéis e a economia e comodidade do pequeno almoço e jantar no respectivo hotel ou restaurante.

viaje na sua companhia

ESTA É A SUA OPORTUNIDADE.
NÃO ADIE.
Reserve já a sua viagem. Viajará na ida e na volta a bordo do 747-B.
Procure o seu Agente de Viagens e peça programa detalhado.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

IDEOLOGIA RUPTURA

Continuação da pagina nove

da classe no poder e que o fim primordial é exactamente, a subversão das concepções burguesas de «arte».

VÍTOR RAMOS

TEXTO 2

UM TRABALHO MATERIALISTA SOBRE CINEMA

Um filme: produto da actividade humana, objecto especificamente contraditório, como tal deve ser abordado. Abordado segundo os diferentes níveis de questões (1) que coloca, o que não quer dizer que seja necessário (produtivo) analisá-lo em todos esses níveis: num dado momento, num dado local, numa dada situação histórica concreta, uma questão um aspecto particular do complexo fílmico, pode tornar-se principal e então o discurso crítico deve desenvolve-la exaustivamente em detrimento de outras questões igualmente importantes, mas secundárias nesse momento em relação à tomada por principal. Opção que, não sendo aleatória, é determinada por uma atitude ideológica precisa.

Um filme: produzido e exibido num determinado momento histórico, produto da actividade dos homens que preenchem esse momento histórico, nunca pode ser autonomizado das lutas que então se travam, das ideologias que se confrontam. «No mundo de hoje toda a cultura, toda a literatura e toda a arte pertencem a uma classe determinada e tem como base uma linha política definida. Não existe, na realidade, arte pela arte, arte acima das classes, nem arte que se desenvolva fora da política ou independente dela».

Pensar ainda o filme no lugar que ele ocupa numa história **não-autónoma** do cinema, ver como ele procede do desenvolvimento desigual das contratições existentes nos grandes centros (fábricas) da indústria cinematográfica (em especial Hollywood), contradições desenvolvidas nos (e em torno dos) filmes: ver a sobredeterminação histórica-ideológica das técnicas de cinema muitas vezes dissimuladas (casa de Jean Patrick Lebel. «Cinema e Ideologia») por critérios únicos de «progressos científicos internos».

Filme complexo que se transforma por pesquisas e oposições surgidas na sua prática, dentro do próprio filme como entre filmes distintos, oposições que lhe são exteriores: a articulação externa na conjuntura política, ideológica, económica. Luta constante entre o velho e o novo, constantemente o novo surge das contradições do velho: tanto na representação de linhas opostas que traduzem interesses de classe diferentes. (p. ex., o cinema russo dos anos 20 e 30, em relação ao cinema russo precedente), como no próprio seio de uma ideologia (veja-se, a necessidade para a burguesia de revolucionar constantemente a sua ideologia, condição importante da sua perpetuação, uma das **tácticas** do seu domínio: exemplo, a ideologia da «nova vaga»).

Ler estas contradições disseminadas no discurso fílmico (e não dissimulá-las, recalcá-las, omiti-las), contradições específicas ao campo cinema ou específicas ao campo mais geral das práticas artísticas, por sua vez inscritas irrevogàvelmente no domínio das práticas (política, ideológica, económica) estruturadas com dominante, é um reflexo materialista in-omissível, ponto de partida indispensável para qualquer trabalho crítico que se pretenda materialista. Leitura transformadora: divisão do real fílmico nos seus elementos opostos, «um divide-se em dois» e não «dois fundem-se em um», base de toda a filosofia idealista que sustenta uma visão linear e não-materialista do movimento («o movimento é ele mesmo contraditório»), encobrindo o seu carácter dialético.

SOBRE O DISCURSO CRÍTICO

O trabalho crítico necessita perder progressivamente o seu peso de herança cultural. Assumindo essa herança, afastar-se-á dela, **se quiser**. Apodera-se dos valores instituídos que forem úteis (foi possível pensar o socialismo na sociedade capitalista) para re avaliá los de um modo **diferente**, segundo uma nova concepção do mundo: parte de certos acessórios idealistas e explorando as suas contradições à luz de uma dada visão do real social (a sua materialidade dialéctica e histórica), critica-os (-se), transformando-os (-se): cria um novo discurso (ideológico), que não remete para a(s) classe(s) dominante(s), mas a(s) põe(m) em causa.

Discurso tímido, evidentemente: a escrita não comanda a política, mas põe em causa as «regras do jogo» do discurso tradicional.

Discurso ainda não-materialista, mas com proposições, pistas, caminhos possíveis de «corte» com o discurso da(s) ideologia(s) dominante(s).

Discurso incompleto, condicionado (2), descontínuo, mutilado, mas discurso pertinente pela **diferença** (no sentido que Derrida dá a «différance» (3) que introduz no discurso.

O trabalho crítico precisa situar-se abertamente no campo da crítica: crítica atenta às conquistas trazidas pelo confronto político e ideológico no campo das super-e infra-estruturas.

Discurso crítico transitório, não-imutável, não eterno, mas variável consoante o local, a estratégia, o fim.

Toda a crítica que na sua actuação não promova o desenvolvimento da consciência política, não é um trabalho de crítica, não transforma, mas tão sòmente divaga ao sabor das proposições decadentes duma escrita «culinária» (Brecht) — o prazer da gastronomia, o prazer de fazê-la pelas suas próprias mãos, o prazer de saboreá-la, o prazer de sentir-se o centro dos olhares; o investimento narcísico como forma de libertação de energia psíquica (Reich).

TRABALHO DE GRUPO

Um grupo (4): local privilegiado não para escondermo-nos do desejo e do prazer, comprometidos num processo colectivo de obsessionalização, mas devido a um problema particular, não para a eternidade, mas a título transitório:

Confronto ideológico inscrito num duplo processo de análise/síntese, sincronia/diacronia, num local concreto, aqui, hoje, em Portugal, luta contra o idealismo em várias frentes, luta contra o feudalismo cultural.

Reorientação crítica não em torno da História, nem no sentido dum corte estático do real, mas uma introdução **transversa** no domínio da escrita.

O sujeito na prática de grupo **existe** (5). O sujeito do grupo é um sujeito diferente de cada um dos sujeitos individuais: é uma intertextualidade de sujeitos. Tal como um colectivo (por ex., uma classe) têm uma consciência que transcende a de cada um dos intervenientes consciência essa adquirida pelas práticas inter individuais e colectivas, o mesmo se passa com o grupo.

A consciência de grupo não é a consciência de um dos elementos, nem a sua soma, mas sim uma consciência nova proveniente de uma artivulação, de um ajuste, que destrói alguns impasses fantasmáticos e nevróticos individuais (crítica/autocrítica/transformação) assumindo as dimensões fantasmáticas específicas de grupo.

O trabalho de grupo (6) fundado na alteralidade dos sujeitos individuais não exclui o trabalho individual, mas submetendo-o à consciência de grupo, à crítica multi-lateral, transforma-o em função dos objectivos definidos comummente: escrita **para quem**, escrita **para quê**?

SOBRE O RETORNO AO MODELO

E pelo constante retorno (contemplativo e não-crítico) a modelos predeterminados e sedimentados que vulgarmente se é surdo a várias vozes (Cinéthique incluída, e mais recentemente Cahiers du Cinéma, Tel Quel, Promesse, L'autre-scéne, etc.), que alguns não se sujeitando aos modelos de análise **instituídos** alteram (criticam) constantemente as suas proposições (crítica/transformação/auto-crítica), na direcção de uma correcta inserção das práticas artísticas no seu campo de actuação específico: o campo das ideologias.

O retorno a modelos de saber «credenciados», submissão passiva às vozes «autorizadas», sob a forma de contemplação do edifício cultural, denota a reconciliação com o sistema produtor de cultura, o prazer na sua forma regressiva de onamismo. E o caso da utilização que muitas vezes se faz de Barthes, que tendo contribuições importantes a vários níveis (entre outras, a mitologia estruturada, como linguagem), deixa a cada momento rastro da sua posição de classe, o rastro do que ele pensa ser caracter fatalista da ideologia burguesa.(6) Donde, o ser preciso «saber ler», a necessidade de assumir críticamente os «mestres» e não digerir indiferentemente toda a sua prosa. «O importante para a ordem social dominante é que o modelo esteja em condições de funcionar na sociedade actual» (Guattari).

«Se existe um deus totalizador dos valores, todos os sistemas de expressão metafóricos ficam ramificados sobre o indivíduo por uma espécie de cordão umbilical fantasmático ligando-o a este sistema de totalização divina» (Guattari).

NOTAS:

(1) Donde a falta de pertinência de uma crítica em termos de ataque ou exaltação, o que remete a um sistema de avaliação estática perfeitamente idealista (bom, mau, a ver, não se mace, etc, ou ainda por estrelinhas, cinco estrelas, três estrelas, etc.). Note-se a incapacidade de EPC de ler nos textos de VR ou nos textos colectivos mais que «ataques» e «exaltações», quando o que realmente está em jogo é outra coisa, e é apenas a partir da leitura da sua diferença em relação ao discurso crítico tradicional, que a contestação crítica é produtiva.

(2) Discurso limitado pelos condicionamentos inerentes a uma página de jornal o que implica a não explanação de certas questões no seu modo próprio, a sua transferência ou ainda o seu recalcamento (provisório).

(3) «(...) o movimento pelo qual a língua, ou qualquer código, qualquer sistema de retorno em geral se constitui «històricamente» como tecido de diferenças».

(4) EPC tenta, sempre que possível, denegar o trabalho de grupo que produziu «Sobre a Estratégia da Aranha» e «Sobre Alexandre Nevski», fazendo o possível por refugiar estes textos atrás de um dos elementos constituintes do grupo (Posição aliás seguida por Lauro António, D. de Lisboa 18-1-73 quando, ao falar de «Alexandre Nevski», se refere «ao que se disse numa crítica portuguesa ao filme (Vítor Ramos)».) Tenta assim recalcar o trabalho em grupo e não enfrentá-lo como tal, fugindo à questão principal trabalho individual/trabalho de grupo, mola impulsionadora desses trabalhos, que tentam, além de outras coisas, libertar-se duma visão individualista do filme, muito do agrado de EPC: «Não se vê um filme com as palavras dos outros, mas, sim, com as nossas, e com o que isso implica.

Depois ter decidido que «Vítor Ramos tem promovido de forma sistemática entre nós um método de trabalho de tipo colectivo», afirmaçao que só se compreende por um desconhecimento do trabalho de grupo anterior à publicação dos dois textos enunciados com os textos «Citizien Kane (I), a cine-tilia a seus pés» e «Citizien Kane, o público a seus pés» (II), (III) e (IV), publicados em CF, Agosto e Setembro de 1972), adianta a sua noção de grupo como «convergência de um maior número **de idéais e de informações** acerca de um filme», donde o trabalho colectivo seria a soma do enciclopedismo de cada um, o que no caso é perfeitamente errado, já que as ideias e as informações de cada um representam um papel perfeitamente secundário em relação ao trabalho de crítica/autocrítica praticada em grupo.

(5) EPC nega a implicação do sujeito na prática do grupo: «O que se omite num texto escrito por vários é a própria implicação do sujeito que o discurso crítico exige (...)»

(6) Consideramos duas espécies fundamentais de grupos: os grupos que recebem passivamente a sua lei do exterior, conformado com a sua própria imagem deformante (grupos assujetti ou «assujeitados») e os grupos que pretendem formar-se a partir da assumpção de uma lei interna e que tentam assumir o sentido da sua prática (grupos-sujeito). Referimo-nos aos segundos, onde a aceitação de «ser posto em causa», de ser posto a nu pela palavra do outro, uma certa crítica recíproca, de eliminação das prerrogativas, tenderá a formar uma lei nova.

(7) Como o revela o extracto de Barthes feito por EPC no seu texto.

FRANCISCO SOEIRO/CARLOS LUÍS BRAVO/ VÍTOR RAMOS/JORGE TAVARES

GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345$00, todas as larguras até 3×4 m — TAPETES, PASSADEIRAS, até 1 m de largura. TERYLENES, com larguras de 1,50 m a 3 m, desde 10$00 — CRETONES, CHINTZ, CETINETAS, suíços e ingleses, RETALHOS para sanefas e ALMOFADAS, desde 5$00. VELUDOS, ALGODÃO, ACRÍLICOS ADAMASCADOS, desde 60$00. REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a preços incríveis

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º (c/ elevador)

(esquina da Rua da Prata)

"Na floresta"

Para Lélia Coelho Frota

«Sete cavalos brancos,
com sete estrelas azuis.
Sete amazonas de negro
trazem capas de burel.
sortilégios tem só uma.
Sete sortilégios são.
Qual delas?
É fim de tarde?
É madrugada?
A árvore tem sete ramos,
são sete sombras no chão».

Um mocho pia. Seria um mocho? Alice estremece, olha. O livro cai no poço com um ruído surdo. Alice chora. Não sabe o resto da história.
«Sei eu», diz um gnomo muito estranho, todo azul, que salta de dentro do poço.
Alice limpa uma lágrima ao lenço de rendinhas. Ajeita o laço e os caracóis. Compõe o vestido. Molha o dedo na saliva e limpa um risco no sapato preto deverniz.
«Sei eu», repete o gnomo.
Alice encolhe os ombros desdenhosa.
«Que podes tu saber, feia criatura?»

(os gnomos levam tempo a zangar-se. Têm uma paciência infinita)

«Sei, e posso contar-te, se quiseres.»
Alice morde o dedo. Altiva, Alice ordena.
«Conta, então!»
«Ora ora», protesta o gnomo «os segredos são coisas difíceis. Só os podem conhecer quem os merece. Se queres que te conte, tens de fazer alguns sacrificiosinhos...»
O gnomo acabou de falar arrastadamente, como se a palavra fosse maior do que ele. Isto foi o que pensou Alice, que só entendeu metade da palavra. O gnomo sentou-se em frente de Alice, no chão.
De tal forma, que só se via a cabeça. Como se estivesse enterrado até ao pescoço.
«Ridículo, horroroso, disforme'» pensa Alice. Mas... e a história?
O gnomo ajeita-se melhor sobre o pescoço.
«Dá-me a tua perna».
«Como, se tenho só uma! e onde é que usava o sapato? nem penses!»
«Então, dá-me o teu braço!»
«Isso é que não! só tenho este. Como é que havia de pentear os caracois?»
«O teu olho?»
«Essa é boa! e para que me servia depois o espelho?»
O gnomo calou-se, e ficou pensativo.
Lentamente, muito lentamente, Alice começou a derreter e ia escorregando para dentro do poço. De repente o gnomo começou a rir, saltitando dum lado para outro todo contente.

Mas...
Alice não existe. Nem o poço. Nem o gnomo. Nem o livro dos sete cavalos brancos.
Existe, sim, um quadro de Rousseau. Aqui, na minha frente. Chama-se ele, IN THE FOREST. Uma mulher, de longo vestido vermelho escuro, numa clareira da floresta verde. Ao longe, um leve tom rosado no céu. Fim de tarde? madrugada? Na mão direita, tem uma sombrinha. A esquerda pousa — insegura? — no peito.
Há quanto tempo está ali, estática, olhando para **«lá»**, para fora da moldura? espanto? medo? curiosidade? surpresa? há quanto tempo está nesta parede? neste quarto?

Alice salta do balde para a borda do poço, depois para o chão. Bate furiosamente com os pés para sacudir a lama dos sapatos. Alinha os cabelos com as mãos, apertando o livro debaixo do braço. Alice parte, ainda se ouvem algumas palavras trazidas pelo vento «... tanto trabalho, e só trago metade do livro...» e desaparece na floresta, entre as árvores.

(IN THE FOREST, a mulher de vermelho olha recesosa, não vá Alice...)

NOÉMIA DELGADO

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

A "HISTÓRIA" DE MOUSSINAC

Eis um projecto utópico: escrever uma História do Teatro. Bem sei que a aventura tem tentado gente bem intencionada porque, dir-se-à, os historiadores existem para isso mesmo. Estou neste momento a lembrar-me de alguns exemplos que constituem achegas mais ou menos importantes para a realização impossível desse projecto: os italianos Silvio d'Amico e Vito Pandolfi; a obra colectiva «Histoire des Spectacles», da Plêiade; uma obra inglesa, importante pela sua iconografia: «A Concise History of the Theatre», de Phyllis Hartnoll; as sínteses de Robert Pignarre, «História do Teatro»; de Leon Chancerel, «Le Théâtre et les Comédiens»; de Gaston Baty e René Chavance, «Vie de l'art théâtral, des origines à nos jours»; dos americanos Kenneth Macgowan e William Melnitz, «Gooden Ages of the Theater». E basta.

Não tenhamos, porém, ilusões; o que há de essencial no teatro não pode ser captado **a posteriori** e portanto traduzido nas palavras e nos conceitos dos historiadores, tanto mais que aqueles não dispunham, até há pouco tempo, em relação ao teatro antigo, de material de trabalho que actualmente torna possível fixar, pelo menos parcialmente, as formas que o teatro assume. Refiro-me em especial à filmagem integral de espectáculos importantes (1) e ao levantamento das suas estruturas cénicas em estudos como aqueles que constituem os três volumes de «Les Voies de la Création Théâtrale».

O teatro existe, fundamentalmente, nas relações que se estabelecem entre o palco e o público, na forma como vence a resistência que essas relações podem, ou não, provocar. O teatro é, pois, uma função estética e uma realidade social determinada também por razões históricas e políticas. Quase tudo isto escapa, inevitàvelmente, ao historiador. Pode este prospectar as suas origens; analisar cuidadosamente os textos, os documentos, as imagens que ficaram como resquícios históricos a partir dos quais é possível levantar cartas em que se referenciam certos aspectos (aliás, importantes) do teatro. E muito difícil, é impossível, ir além disso, ultrapassar os limites em que o teatro deixa de ser um dado històricamente referenciável para ser uma realidade viva. E o teatro não pode deixar de ser a história (a autópsia) de um cadáver. E mesmo assim é fascinante.

Normalmente, os historiadores contentam-se em fazer uma análise dos textos teatrais e dos textos teóricos relacionando-os (e nem sempre) com o respectivo contexto histórico. Isto em relação ao teatro ocidental, cujos documentos são naturalmente mais conhecidos e acessíveis, esquecendo as formas importantíssimas do teatro do Oriente. Os excepcionais conhecimentos de que Moussinac dispunha, permitiram-lhe ultrapassar esses limites. A sua «História do Teatro» que tem como subtítulo «Das Origens aos Nossos Dias» procura fazer uma síntese das formas teatrais mais importantes em todas as civilizações tendo em vista permitir ao leitor a possibilidade de detectar as relações que se estabeleceram entre essas formas e através delas as próprias relações sociais e históricas que se criaram entre essas civilizações.

Na introdução, Moussinac analisa as origens do teatro que, com as opiniões mais generalizadas, seriam de ordem religiosa, mais pròpriamente mágica. De acordo com esta interpretação, o teatro começou no momento em que o homem comunicou pela primeira vez com os outros através dos movimentos que criou com o seu próprio corpo. Diz o historiador: «Este **jogo mimético** é já teatro; oferecendo-se em espectáculo, o homem é já um **actor.**» (Pág. 8; sublinhados do autor). Relacionando a história do teatro com a história do homem, afirma Moussinac: «A história do teatro apresenta-se como a história de uma das formas da actividade humana, e, precisamente, por isso, está constantemente submetida às leis do desenvolvimento social do grupo, do clã ou da tribo (e depois da cidade, da nação ou do estado) (pág. 8). Encontramos, logo a seguir, a vinculação da obra a uma definição firme do teatro que «como todas as outras formas de expressão, se tornará cada vez mais uma conquista, uma forma de conhecimento, um vínculo social, uma arma e um enriquecimento do humano, uma tomada de consciência, um **espelho da sociedade.** (Sublinhado do autor — Pág. 11).

No capítulo referente aos Teatros da Ásia, Moussinac descreve ràpidamente — o que não significa superficialmente — o teatro da Índia — origem possível de todo o teatro de marionetes; javanês, de que distingue em especial o teatro de sombras; japonês e chinês. Neste último, refere-se ainda ao teatro do primeiro período da Revolução comunista e às transformações de que esta foi causa.

Falando do teatro turco, Moussinac refere aquilo que poderemos considerar possìvelmente a forma primitiva dos actuais cafés-teatro, aí constituída por representações de teatro de sombras. Segue-se uma análise do Teatro na Antiguidade, com início no Egipto, afirmando o autor que foi aqui — e não na Grécia, como vulgarmente se pensa — que o teatro foi inventado, com origem ainda no cerimonial religioso. Do Egipto, passa-se para Creta a cuja civilização os gregos foram buscar algumas das suas mais célebres manifestações, incluindo as Olimpíadas e os concursos dramáticos.

O autor demora-se mais tempo na Grécia, como não podia deixar de ser, traçando a evolução das formas que o seu teatro assumiu a partir da sua «evolução primitiva natural». Analisa as obras dos principais autores gregos integrando essa produção no seu respectivo contexto histórico e social.

Segue-se — para terminar este capítulo — a evocação do teatro romano, considerando que a sua principal contribuição para a história do teatro foi constituída pelas **atellanas,** cuja origem da **commedia dell'arte** cuja importância na evolução do teatro é bem conhecida. Por fim, refere-se a Vitrúvio cujas concepções arquitectónicas determinaram em grande parte as formas de um novo teatro em todo o Ocidente.

No capítulo seguinte — O Teatro Medieval — Moussinac sublinha a importância dos mistérios — forma religiosa de teatro da época — na fixação das «formas plásticas da civilização tanto no domínio da pintura como da escultura». Não se limitando a uma evocação dos principais acontecimentos teatrais, Moussinac chama a atenção (pág. 99) para a actividade dos amadores, cujo teatro virado para as suas formas mais populares, como a comédia, representa o traço de união entre o passado e o futuro. Moussinac defende a importância do teatro medieval nos seguintes termos: «O teatro medieval apropriava-se de tudo, dirigia-se a todos; o processo alusivo que utilizava muitas vezes, e que podíamos chamar de «circunstancial», em nada o diminuía no seu carácter popular e universal.» (pág. 101).

Surge, a seguir, a primeira referência ao teatro português: «O prestígio das **representações sacras** de Ruão, Orleães, Limoges, Burges, espalhara-se muito além dos limites do reimo. O êxito dos trovadores lomosinos, languedócios, provençais, picardos, das canções de gesta e dos mistérios agiu incessantemente no crescimento do espectáculo medieval, principalmente em Espanha e Portugal, na Inglaterra, na Flandres e nos Países Baixos. Até ao século XV, o **trovador** e o **jogral** impuseram-se por toda a Península Ibérica, divertindo os ricos e os miseráveis.» (pág. 104). Depois de uma breve referência às origens do teatro espanhol (com Gomez Manrique, Lopez de Yanguas e Juan del Encine) surge o primeiro texto de Luíz Francisco Rebello que se refere às origens do teatro português confirmando o facto de estar definitivamente posta de parte a «tese romântica» de que o nosso teatro teria nascido com Gil Vicente. Segundo Rebello, a primeira manifestação conhecida teria sido durante o reinado de Sancho I, com a intervanção de dois jograis. Evoca seguidamente as manifestações do teatro religioso, a partir do século XIII, lembrando as «Landes e Cantigas Espirituais» de André Dias. O historiador português cita ainda Henrique da Mota, cuja obra, afirma, «anuncia a sátira vicentina». (págs. 107/109).

Moussinac fala do teatro medieval na Inglaterra, nos Países Baixos, na Alemanha e, finalmente, em Itália, terminando por referir, como forma popular que «irradiou surpreendentemente por toda a Europa»: a **commedia dell'arte.**

Abrindo o capítulo dedicado ao Teatro Renascentista, fala-se da Itália com incidência a importantes contribuições que o teatro lhe ficou a dever, sobretudo no que diz respeito à organização do espaço cénico. Volta à baila o nome de Vitrúvio e surge a ideia do teatro como ilusão reforçada pela **perspectiva cénica** que os italianos inventaram.

Depois da Itália — com predominância especial da **commediadell'arte** — com um nome ainda hoje interessante: Angelo Beolco, o Ruzzante — aparece o teatro em França com um nome importante por ter conseguido ao que parece, «alcançar uma audiência quase popular»: Robert Grenier (sec. XVI).

Moussinac estuda, seguidamente, um dos mais importantes períodos da história do teatro: a época isabelina. Não se limitando a analisar os textos dramáticos, o autor procurou sempre referir a evolução não só do espaço cénico em que esses textos se transformam em teatro como o espaço em que o próprio público se situa, sublinhando o significado social das diferenciações estabelecidas nesse espaço. O historiador passa constantemente do geral ao particular, da totalidade ao pormenor, o que constitui como que o ritmo da obra. Por exemplo, a referência (pag. 159) à peça «Arden Fevesham» que considera notável e de que há várias versões contemporâneas. A seguir ao estudo da obra de Marlowe surge, finalmente, Shakespeare. Todavia, hoje as páginas de Moussinac sobre o autor da «A Tempestade» não me pareçam muito estimulantes, sobretudo depois dos estudos de Jan Kott.

O capítulo seguinte intitula-se, an tradução, «O Século de Ouro em Espanha e Portugal», embora me pareça exagero comparar a actividade teatral dos dois países. Depois de uma referência mais dilatada a Gil Vicente, Rebello refere-se aos seus continuadores, e a Sá de Miranda e António Ferreira, sobretudo.

Lope de Vega e Calderon de la Barca justificam as largas referências de Moussinac.

«O Teatro Clássico e Barroco» abre com um estudo do Teatro Francês do Grande Século (equivalente ao Século deOuro com Corneille, Racine, Molière). Segue-se a Alemanha e a Áustria. Novo texto de Rebello inicia-se com uma referência histórica importante: «Em Portugal, a dominação castelhana veio completar a acção nefasta do Santo Ofício, estilizando as fontes originais do teatro português, cuja evolução sofre, entre as últimas décadas de quinhentos e as primeiras de setecentos, uma longa e penosa solução de continuidade». (pag. 240).

A predominância da burguesia que começou a registar-se no século XVII, veio alterar profundamente o panorama do teatro, como o reconhece o autor da «História de Teatro», no capítulo intitulado «O Nascimento do Teatro Burguês no Século XVIII». Depois de estudar o teatro inglês desse período, Moussinac fala do teatro em França (Voltaire, Diderot, entre outros; depois, Marivaux e Beaumarchais). Note-se uma breve referência à música e à dança (Noverre), a pags. 295/296. Seguem-se a Alemanha e a Áustria (Lessing e depois o **Sturm und Drang**); Itália (Metastásio, Goldoni, Alfieri).

Luís Francisco Rebello lembra a Arcádia Lusitana (Correia Garcão. Manuel de Figueiredo, autor ao que parece mais importante do que se tem dado a entender, inclusive neste texto, Reis Quinta, Cruz e Silva, etc). Rebello termina este capítulo com uma primeira referência a Garrett a propósito da estreia de «Catão».

«O Teatro Romântico» abre com a França:«Com a Revolução, o teatro em França tornara-se um instrumento de propaganda política, a arte devia estar ao serviço da virtude e da liberdade» (pag. 327). Victor Hugo, Musset; surge o melodrama (de origem italiana) e o vaudeville. Assim chegamos ao teatro de boulevard manifestação, por excelência, de uma sociedade mercantilista. Torna-se obrigatória a referêndia aos actores que começam a transformar-se em autênticos monstros sagrados: Talma, Rachel, o mimo Deburau.

Voltando ao teatro de língua alemã, Moussinac refere Kleist, Goethe, Schiller, George Buchnerl cuja obra mantém plena actualidade; Itália (Sílvio Pellico, Manzoni); Inglaterra, com actores como Kean, Kemble, Macready).

O capítulo «A Evolução do Teatro Contemporâneo» abre com o estudo do Renovamento da Encenação: «A história do teatro contemporâneo não pode ser considerada como uma história da literatura dramática, pois que a arte teatral se tornou independente, ainda que «a peça» continue a ser o elemento essencial da interpretação, da encenação, dos cenários e, por vezes, da música (pag. 363).Surgem os nomes dos grandes teóricos e dos grandes artistas do século XIX e princípios do século XX: o suiço Adolfo Appia, os alemães Georg Fuchs e Mac Reinhardt, o inglês Gordon Craig. Em relação ao teatro alemão, Moussinac evoca entre outros, Frederic Hebbel, Wagner, Gerardt Hauptmann, Frank Wedeking, Ernst Toller. Estamos em pleno expressionismo — cuja análise não me parece muito convincente — com uma referência que hoje parece demasiado breve a Erwin Piscator, até Brecht tratado de forma demasiado esquemática pois Moussinac, quando escreveu a sua obra, não podia imaginar a importância assumida pela actividade prática do dramaturgo e a influência exercida pela teórica brechtiana. O mesmo direi, aliás, em relação a Antonin Artaud. Referências muito breves ao teatro suiço e escandinavo (Eis Ibsen, Bjornson, Strindberg).

Em França, o boulevard atinge o apogeu (Labichel Sardou, Feydeau). Noutro plano, Bataille, Bernstein — o boulevard do drama. Actores: Coquelin, Sarah Bernhardt, Réjane, Lucien Guitry. Chegamos ao naturalismo e ao Teatro Livre de Antoine. Depois, vêm Dullin. Copeau, Baty, e por aí fora, Jouvet, Barrault, etc.. Referência breve ao Teatro Nacional Popular e Jean Villar. Surgem Audiberti, Ionesco, Adamov, Beckett. Moussinac faz seguidamente referências breves ao teatro belga, inglês, italiano, espanhol.

Luís Francisco Rebello fala de Garrett até aos nossos dias, terminando, pois, a sua conttribuição para a «História» de Moussinac. Uma nota importante dessa contribuição: «A vida teatral de um país é constituída, essencialmente, pelos espectáculos que nele sobem à cena, e a literatura dramática só em potência os contém. As limitações que condicionam o teatro português contemporâneo — desde a concentração quase exclusiva das manifestações teatrais na capital à acção coerciva da censura prévia — impedem-no de atingir aquele grau de vitalidade que, noutras épocas, conheceu, mau grado o esforço de algumas companhias independentes, de alguns directores mais exigentes e a acção relevante, embora marginal, dos agrupamentos universitários». (pag. 458).

Depois de um pequeno texto sobre o teatro brasileiro (suponho que também de Rebello), Moussinac refere-se a «O Teatro Grego Contemporâneo»; «O Teatro Russo»; «O Teatro Judeu»; «O Teatro Búlgaro e Romeno»; A Jugoslávia e a Checoslovaquia«; «A Hungria»; o volume termina com uma história muito breve do teatro norte-americano.

Embora condicionada por uma concepçãv discutível — **o teatro como espelho da sociedade** — a «História do Teatro», de Moussinac é ainda hoje muito importante pela carga informativa que contém, sobretudo no qu se refere ao Teatro de Antiguidade e ao Medieval, apoiada por uma galeria iconográfica realmente notável. Lamento, apenas, que sob esse aspecto a edição portuguesa seja inferior à original em virtude, suponho, das gravuras terem sido feitas a partir das ilustrações daquela, Infelizmente, a parte contemporânea é mais débil pois a obra, nesse ponto, está já desactualizada. Autores escaparam a Moussinac, porque só mais tarde a sua recuperação foi feita: é o caso do alemão Jacobs Lenz, considerado hoje o mais genial representante do movimento «Sturm and Drang».

A parte portuguesa, embora sem trazer novidades, insere-se com facilidade no texto original. Versão fiel e correcta de Mario Jacques.

Sendo a nossa bibliografia teatral tão pobre, não será necessário acrescentar que este livro é uma obra de consulta indispensável tendo em conta a necessidade de conhecer outras obras sobre o teatro do nosso tempo.

(1) Não seria tempo de qualquer entidade portuguesa a Gulbenkian, por exemplo — ir pensando na necessidade de filmar os espectáculos que, porventura o mereçam? São tão poucos que a despesa seria mínima. Proposta: a filmagem de «As Criadas», para fixação, sobretudo, do trabalho das intérpretes.

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

BALZAC DEPOIS DE BECKETT OU A BUSCA DE UMA INOCÊNCIA PERDIDA

EDUARDO LUÍS 32 quadros e alguns desenhos
Galeria 111

Tive a sorte de ver, vai fazer quatro anos para o mês que vem, uma exposição de Eduardo Luís em Paris. De umas notas que na altura apontei, sobressai que já nessa altura Eduardo Luís estava como que elaborando um inventário restrito de certos objectos que funcionavam aos mais variados níveis: organização do espaço, símbolo, palavra, sendo aliás o próprio quadro uma «ardósia», o que reforçava o seu carácter objectal. Ao mesmo tempo construía Eduardo Luís uma série de espaços que mùtuamente se interpenetravam quando não se contradiziam: o desenho infantil (agora desaparecido), o quadro-quadro preto que é a ardósia, o espaço cúbico renascentista, o «trompe-L'oeil» de modo que nunca era possível dar nem havia, uma leitura certa de um quadro-ardósia, mas sempre um movimento de olhar e do entendimento à volta e em torno dele, o que se tornava extremamente sugestivo.

Pelo que me foi dado verificar agora, ao ver as 32 telas expostas na Galeria 111, não houve mutações bruscas, a não ser o desaparecimento total das ardósias, permanecendo no mundo imaginário e plástico de Eduardo Luís bom número de objectos que já o habitavam então; alguns com função análoga (ex.: o rbanete). A maior diferença é o aparecimento de ùma muito patente tensão entre a pintura-pintura, bem visível no tratamento de certas superfícies alguns vegetais, os círculos coloridos extremamente fascinantes), e o «trompe-L'oeil» ou as superfícies planas que parecem até não-artesanais, numa dialéctica do «bonito» e do «neutro» que obriga a pensar, a rever e a pensar novamente.

A acompanhar a expsição está também à venda (por uns escandalosos 50$00) um catálogo que, coisa rara, se torna num razoável instrumento de trabalho por conter uma curiosíssima conversa entre Fernando Gil e Eduardo Luís, a qual, mal grado o seu final esotérico, contém não poucas pistas e algumas tomadas de posição do pintor que nos ajudam a melhor entender o seu trabalho actual. E, perdôem-me o parêntesis, extremamente útil que os portugueses da arte dialoguem com o público, certamente que não há nível do beija-mão aos raríssimos compradores, nem apenas ao nível daqueles que se resolveram a comprar o catálogo, mas para com todos aqueles que se interrogam ou maravilham perante o espectáculo do seu trabalho.

DESCRIÇÃO

A tensão ente uma pintura-pintura e uma (falsa) impessoalidade processa-se, nestas telas de Eduardo Luís, através da apresentação de objectos que vão desde o puramente pictórico, acentuando uma superfície que é a do quadro (os discos), ao ilusionismo exacerbado do «trompe-L'oeil». Carregados de valores vários, estes objectos indicam um sem número de leituras e constituem por eles próprios um acervo de significados de bases com o qual joga Eduardo Luís para obrigar o espectador pensante (espécie muito mais rara do que se supôe) a pensar contìnuamente do visual ao mental. Enumeremos os principais de entre eles:

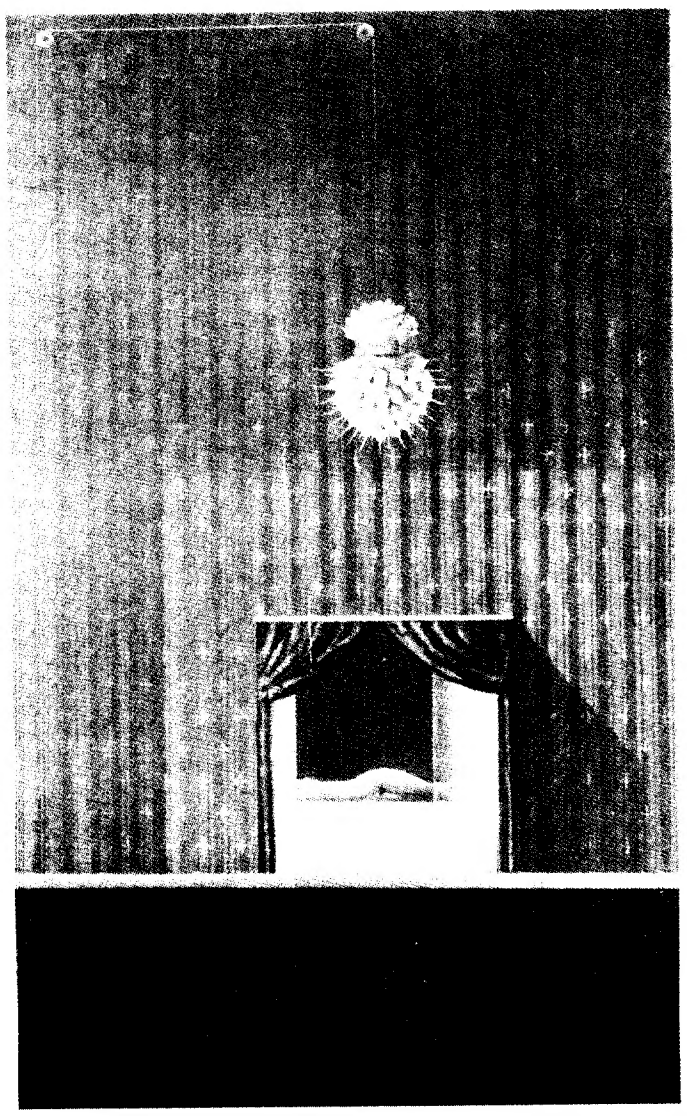
a. Mulher. «A mulher são seios, nádegas, braços, uma cabeça: o todo não existe, o Eterno Feminino é, mas desmembrado, esquecido como tal», diz Eduardo Luís (Cat. pág. 6). Essa presença feminina estende-se também a toda uma série de objectos vegetais, aos alvos que são também os círculos, sendo uma constante na sua pintura.

b. Vegetais. Pepinos, laranjas abertas, rabanetes voadores (que numa das pinturas substituem a chuva de oiro sobre uma moderna Danee), couves, ou como diz Fernando Gil (Cat., pág. 7) «os vegetais são coisas que se comem, mas também Zeus, participando assim «cada elemento do quadro de duas memórias que são a mesma», ora elementos figurativos quase neutros ora insólitos presenças em «trompe-L'oeil», ora manifestando-se como exercícios de pintura académica, eles intervêm na pintura em todos os níveis, textura, composição, sistema e símbolo, por eles passamos da pintura ao pintado, do pintado à significação que será sempre, mesmo quando uma alegoria é visível («Au Boucher Végétarien», «O 7.º Disfarce de Zeus», são disso bons exemplos) uma das leituras possiveis.

c. Paisagens (cidades). Pela maneira como são e estão representadas, aparecem-me sempre como uma citação de pintura académica muito reles. Propositadamente lambidas, representam talvez uma imagem-tipo que da «paisagem ideal» se lança um pintor de domingo sem imaginação. A maneira como funcionam é extremamente significativa, embora diversa; reflexo de coisa nenhuma (A Mulher e o Lobo»), aparecem-nos outras vezes no mais baixo registo de uma tela, como se tratasse de um fragmento de **pintura antiga** ainda não recoberta, aparecendo-nos ainda irònicamente projectada na superfície de um cubo vazio («Mirage») ou nas peças de um «Puzzle».

d. Fita. Diz o pintor (Cat., pág. 7): «Lembro-me de ter visto na ópera chinesa jogos de fitas e bandeiras. Elas podiam aí representar o vento, o mar, o movimento, a ondulação, a repossuir assim um sentido ritual. Mas vi os mesmos jogos no circulo, já fora de um código determinado. São então elementos de pura virtuosidade acrobática. Penso que a minha puntura está entre as duas coisas.» Trata-se, evidentemente, de um elegante elemento de composição, para encher e ritmar o vazio negro de certas superfícies, outras vezes aponta para um sentido de visão que é um sentido de leitura («L'Orange en Cage»): transformada em bandeira ou em seta, a fita impõe a essa mesma leitura visual um sentido inverso daquele a que no Ocidente estamos habituados (direita-esquerda), o que é também um quase imperceptível elemento perturbador.

e. Círculos, alvos espirais. Sao quase sempre afirmações sensuais da superfície do quadro, valorização retiniana da pintura-pintura que funciona quase como armadilhas do (para o) olhar que nunca se cumprem inteiramente, dada a parte relativamente pequena de superfície do quadro que ocupam.



«O Sétimo Disfarce de Zeus»: uma Danaa moderna.

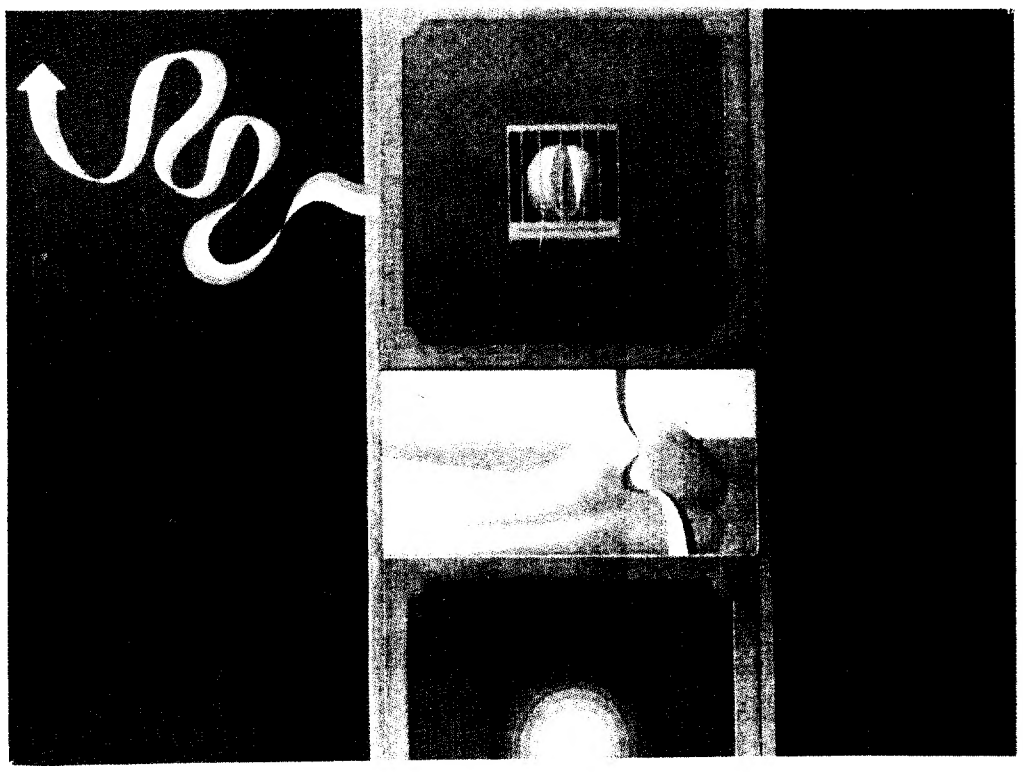
AVALIAÇÃO

Quais as intenções do pintor? Isto é moderno ou antigo? Vinho velho em odres novos? Novo alento da pintura de cavalete? (A) Mitologia (grego-latina) up-to-date? E estamos daqui a ver certos hipotéticos amadores-compradores-esclarecidos a dizer que «este sim, sabe pintar, como... o Salvador Dali»!

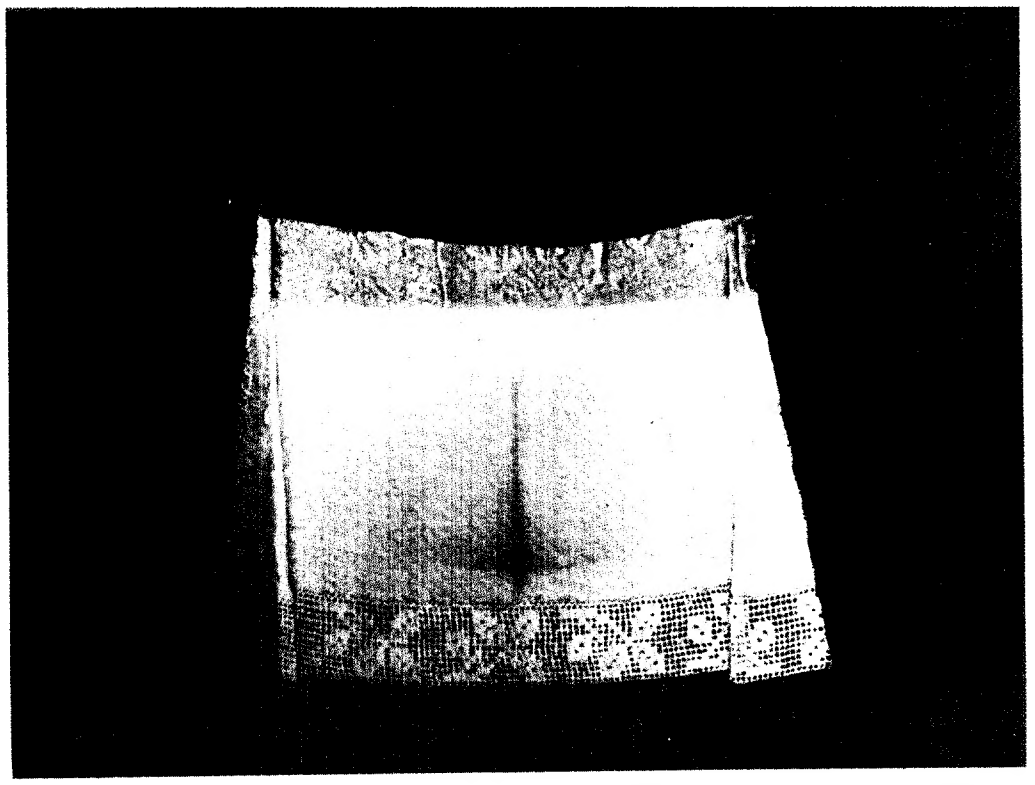
Pintura pós-moderna lhe chama, e muito bem, Fernando Gil no catálogo, Balzac depois de Beckett, ou seja, a busca de uma inocência perdida no acto de pintar e de significar pintando, inocência esta que para Eduardo Luís foi ainda a dos surrealistas. O surrealismo é, diz-nos, «um combate finalmente de **arrière-garde** que se passa ainda e sempre num espaço euclidiano (por isso não tem sentido que me tenham chamado surrealista e até... clássico!). Como o realismo tradicional, o surrealismo queria também, em última análise, que o signo se apagasse diante da coisa ou o significante em face do significado» (Cat., págs. 9 e 10). Certamente que quando Breton falava do quadro como uma «janela aberta» para um além imaginário, estava a referir-se a uma pintura (Y. Tanguy, Magritte) que sòmente ao nível do imaginário era revolucionária. No entanto, se a pintura de Eduardo Luís não é pós-surrealista, bebe também nalgumas das fontes em que estes beberam, mormente o Magritte da série «L'Empire des Lumières».

Aliás, é o próprio pintor que define o seu trabalho (Eduardo Luís, Cat., pág. 10, sublinhado nosso): «Ela é certamente uma pintura anti-romântica, anti-expressionista e uma recusa da escrita pessoal, da caligrafia. **A procura de uma escrita anónima»**, e aqui toca o pintor um grave problema de produção e da pesquisa artísticas. Que anonimato busca? Uma cidificação do Imaginário? A supressão da figura mítica do produtor, cujo exacerbado cultivo ligado ao nome que vale (isto é, que vende) trouxe consigo a destruição possível do quadro de cavalete que Eduardo Luís tão brilhantemente cultivas?

Tais palavras significam certamente uma clara tomada de consciência dos problemas da evolução (mutação) necessária na arte ocidental. Este homem consciente é também o produtor dos objectos luxuosos e bonitos que também são os seus quaadros, fruto de trabalho e meditação, expostos agora ao nosso louco mercado. Ambiguidades necessárias? dolorosas? compensadoras? Muito reais também, a única certa realidade com que o artista e o crítico se tem que defrontar todos os dias e sem quaisquer ilusões.



«L'Orange en Cage»: o círculo-alvo, a mulher e a laranja aberta, unificada por uma fita-seta-percurso visual-mental.



«Relíquia Herética»: vários níveis de significado, de ironia e de agressividade.